CAOS E TERROR

A greve da polícia mergulha o Espírito Santo no inferno – e ameaça contaminar as polícias de outros estados

O DRAMA DE BRUNET

A verdade sobre a agressão contra a ex-modelo pelo seu parceiro bilionário

Abril

veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2517 - ano 50 - nº 7
15 de fevereiro de 2017

LAVA-JATO

Agora é para valer: os movimentos para sabotar a operação anticorrupção estão no governo, no Congresso, no Supremo e até na Polícia Federal

Saiba por que isso está acontecendo

LANÇAMENTO

NOVO ix35 2018

APRESENTANDO A ÚLTIMA MARAVILHA DA TECNOLOGIA AUTOMOTIVA.

TECNOLOGIA ISG: INTELLIGENT STOP & GO.

ix35 2.0 FLEX

Últimas unidades 2017

A PARTIR DE

R$ 99.990

MOTOR 2.0 FLEX COM 167 CAVALOS | TETO SOLAR PANORÂMICO | SISTEMA DE MONITORAMENTO DE PRESSÃO DOS PNEUS | AR-CONDICIONADO DUAL ZONE | NOVO SISTEMA DE CONTROLE DE ESTABILIDADE | FAROL COM PROJETOR E FITA EM LED | LANTERNATRASEIRA EM LED | NOVA GRADE | 8 BOLSAS DE AIRBAGS | BANCOS, VOLANTE E MANOPLA DO CÂMBIO DE COURO | ASSISTENTE DE FRENAGEM EM DECLIVE | BOTÃO START STOP | AJUSTE ELÉTRICO DO BANCO DO MOTORISTA

ix35 MODELO 2018

GARANTIA HYUNDAI 5 ANOS
SEM LIMITE DE QUILOMETRAGEM
CONSULTE CONDIÇÕES NO SITE

LANÇAMENTO

TECNOLOGIA ISG: INTELLIGENT STOP & GO.

DESLIGA E RELIGA O MOTOR AUTOMATICAMENTE EM PARADAS BREVES, PROPORCIONANDO MAIOR ECONOMIA DE COMBUSTÍVEL, AUMENTO DA EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E REDUÇÃO DOS NÍVEIS DE EMISSÃO DE POLUENTES.

Os itens apresentados neste anúncio são referentes ao veículo Hyundai ix35 2.0 GLS Flex Automático 2017/2018, catálogo 999P. Consulte outras versões nas concessionárias Hyundai. Preço de R$ 99.990,00 à vista referente ao Hyundai ix35 2.0 Flex, catálogo GBDJ1 2016/2017. 167 cavalos com etanol. Oferta válida até 15/2/2017.

www.caoa.com.br/hyundai

Todos juntos fazem um trânsito melhor.

CAOA MONTADORA

CAOA MONTADORA. 100% BRASILEIRA.

HYUNDAI | NEW THINKING. NEW POSSIBILITIES.

PRESUNTO DE PARMA
SEARA GOURMET.

PARA OS PALADARES
MAIS EXIGENTES DO MUNDO.

Imagens ilustrativas.

WMcCANN | SEARA

Seara

Gourmet

EXISTE O BOM. O ÓTIMO.
E SEARA GOURMET.

O legítimo presunto
de Parma, importado
diretamente da Itália,
maturado por 14 meses
e sem conservantes.
Experimente toda a linha.

ÍNDICE

veja

EDIÇÃO 2517 | ANO 50 | Nº 7

62 O caos no Espírito Santo

78 Luiza Brunet com Lirio Parisotto: paixão, agressões e processo

40 Alexandre de Moraes: o provável novo ministro revisor da Lava-Jato no STF

10 Carta ao Leitor
13 Entrevista Roberto Kalil Filho
20 Leitor
24 Imagem da Semana
26 Datas
28 Conversa com Eduardo Sterblitch
30 SobeDesce
30 A Lista
32 Radar
35 Sensacionalista
36 Veja Essa

40 Lava-Jato O cerco dos poderosos contra o combate à corrupção
49 Dora Kramer
50 Novas revelações sobre o tríplex do ex-presidente Lula
52 Estados Unidos Quem está por trás das decisões de Trump
55 Equador As eleições sem o bolivariano Rafael Correa
56 França Emmanuel Macron, o candidato anti-Marine Le Pen
58 Primeira Pessoa Roger Pinto Molina
60 Polícia O Espírito Santo vira praça de guerra

70 Economia O alívio na inflação e na taxa de juros
72 O que muda com a nova Lei de Telecomunicações
73 André Lahóz Mendonça de Barros
74 Página Aberta Roberto Azevêdo
76 Gente
78 Sociedade Os bastidores da violenta relação de Lirio Parisotto com Luiza Brunet
86 Vida Digital Novo recurso do Facebook auxilia pessoas afetadas por catástrofes

87 Educação Ministro anuncia mudanças no Fies
87 Claudio de Moura Castro
88 Livros *O Ruído do Tempo*, de Julian Barnes
92 Cinema *Lion*, com Dev Patel e Nicole Kidman
94 Televisão *American Crime Story: The People v. O.J. Simpson*, de Ryan Murphy
95 João Cezar de Castro Rocha
96 VEJA Recomenda
97 Os livros mais vendidos
98 J.R. Guzzo

© ADRIANO MACHADO/REUTERS; GABRIEL LORDELLO/AG. O GLOBO

Tiragem 975 220 exemplares

FCBBRASIL

Consulte mais informações em www.smiles.com.br.

O melhor clube de benefícios
para viajar é o Clube Smiles.
Nem precisa comparar!

É MAIS FÁCIL

Já imaginou receber milhas todo mês e ter acesso antecipado a promoções? Com o Clube Smiles isso é possível. Você junta milhas num piscar de olhos e tem vantagens exclusivas para viajar sempre que quiser. A partir de 42 reais, você garante 1.000 milhas todo mês. Já parou para pensar que isso pode dobrar o que você já acumula no seu cartão de crédito? É só fazer a conta. Faça parte do Clube Smiles: o jeito mais rápido de juntar milhas e conhecer o mundo.

SUAS MILHAS VALEM POR ATÉ 6 ANOS MAIOR VALIDADE DO MERCADO

Cadastre-se grátis em
SMILES.COM.BR/EMAISFACIL | BAIXE O APP

Smiles

É mais fácil viajar com a Smiles

SUPREMAS DIFERENÇAS

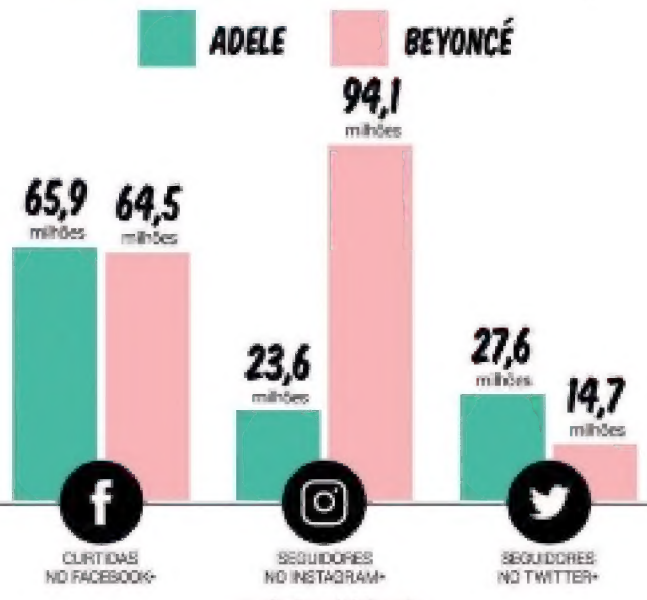
Nos últimos cinquenta anos, sete ministros indicados pelo presidente dos Estados Unidos para a mais alta corte do país naufragaram diante da resistência dos senadores. No Brasil, em mais de 100 anos, após Floriano Peixoto, todos os escolhidos pelo chefe da República foram acatados pelo Legislativo. Enquanto o Senado se prepara para sabatinar Alexandre de Moraes para a vaga aberta com a morte de Teori Zavascki, especial de VEJA.com mostra diferentes modelos de indicação e funcionamento das cortes constitucionais em sete países. Um dos contrastes: por que o Supremo Tribunal Federal julga quase 100 000 casos por ano, enquanto a Suprema Corte dos EUA decide apenas sobre 82? abr.ai/supremo

"Eu pego todas"

Em TVEJA, a cantora Ana Carolina, que está lançando o show do livro *Ruído Branco*, diz que sua música atinge qualquer classe social. abr.ai/anacarolina

A BATALHA DAS DIVAS

Beyoncé e Adele se enfrentam em um duelo de estrelas no Grammy 2017. Beyoncé tem nove indicações, e Adele, cinco. Confira em abr.ai/grammy especial sobre os caminhos trilhados pelas cantoras e os números épicos da carreira delas, e acompanhe em www.veja.com.br a cobertura on-line da premiação neste domingo. ■



xp investimentos

xpinvestimentos.com.br

Onde investir em 2017?

MAP

DÊ O PRIMEIRO PASSO COM A ASSESSORIA DE INVESTIMENTOS XP.

Na XP, você tem o acompanhamento de um assessor que avalia seus objetivos e apresenta as oportunidades mais adequadas ao seu perfil de investidor. Tudo com transparência, imparcialidade e a diversidade de um dos maiores portfólios de produtos do mercado.

Em 2017, valorize seus investimentos. Mude para a XP.

15 ANOS DE MERCADO

R$ 50 BILHÕES SOB CUSTÓDIA

MAIS DE **200 mil CLIENTES**

xp taxa ZERØ para TED e manutenção de conta

Invista sem taxas de abertura e manutenção de conta e sem tarifas de TED para retirada.

Murilo Benício
Ator e investidor XP

OS QUATRO Leonardo Lanna, Marcelo Zorzanelli, Martha Mendonça e Nelito Fernandes: coluna semanal

O HUMOR DO SENSACIONALISTA AGORA EM VEJA

QUEM JÁ OUVIU FALAR do Sensacionalista deve lembrar seu impagável slogan: um jornal "isento de verdade". Quem já leu as notícias satíricas publicadas pelo Sensacionalista tornou-se fã. Criado em 2009 como um site na internet, o Sensacionalista começou com a mesma proposta que mantém até hoje: fazer piada, em forma jornalística, com os acontecimentos mais relevantes no Brasil e no mundo. Em seis anos, o site só cresceu, mas sua explosão ocorreu na campanha presidencial de 2014. "A polarização daquela campanha foi uma maravilha para o humor", diz o jornalista Nelito Fernandes, o criador do site.

Hoje, o Sensacionalista recebe 10 milhões de visitantes únicos todo mês e sua página no Facebook reúne 3 milhões de curtidas. É essa potência do humor nacional que VEJA começa a publicar todas as semanas a partir desta edição. Em VEJA.com, também a partir de agora, o Sensacionalista terá um blog em que fará atualizações sempre que julgar conveniente.

APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E ASSISTA À REUNIÃO DE PAUTA DO SENSACIONALISTA

A equipe do Sensacionalista vive o humor. Nelito Fernandes e a também jornalista Martha Mendonça atuam como roteiristas de humor no *Zorra*, programa que a Rede Globo leva ao ar nos sábados à noite. O outro integrante da turma, Leonardo Lanna, trabalha no *Tá no Ar*, o humorístico que a Globo exibe nas noites de terça-feira. O quarto membro, Marcelo Zorzanelli, também é jornalista e o único do grupo que se dedica exclusivamente ao próprio site do Sensacionalista.

É tradição de VEJA abrir espaço para o humor. Menos de três meses depois de seu lançamento, em 1968, a revista inaugurou duas páginas com as sátiras de Millôr Fernandes (1923-2012), que foram publicadas durante catorze anos. Ele foi sucedido por grandes nomes do humor nacional como Luis Fernando Verissimo e Jô Soares. Agora, é a vez do Sensacionalista, com o qual VEJA leva a leitores e internautas um pouco de graça e de riso. Confira — e segure-se para não cair da cadeira ao gargalhar — na página 35.

***

Outros dois colunistas fazem sua estreia nesta edição. Em economia, o jornalista André Lahóz Mendonça de Barros, diretor de redação da revista EXAME, da Editora Abril, que também publica VEJA, passa a escrever mensalmente, oferecendo aos leitores a argúcia, a elegância e a objetividade de suas análises econômicas. Em cultura, a novidade é João Cezar de Castro Rocha, professor de literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e um dos mais destacados críticos e estudiosos da literatura do país. Os novos colunistas estão nas páginas 73 e 95. ■

CHRISTIAN BALD

JAGUAR F-PACE

O MELHOR SUV PREMIUM DO ANO TEM MUITO A OFERECER.

JAGUAR

JAGUAR F-PACE
MELHOR SUV
PREMIUM DO ANO

Impossível não se impressionar com o design e a sofisticação do nosso primeiro SUV. Na versão Jaguar F-PACE Prestige, ele apresenta motor 2.0 Turbocharged Diesel, faróis de Xênon com luzes de circulação diurna "J-Blade" em LED, assentos em couro Taurus e teto solar panorâmico. Um veículo que combina potência com muita tecnologia e versatilidade para o seu dia a dia. A alta performance com condições exclusivas para você.

Aproveite para conhecer também os produtos e acessórios diferenciados da Jaguar Collection.

Visite uma concessionária e faça um test drive.

TAXA DE 0,69%
COM 60% DE ENTRADA
E SALDO EM 24x
+ BÔNUS NO SEU SEMINOVO

- Gerenciamento de tração All Surface Progress Control
- Sistema de vetorização de torque
- Navegação InControl Touch (SD)
- Rodas de liga leve de 18"

jaguarbrasil.com.br

/JaguarBrasilOficial /JaguarBrasil /JaguarBrasilOficial

THE ART OF PERFORMANCE

Na cidade somos todos pedestres.

Condições promocional de financiamento válida para o modelo F-PACE 2.0 Prestige a diesel, 180 cv, 0 km, ano/modelo 2016/2016, com preço à vista a partir de R$ 309.700,00, sem pacote de opcionais. Ou através de plano promocional de financiamento com taxa de 0,69% a.m., entrada de R$ 185.820,00 e 24 prestações mensais fixas de R$ 5.923,71. Valor total a prazo de R$ 325.589,40. IOF e TC inclusos no CET. CET de 2,56% a.a. Base da tarifa de registro SP. Financiamento na modalidade CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através da Financeira Alfa S.A. - CFI. Sujeito à análise e aprovação de crédito. Bônus de troca (trade-in) na avaliação do seu veículo seminovo a critério e avaliação da concessionária. Consulte outras versões com taxas promocionais na Rede de Concessionárias. Os serviços financeiros da Jaguar Land Rover são operacionalizados pela Financeira Alfa S.A. - CFI. Jaguar Serviços Financeiros é uma marca registrada da Jaguar Land Rover Ltda. licenciada para a Financeira Alfa S.A. - CFI e suas empresas associadas. Condições válidas de 01/02/2017 a 28/02/2017 ou enquanto durar o estoque de 10 (dez) unidades do referido modelo. SAC 0800-344-2532 (Financeira Alfa especialmente para clientes Jaguar). Ouvidoria: 0800-722-3140 - e-mail: ouvidoria@alfa.com.br. Exclusivo para deficientes auditivos: SAC 0800-770-5244. Ouvidoria: 0800-770-5340. Para mais informações, consulte a Rede de Concessionárias.

Esferográficas BP1-RT
disponível na ponta 1,0mm

Volta às aulas.

Esferográficas BP1-INOX
disponíveis nas pontas 0,7 e 1,0mm

A volta dos alunos para a escola é só alegria.
Chegam felizes e contentes em encontrar os amigos
para contar as novidades de suas férias.
Começam a fazer rodinhas mostrando seus materiais de aula
para uma nova etapa: mochila, cadernos, livros, canetas, etc.
As novidades da Pilot são as canetas BP1-INOX com tinta especial
deslizante nas cores azul, preta e vermelha com exclusiva ponta
de aço inoxidável que não quebra e nem entorta.
E a Pilot BP1-RT que retrai a ponta de aço com um clique na tampa.
Volte às aulas com os mais novos lançamentos da Pilot,
você e seus amigos vão adorar. Afinal, é uma Pilot.

PILOT

www.pilotpen.com.br

"SINTO-ME COMO BRUCE WAYNE"

O cardiologista do poder – ele trata de Lula, Dilma, Temer, Serra... – diz que se sente como a identidade secreta do Batman ao simular dureza no seu dia a dia no hospital

ADRIANA DIAS LOPES

AOS 57 ANOS, o médico Roberto Kalil Filho ocupa dois altos cargos na medicina brasileira — é diretor da divisão de cardiologia do Hospital Sírio-Libanês e do Instituto do Coração, em São Paulo. É o cardiologista do poder, e entre seus pacientes estão os ex-presidentes Lula e Dilma, o atual presidente, Michel Temer, e o chanceler José Serra. E estava, também, a ex-primeira-dama Marisa Letícia, cuja morte o levou a uma rara exposição pública: escreveu um artigo, publicado no jornal *Folha de S.Paulo,* denunciando a afronta à dignidade humana no vazamento do diagnóstico de Marisa, que teria sido divulgado por uma médica num grupo de WhatsApp. "O caso revela um dos lados perversos do comportamento humano, reprovável e absolutamente inadmissível para quem se apresenta como médico", escreveu. Casado, pai de Rafaella e Isabella, Kalil é um trabalhador compulsivo. Mantém uma jornada de trabalho de quinze horas, entre os hospitais e o consultório. Ele só para aos sábados, mas encontra tempo, como fez na semana passada, para submeter-se a uma sessão de energização com um guru espiritual. Nesta entrevista, falou de ética médica e do sofrimento pessoal diante da morte de um paciente. "Sabe o Bruce Wayne, a identidade secreta do Batman? Sinto-me como ele às vezes. Uso uma capa protetora para trabalhar. Uma capa de durão. Mas sofro em casa, no meu quarto." Sua entrevista:

O senhor se surpreendeu com a atitude da médica Gabriela Munhoz, do Hospital Sírio-Libanês, que foi acusada de divulgar o diagnóstico de Marisa Letícia no WhatsApp? Não sou juiz para julgar as pessoas. Existem órgãos, como o Conselho Regional de Medicina e o Conselho Federal de Medicina, que impõem regras cla-

Peça

Friboi

CARNE CONFIÁVEL TEM NOME.

friboi.com.br

ras para o comportamento profissional, assim como as próprias instituições de saúde. Tomei conhecimento por alto. Soube da demissão por terceiros. Mal a conhecia.

Então, por que o senhor escreveu um artigo sobre o caso? É fundamental entender que a classe médica tem sido muito penalizada pela imprensa. Recebemos mais críticas do que elogios. Os médicos exercem um trabalho nobre. Lutam pela vida, não importa se o hospital é público ou privado. Não me refiro a quem está envolvido em propinas e máfias na compra e venda de produtos. Isso é caso de polícia, e ponto final. Refiro-me ao atendimento ao paciente. A imprensa está mais atenta à dona fulana que demorou para ser atendida do que ao médico que a receberá. Um médico que muitas vezes não dispõe de remédios adequados nem de luvas e está há 24 horas sem dormir. Mesmo assim, atenderá a paciente. Com atraso, mas atenderá. A classe médica está machucada. A imprensa divulga mais nossos erros do que nossos acertos.

A atitude da médica demitida motivou a discussão nos hospitais sobre proibir celulares em áreas com pacientes. O senhor é a favor? A questão é conflituosa. Ao mesmo tempo que um celular pode servir para divulgar indevidamente informações sigilosas, ele pode salvar vidas pela facilidade de comunicação. É preciso estabelecer programas de educação nas instituições. As escolas deveriam discutir esse assunto desde o 1º ano da faculdade de medicina, mas não o fazem.

A divulgação do estado de saúde de uma pessoa pública não é uma demanda da sociedade? Sim, mas o máximo que o hospital pode fazer é perguntar ao paciente famoso se ele quer ou não que a instituição divulgue um boletim médico. A maioria pede que se divulgue e que eu responda a jornalistas até para evitar especulações da imprensa. Mas a decisão é do paciente, que, vale dizer, é apenas isto dentro de um hospital: o paciente. Um homem ou uma mulher é presidente da República lá fora. No hospital, é o paciente do quarto tal.

“A classe médica tem sido muito penalizada pela imprensa, que está mais atenta à dona fulana que demorou para ser atendida do que ao médico que muitas vezes não tem recursos”

Não há nenhum esquema especial para os pacientes famosos? Seria hipócrita se afirmasse que não remanejo a agenda algumas vezes no meu consultório para atender um presidente da República. Só isso. No hospital não há diferença.

O senhor é mais político do que médico? Meu prazer está na medicina. Não bebo, não fumo, não gosto de passear. Gosto de paciente, de hospital. Além do mais, eu daria um péssimo político. Sei bem o meu lugar. Aprendi com meu tio, o Fúlvio *(Fúlvio Pileggi, cardiologista e ex-diretor do Instituto do Coração, o InCor)*. Ele também foi médico de políticos influentes na década de 80 e cogitado para cargos públicos. Nunca aceitou. Mas pegava o telefone e conseguia o que queria com eles. Faço algo parecido. Uso meus contatos para ajudar a quem precisa. Desde que assumi a cátedra do Instituto do Coração, em 2011, batalho junto aos políticos pela instituição. Jamais pedi algo fora das regras. Cobro repasses que não são feitos, uma assinatura atrasada, uma promessa esquecida. Já consegui reformar o centro de transplantes e o pronto-socorro e criei novos blocos no InCor. Os governantes sabem que trabalho sério, e meus pedidos são igualmente sérios. Dizem que os políticos não fazem nada. Fazem, sim. Quando você senta com a pessoa, expõe os dados de forma correta, ela ajuda. Nunca recebi um não.

Uma incompatibilidade ideológica radical justifica a atitude de um médico de não atender um paciente, como ocorreu com uma pediatra gaúcha? O médico é obrigado a atender o paciente em casos de emergência. Mas em uma situação de rotina, em que não existe risco de vida e há incompatibilidade entre o profissional e o doente, ele pode, sim, deixar de atender, desde que o encaminhe a um colega.

O senhor já passou por essa situação? Nunca passei, graças a Deus. Sou médico do ex-presidente Lula há trinta anos. Ele sempre diz o seguinte: “O Kalil não evolui politicamente”. Diz isso porque sou conservador. E serei sempre conservador. Assim como torço para o Santos. Sou fiel às minhas convicções e não as escondo. E isso não atrapalha em nada a minha relação médico-paciente com o ex-presidente, que é de esquerda e ainda por cima corintiano.

O senhor tem ambição de ser ministro da Saúde? Já fui convidado em mais de um governo. Nunca vou aceitar. Meu ministério são meus pacientes. É disso que eu gosto.

O Sistema Único de Saúde é o caminho certo? O princípio do SUS é intocável. Fantástico. Mas precisa ser atualizado. Quando começou, a sociedade era outra. Hoje, vive-se mais, os recursos da medicina se expandiram. É urgente injetar dinheiro no sistema e submetê-lo a gestões com metas estabelecidas. Meu sonho, quando assumi o InCor, era deixar o atendimento exclusivamente dedicado ao SUS. Mas, pelo menos por enquanto, isso é inviável financeiramente. O sistema do InCor, chamado de fundacional, opera da seguinte forma: 80% do atendimento é feito pelo sistema público e 20% pelo privado. Esses 20% são responsáveis por metade da receita da instituição.

Como um hospital privado pode contribuir para melhorar a saúde pública? De diversas formas. E isso tem de ser cobrado. O Sírio-Libanês faz cirurgias de coração de alta complexidade que são pagas pela filantropia do hospital. Isso ocorre em parceria com o governo federal. O próprio Corujão *(programa da prefeitura de São Paulo para atender pacientes do SUS em hospitais privados)* tem tudo para ser um sucesso. Graças ao programa, o Sírio-Libanês começa a atender dezenas de pacientes da prefeitura das 5 horas da tarde até a madrugada. Quando o hospital particular é chamado, ele colabora, sim. Falta gente para pôr a mão na massa e exigir mais do sistema privado.

Há exagero no pedido de exames da parte dos médicos no sistema privado? Isso não é inteiramente verdadeiro. Sou uma pessoa que utiliza, sim, tecnologia. A tecnologia está aí para isso. Ou você acha que se detecta câncer de pulmão auscultando o órgão? O diagnóstico de uma obstrução das coronárias é feito com estetoscópio? Não. É lógico que não se deve abusar. Mas a tecnologia nos permite fazer uma triagem, com segurança, de quem deve ser submetido ao exame correto.

Como é conviver com a morte de um paciente? É muito sofrido. A morte de uma pessoa doente é um pedaço de mim que vai embora. Como trabalho com paciente de alto risco há trinta anos, estou quase me desintegrando. Sabe o Bruce Wayne, a identidade secreta do Batman? Sinto-me como ele às vezes. Uso uma capa protetora para trabalhar. Uma capa de durão. Mas sofro em casa, no meu quarto.

O senhor era próximo da ex-primeira-dama Marisa Letícia. Como foi lidar com a morte dela? Além de ter sido minha paciente por trinta anos, dona Marisa era minha madrinha, minha amiga. Nos dois últimos dias, quando vi que ela não iria se recuperar, desabei.

O senhor já precisou se medicar pela perda de pacientes, tomando antidepressivos, por exemplo? Sim, no passado. Hoje consigo lidar melhor com essa situação, na maioria das vezes. Depois de um óbito, reúno minha equipe e repasso ponto por ponto a nossa conduta. Erramos? Acertamos? E entrego a Deus.

O senhor acredita em Deus? Sou de formação católica. Mas acredito em reencarnação. Tenho gurus e cartomantes. Sou um espiritualista, na verdade. Acredito em Deus e não dá para medir forças com ele. Certa vez, identifiquei uma obstrução no tronco da artéria coronária de um paciente durante um check-up. É um quadro gravíssimo. Esse tipo de oclusão é chamado de "fazedor de viúva". Causa morte súbita. Ele foi operado, deu tudo certo. Pois um mês depois ele morreu em um acidente de helicóptero. Qual a mensagem? Alguém lá em cima falou: "Filho, quem manda aqui sou eu".

Os médicos não costumam cuidar da própria saúde. Como o senhor lida com a sua? Emagreci 5 quilos nos últimos meses reduzindo os carboidratos. Tento fazer exercícios umas três vezes por semana. Já fui diferente. Sou louco por cachorro-quente, Coca-Cola e Toddynho. Minha única atividade física era subir e descer as escadas do hospital, quando o elevador demorava. Há um ano, porém, levei um susto. Minha pressão chegou a 20 por 11. E meu colesterol ruim é alto, passa de 300. Tenho de me cuidar. Estou ficando velho. ■

"O ex-presidente Lula sempre diz: 'O Kalil não evolui politicamente'. Diz isso porque sou conservador. E serei sempre. Assim como torço para o Santos. Sou fiel às minhas convicções"

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

Ligue grátis: 0800-7752145
Grande São Paulo: (11) 3347-2145

De segunda a sexta, das 8h
às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas,
Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC)
(Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com
Ligue grátis: 0800-7752112
Grande São Paulo: (11) 5087-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital,
acesse www.assineabril.com.br/
passoapassodigital

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

ligue (11) 3990-1329
(11) 3990-2059
e-mails:
atendimentoconteudoabril@abril.com.br
abrilcontent@abril.com.br
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse:
www.abrilconteudo.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-4610
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli, Giancarlo Civita e José Roberto Guzzo

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Lívia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor de Redação: André Petry

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Mauricio Lima, Policarpo Junior e Thaís Oyama

Editor Executivo: Diogo Xavier Schelp **Editor Especial:** Daniel Bergamasco **Editores Seniores:** Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Pedro Dias Leite, Rinaldo Gama **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Eduardo Gracioli Teixeira, Filipe Vilicic, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe **Repórteres:** Alexandre Senechal Duarte, Bruno Meier, Bianca Leite Alvarenga, Fernanda Allegretti, Giulia Vidale, Jennifer Ann Thomas, Marcelo Salkate, Mariana Barros, Natalia Cuminale, Natália Luz, Nathalia Watkins Freire, Pieter Attema Zalis, Renato Onofre de Souza, Sérgio Martins, Talissa de Angelis Azevedo Monteiro, Thais Botelho, Ulisses Campbell **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** ***Brasília*** **- Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Rodrigo Rangel **Editor Sênior:** Daniel Pereira **Repórteres:** Gabriel de Andrade Mascarenhas, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin, Thiago Bronzatto ***Rio de Janeiro*** **- Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Thiago Prado **Repórteres:** Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Leslie Leitão, Maria Clara Vieira **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Amanda dos Santos Bolzani, Andressa Tobita, Gabriel Gama, Leticia Antunes Larieira **Diretor de Arte:** Rafael Costa **Fotografia - Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Rocha **Pesquisa:** Ana Paula Galisteu **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Rodrigues **Designers:** André Luis Chagas, Douglas Bressan, Isabel Gontijo Hamdan, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Adriano Pidone, Andersan Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Jô de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Fabiana Pino, Júlio Yamamoto, Maurício Bevilacqua, Patricia Villas Bôas Cueva, Vera Fedachenko **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luis Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Denise da Silva Rocha da Costa, Eduardo Peracio, Elvira Gago, Heloisa Brady Arraes, Lygia Roncel de Rodrigues Ferreira, Otacílio Nunes, Rosana Tanus, Sergio Campanella, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Bons **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo de Morais Motta, Lincoln Franzi Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Albuquerque, Roberta de Dorio **Atendimento ao Leitor: Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Mailson da Nóbrega, Reinaldo Azevedo, Roberto Pompeu de Toledo e Vilma Gryzinski **VEJA.COM - Editores:** Daniel Jelin e Katia Perin (chefes), Jone Aguiar, Ivan Marcelo Pacheco, Jose Benedito da Silva, Marcos Rogério Lopes, Maria Carolina Maia, Silvio Nascimento, Silvio Navarro **Editores Assistentes:** Alexandre Lopes de Oliveira, Bruna Fasano, Diego Brugo Norte, Ricardo Vasques Helcias, Rita de Cassia de Loiola **Repórteres:** Daniela Bruno Flor, Daniela Macedo dos Santos, Edgar da Costa Maciel, Eduardo Gonçalves, Felipe Cotrim, Felipe Frazão de Queiroz, Felipe Machado de Souza, Heitor Feitosa dos Santos, Isabella Infantine, João Pedroso de Campos, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Marina Rappa Neves, Meire Akemi Kusumoto, Nicole Fusco, Raquel Angelo Carneiro **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Webdesigners:** Andre Fuentes, Sidclel Sobral **Sucursais:** ***Brasília*** **Repórteres:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alair N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

PUBLICIDADE Andrea Veiga (RJ), Ana Paula Moreno (Moda, Decoração e Construção), Cristiano Persona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Selma Souto (Bens de Consumo, Turismo, Entretenimento e Mídia), William Hagopian (Regionais) **ABRIL BRANDED CONTENT** Edward Pimenta **ASSINATURAS** Adalton Granado (Processos e Produção), Daniela Vida (SAC), Luci Silva (Marketing Direto, Relacionamento e Retenção), Mario Tilio Assis (Estúdio de Criação), Mary Vieira (Vendas Corporativas), Rodrigo Chinaglia (e-business), Wilson Paschoal (Vendas de Rede) **MARKETING DE MARCAS** Camila Verde (Casa e Decoração), Carolina Bertelli (Feminino), Caroline Fiocco (Eventos), Cinthia Obnesche (Estilo de Vida), Edson Pereira (Digital), Ivana Freires (Circulação Avulsa), Keila Artigiere (Veja), Leander Moreira (Exame) **MARKETING CORPORATIVO** Mauricio Portilho (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Portela (Licenças), Thais Rocha (Relação com o Mercado) **DEDOC E ABRILPRESS** Valter Sabino **ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE** Renata Guimarães **DESENVOLVIMENTO DE AUDIÊNCIA** Rodrigo Cavalcanti **PARCERIAS E TENDÊNCIAS** Airton Lopes **PRODUTO DIGITAL** Renata Gomes **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** Adriana Pávilla, Adriana Kazan, Emilene Domingues, Renato Antunes **RECURSOS HUMANOS** Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH), Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000.
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA (ISSN 0100-7122), ano 50, nº 7. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. Edições anteriores: Vendas exclusivas em bancas, pelo preço da última edição em bancas mais despesas de remessa. Solicitações aos jornaleiros. Distribuição em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC | FIPP | ANER | SIP

GRUPO Abril

Presidente da AbrilPar: Giancarlo Civita
Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretor Corporativo de Marketing: Tiago Afonso
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Claudia Ribeiro
Diretora de Relações Corporativas: Meire Fidelis

www.grupoabril.com.br

MOVE CONCERTS IN ARRANGEMENT WITH CAA PRESENTS

Ed Sheeran

23/05 CURITIBA
25/05 RIO DE JANEIRO
28/05 SÃO PAULO
30/05 BELO HORIZONTE

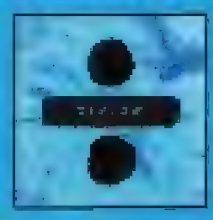
PRÉ VENDA EXCLUSIVA
A PARTIR DE 10.02 EM SP

Ourocard
50% DE DESCONTO E MUITO MAIS!*

VENDAS

LIVEPASS
www.livepass.com.br

EDSHEERAN.COM



NOVO ALBUM + 03 DE MARÇO

PATROCÍNIO

CARTÃO OFICIAL

ADQUIRÊNCIA OFICIAL

FORNECEDOR OFICIAL EM SP

REALIZAÇÃO

LEITOR

EDSON FACHIN

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin demonstrou bastante determinação e coragem ao pôr o nome à disposição da Segunda Turma e herdar processos altamente complicados ("O senhor de muitos destinos", 8 de fevereiro). Os réus, por outro lado, devem estar bem preocupados, pois o perfil técnico dele é muito parecido com o de Teori Zavascki.

Marcos A.L. Santana
Palmas (TO), via tablet

Que o ministro Edson Fachin promova uma faxina nos políticos condenados na Lava-Jato, para que o Brasil possa respirar ares mais limpos e seguir na nova realidade que se apresenta — um país onde a Justiça se faz presente e se combate a corrupção em qualquer esfera do poder.

Mônica Delfraro David
Campinas, SP

Esperamos que o ministro Edson Fachin faça o dever de casa e enquadre o mais rápido possível todos os que levaram muito, por dentro ou por fora. E que a chamada delação "do fim do mundo" seja aberta ao povo brasileiro. Afinal, não podemos mais ficar só com notícias que pipocam aqui e ali. O Brasil precisa saber de tudo.

Marleta Barugo
São Paulo, SP

Não condenar nenhum político é um absurdo! Político rouba, dá entrevista, posa de honesto, ri e ainda é promovido. Vamos reagir, STF! A população não tem mais a quem recorrer.

Mauri A. Santos
Santos, SP

DIAS TOFFOLI

Negar a suspeição do ministro Dias Toffoli, desde a sua estratégica nomeação ao STF, é querer abusar da inteligência dos cidadãos. Basta analisar os atos favoráveis aos amigos suspeitos e todos os demais que daqui para a frente virão ("O ministro dos amigos suspeitos", 8 de fevereiro). Antes de propor a exceção, deveria ele, se de boa-fé, declarar-se suspeito e, assim, não apadrinhar seus "amigos" investigados pela Lava-Jato.

Paulo Celso Amaral Vianna
Curitiba (PR), via tablet

Dias Toffoli alega não ter relação de intimidade com investigados da Lava-Jato. Bobinho! Se não fosse por eles, hoje não seria ministro, pois lhe falta competência para o cargo.

Marlon Justus
Curitiba, PR

Quem alega não recordar o que fez nega a lembrança, não o fato.

Lutero Paiva Pereira
Maringá, PR

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS

Pelé (Entrevista)

Edson Fachin, o novo relator da Lava-Jato (capa)

Estreia de Dora Kramer em VEJA

O ministro Dias Toffoli e os amigos suspeitos

"Uma nova narrativa" (Página Aberta)

PÁGINA ABERTA

Completo e conciso o artigo ("Uma nova narrativa", 8 de fevereiro) de Luis Roberto Barroso. Tem razão o ministro do STF quando diz que nós, brasileiros, oscilamos "entre o ufanismo e a autodepreciação". Seu texto nos leva à reflexão da necessidade de encontrar o caminho do meio, sem o qual não vamos distinguir os fatos das ilusões.

Helena Gomes de Oliveira
São Sebastião, SP

Excelente, objetivo e verdadeiro o artigo do ministro Barroso. Raramente temos a oportunidade de ler uma descrição tão clara e real do que é o Brasil, com suas características, exemplos positivos e negativos, suas disfunções e as ações de que precisamos para corrigir nossa rota.

Károly J. Gombert
Vinhedo, SP

Como historiador, parabenizo a revista e o texto de Luís Roberto Barroso, ilustre ministro do STF, que aborda, sob o tema "Uma nova narrativa", um impressionante resumo histórico do que fomos, do que somos e do que seremos. O artigo deveria ser lido por todos aqueles que sonham, apesar das atuais vicissitudes que temos, com a construção da grande nação que temos, sim, potencial para ser.

José de Anchieta Nobre de Almeida
Rio de Janeiro, RJ

PROVE QUE VOCÊ É
#itambest

CONCORRA A EXPERIÊNCIAS ÚNICAS
+ 1 GOPRO POR SEMANA DE PARTICIPAÇÃO.
DESCUBRA COMO: WWW.ITAMBEST.COM

Se você é LOUCO POR ITAMBÉ, MOSTRE EM UMA FOTO OU EM UM VÍDEO E CONCORRA A PRÊMIOS SURPREENDENTES.

Abril

Chegou!

Guia do Estudante Bolsas

BOLSAS DE ESTUDOS com até 75% de desconto

Mais de 800 faculdades

Estude nas maiores faculdades, pague as menores mensalidades.

Encontre a faculdade que você quer pelo preço que você pode investir. Não é financiamento, não é promoção. **É desconto real, e que vale para o curso inteiro.** Com a ajuda do guia que mais entende de ensino no país, você pode garantir agora a sua bolsa sem enrolação nem burocracia. Aproveite!

ACESSE E COMPROVE:
bolsas.guiadoestudante.com.br

Guia do Estudante

LEITOR

REI Pelé: lúcido aos 76 anos e decepcionado com o pós-Copa e o pós-Rio 2016

PELÉ

A entrevista "O rei (quase) sem medo" (8 de fevereiro), com Pelé — inquestionavelmente o maior futebolista de todos os tempos —, traz à tona temas de suma importância para a reflexão no contexto político do Brasil. Saúde, Pelé!

Antônio Ramos
Taguatinga, DF

Li a entrevista mais lúcida dada até hoje pelo senhor Edson Arantes do Nascimento, o Pelé!

Geraldo Cardoso Martins
Por e-mail

Sensacional a entrevista com o rei do futebol. Ele marcou mais um gol de placa quando se recusou a fazer política com o ex-presidente Lula. Pelé, novamente, saiu vitorioso!

Evilázio Magalhães
Garça (SP), via smartphone

DORA KRAMER

Com grande tristeza havia recebido a notícia do afastamento de Dora Kramer de *O Estado de S. Paulo*. Agora, leio sobre o retorno da jornalista ao convívio com seus leitores através de VEJA, cuja Carta ao Leitor ("Conteúdo fino em embalagem primorosa", 8 de fevereiro) descreve com precisão suas excepcionais qualidades. Excelente aquisição!

Maria Sofia Schupp
Itanhaém, SP

Dora estreou com o artigo "Orquestra do *Titanic*" (8 de fevereiro). Parabéns pela relevância e atualidade do tema, pela clareza e precisão da prosa. Sucesso!

Guilherme Roscoe
Belo Horizonte, MG

Parabenizo VEJA pela aquisição do passe de Dora Kramer. Trata-se de uma jornalista que, com sua lucidez e perspicácia aguçada, induz o leitor a acompanhá-la, iluminando com seu texto magnífico o cenário político nacional.

Luís Roberto Nunes Ferreira
Santos, SP

Excelente a escolha de Dora Kramer como a nova colunista de VEJA. Ganha a revista e ganham muito os leitores, que poderão acompanhar as inteligentes análises de uma das mais brilhantes jornalistas brasileiras.

Andrea Materazzo
São Paulo, SP

Os palcos podem ter perdido uma exímia bailarina, mas o Brasil ganhou uma conceituada jornalista. Parabéns a VEJA por incorporar ao seu time de craques essa inigualável analista.

Alberto de Sousa Bezerril
Natal, RN

"É compreensível a decepção de Pelé com a falta de legado dos megaeventos esportivos no país. Porém, a Lava-Jato nos mostra, de forma cristalina, qual era o 'legado' que interessava nas tomadas de decisão..."

Guilherme Augusto Barucke Marcondes
Santa Rita do Sapucaí, MG

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA

As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação**, VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP; **Fax:** (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br.**

Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.
Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

IMAGEM DA SEMANA

...ENQUANTO ISSO, NAS ILHAS VIRGENS

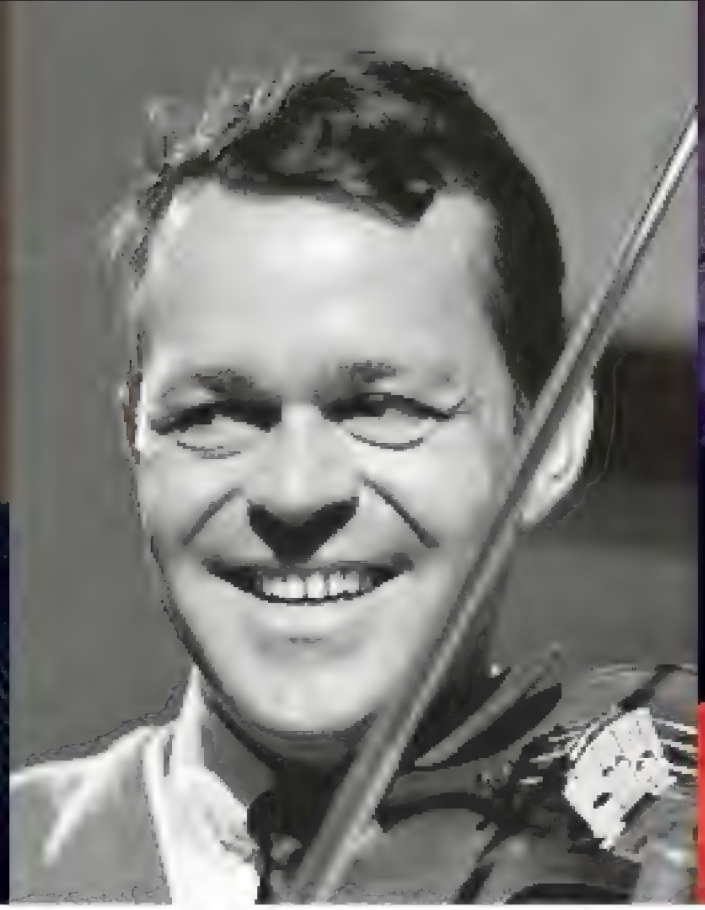
"ELE É O ÚNICO que está feliz com o fato de que não é mais presidente", comentaram alguns de seus fãs ao ver a foto ao lado, a primeira de **Barack Obama** que veio a público depois que entregou o cargo a Donald Trump. Já os detratores do ex-ocupante da Casa Branca começaram a especular que o convite para passar dez dias com a mulher, Michelle, na ilha caribenha particular de um bilionário britânico só podia ser pagamento por serviços (escusos) prestados quando Obama estava no poder. É a velha tática de usar a corrupção como biombo da disputa ideológica. Do ponto de vista ético, não há nada de errado em Obama aceitar o convite, agora que deixou a Presidência. E Richard Branson, o bilionário em questão, é mestre em jogadas de marketing que dão visibilidade mundial ao seu grupo empresarial, o Virgin Group. As fotos e o vídeo de Obama aprendendo a praticar *kitesurf* tiveram esse efeito. Além disso, Obama não parece encontrar-se na posição de quem se venderia por alguns dias de férias. Na semana passada, ele e a família se mudaram para uma casa com nove quartos que lhe custou o equivalente a 20 milhões de reais em bairro nobre de Washington, a capital americana, onde pretende escrever um livro de memórias, com lançamento em 2018, pelo qual já teria embolsado um adiantamento de 62 milhões de reais. Também receberá do Estado pensão vitalícia de 54 000 reais mensais, mais segurança, escritório e assessores, e terá a possibilidade de engrossar a renda com palestras. Pode sorrir, Obama. ■

Diogo Schelp

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA A OBAMA FAZENDO *KITESURF*

⊠ JACK BROCKWAY/REUTERS; **CAPA:** BRUNO LOPES/AG. O GLOBO

LIQUID FORCE



TZVETAN TODOROV Considerado um dos intelectuais contemporâneos de maior peso, o pensador franco-búlgaro escreveu sobre temas diversos, como a ficção fantástica e o totalitarismo **SVEND ASMUSSEN** O violinista dinamarquês tocou com Duke Ellington e Josephine Baker **ORLANDIVO DE SOUZA** Compositor catarinense coautor do sucesso *Bolinha de Sabão*

MORRERAM

Tzvetan Todorov, ensaísta literário e historiador búlgaro naturalizado francês, considerado um dos maiores pensadores contemporâneos. Nascido em Sófia, cresceu durante a ditadura comunista de Todor Zhivkov. Aos 24 anos, mudou-se para a França e, uma década depois, tornou-se cidadão do país. Reflexões acerca do autoritarismo sempre permearam seus trabalhos e aparecem em obras como *A Experiência Totalitária* e *O Medo dos Bárbaros*. Discípulo de Roland Barthes, Todorov tornou-se proeminente na década de 70 por seus estudos relacionados ao estruturalismo. Escreveu dúzias de livros sobre assuntos diversos. Além do autoritarismo e do estruturalismo, debruçou-se sobre o fantástico na ficção, as consequências morais do colonialismo, o fanatismo e o Holocausto. Entre suas obras mais importantes estão *A Literatura em Perigo*, *Crítica da Crítica* e *Simbolismo e Interpretação*. Em uma de suas últimas entrevistas, concedida ao jornal *Le Monde*, em dezembro, considerou que era duplo o atual desafio do cotidiano francês: a ameaça do terrorismo e o perigo de reações exacerbadas por parte das autoridades. Recentemente, Todorov, que foi professor convidado de algumas das universidades americanas mais renomadas, como Harvard, Yale e Columbia, havia terminado mais um livro: *Le Triomphe de l'Artiste*, com lançamento previsto para março na França. Dia 7, aos 77 anos, em decorrência de atrofia de múltiplos sistemas, uma doença neurodegenerativa, em Paris.

Svend Asmussen, violinista dinamarquês que, durante oito décadas de carreira, acompanhou alguns dos maiores nomes do jazz, incluindo Duke Ellington, Josephine Baker, Lionel Hampton e Fats Waller. Asmussen, que nasceu em Copenhague, começou a ter aulas de piano aos 5 anos, mas a professora avaliou que suas mãos eram mais apropriadas para o violino. Quando ele era jovem, a capital dinamarquesa costumava receber muitos artistas do jazz, especialmente negros, que enfrentavam a segregação em seus respectivos países. O violinista trabalhou ao lado de vários deles. Com a eclosão da II Guerra, suas apresentações fora da Escandinávia foram prejudicadas. O músico chegou a ser preso pela Gestapo em 1943 e enviado a Berlim. Asmussen dividiu o palco ainda com Benny Goodman e gravou com Toots Thielemans, John Lewis e Jean-Luc Ponty. Continuava ativo até cinco anos atrás, antes de sofrer um AVC. Dia 7, aos 100 anos, de causa não especificada, em Copenhague.

Orlandivo Honório de Souza, cantor, compositor e percussionista catarinense, coautor de sucessos como *Bolinha de Sabão*, de 1963, uma parceria com Adilson Azevedo. Outro hit seu foi *Vô Batê pa Tu*, de 1974, criado com Arnaud Rodrigues, que o cantava ao lado de Chico Anysio no hilário grupo Baiano e os Novos Caetanos. Junto com Ed Lincoln e Durval Ferreira, Orlandivo era considerado um dos expoentes do gênero batizado de sambalanço. Nascido em Itajaí, lançou seu primeiro disco, *A Chave do Sucesso*, em 1962. Suas canções foram gravadas por Jorge Ben Jor, Elza Soares e João Donato, entre outros. O músico também trabalhou na TV e atuou no cinema. Dia 8, aos 79 anos, de pneumonia, no Rio de Janeiro. ■

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E OUÇA SUCESSOS DE ORLANDIVO NO SPOTIFY

© ULF ANDERSEN/AURIMAGES; MARCOS RAMOS/AGÊNCIA O GLOBO

PANDORA

VIBRANTE COMO VOCÊ

www.pandorajoias.com.br PANDORA BRASIL

CREDIBILIDADE DE PALHAÇO

O ator e humorista Eduardo Sterblitch abre o jogo sobre sua saída do *Pânico* depois de fazer um quadro com tons racistas – do qual se arrepende – e fala de seus planos na nova casa, a Globo

Você trabalhou oito anos no *Pânico*. Por que saiu? Por várias razões. Tive atritos internos, mas não brigas. Gosto das pessoas do *Pânico*, e elas de mim. Por isso, a saída foi traumática.

Para fazer seu último personagem, o Africano, você se pintou de preto, o que suscitou acusações de racismo. Foi o motivo principal de sua saída? Sim. Foi uma escolha infeliz, baseada no sucesso de outro personagem meu, o Freddie Mercury Prateado. Mas escolhi a cor preta. Foi falta de responsabilidade artística. Eu errei.

Foi racismo? Eu fui imaturo. O quadro era uma paródia do *MasterChef*, e testei quarenta personagens antes — o mineiro, o maconheiro, o sertanejo, o funkeiro. Começo do erro: nomeei o personagem como "Africano". Não sou racista, mas sei onde a piada foi racista. Nunca mais vi e só me permiti falar disso agora. Eu me sinto mal.

Após quase um ano fora do ar, sua reestreia foi na bancada do programa *Amor & Sexo*. É o que almeja na Globo? Tenho projetos a apresentar à emissora. Um deles é uma espécie de *Monty Python* para crianças. Hoje, estou na equipe de criação do *Amor & Sexo*, e isso é mais importante do que minha participação no ar, pois gosto de dar ideias. Saí do programa mais machista da televisão para o mais feminista. A diferença é que agora sou o novo aluno, o bobo.

Você chegou a declarar que, se saísse do *Pânico*, nunca mais faria TV. Mudou de ideia? Falei aquilo porque é muito desgastante fazer televisão semanal, três horas num domingo, competindo com Silvio Santos e o *Fantástico*. Mas talvez vocês acreditem demais em mim. Não se pode levar muito em consideração o que eu falo.

Quer dizer que esta entrevista não é séria? Sou um cara amargo, melancólico e até meio chato. Mas, antes disso, sou um palhaço. E qual a credibilidade do palhaço? Nenhuma. Eu mudo de opinião muito rápido. ■

Bruno Meler

SERGIO ZALIS/GLOBO

NOVO

FRANCIS

Hydratta

Perfeito para quem tem um dia que vale por dois: 48 horas de proteção, cuidado e perfumação prolongada.

0% álcool.

Recomendado por dermatologistas.

francishydratta | francishydratta

SOBEDESCE

SOBE

"LAVA COCHES"
As revelações da Operação Lava-Jato na América Latina provocaram um terremoto no continente e já levaram ao pedido de prisão do ex-presidente peruano Alejandro Toledo

METROPOLITAN
O museu nova-iorquino liberou o uso de imagem de mais de 375 000 obras de arte de seu acervo, incluindo *A Visão de São João*, de El Greco

QUINOA
Cientistas decodificaram o código genético da espécie que é considerada "o rei dos grãos", o que pode aumentar seu cultivo e torná-la menos cara

DESCE

CÂNCER DE PÂNCREAS
Um novo teste conseguiu identificar de forma precoce a doença, que costuma ser detectada apenas quando já está em estágio avançado e mata, no ano seguinte ao da descoberta, 80% dos pacientes

REDES SOCIAIS
As senhas agora poderão ser requisitadas por agentes de imigração dos Estados Unidos para verificar a atividade de quem está entrando no país

RICARDO BARROS
O ministro da Saúde, que vinha se notabilizando apenas pelas trapalhadas, virou caso de polícia: com patrimônio declarado de 1,8 milhão de reais, comprou metade de um terreno de 56 milhões

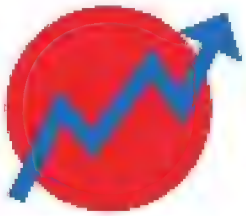
A LISTA

5 FENÔMENOS QUE A ASCENSÃO DE TRUMP PROVOCOU

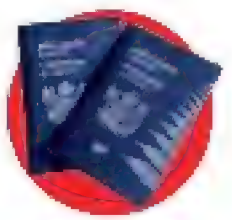
1. O BOOM NAS LIVRARIAS
Alçou livros como *Origens do Totalitarismo*, escrito por Hannah Arendt em 1951, à lista dos mais vendidos nos Estados Unidos

2. A NOVILÍNGUA
Consagrou a orwelliana expressão "fatos alternativos" (para quando a realidade teima em contrariar a versão preferida)

3. A NOSTALGIA DO EX
Fez de Obama o presidente com a terceira maior aprovação em 35 anos – estrondosos 62%



4. A ALTA NAS BOLSAS
Catapultou o índice Dow Jones para acima dos 20 000 pontos, patamar jamais alcançado



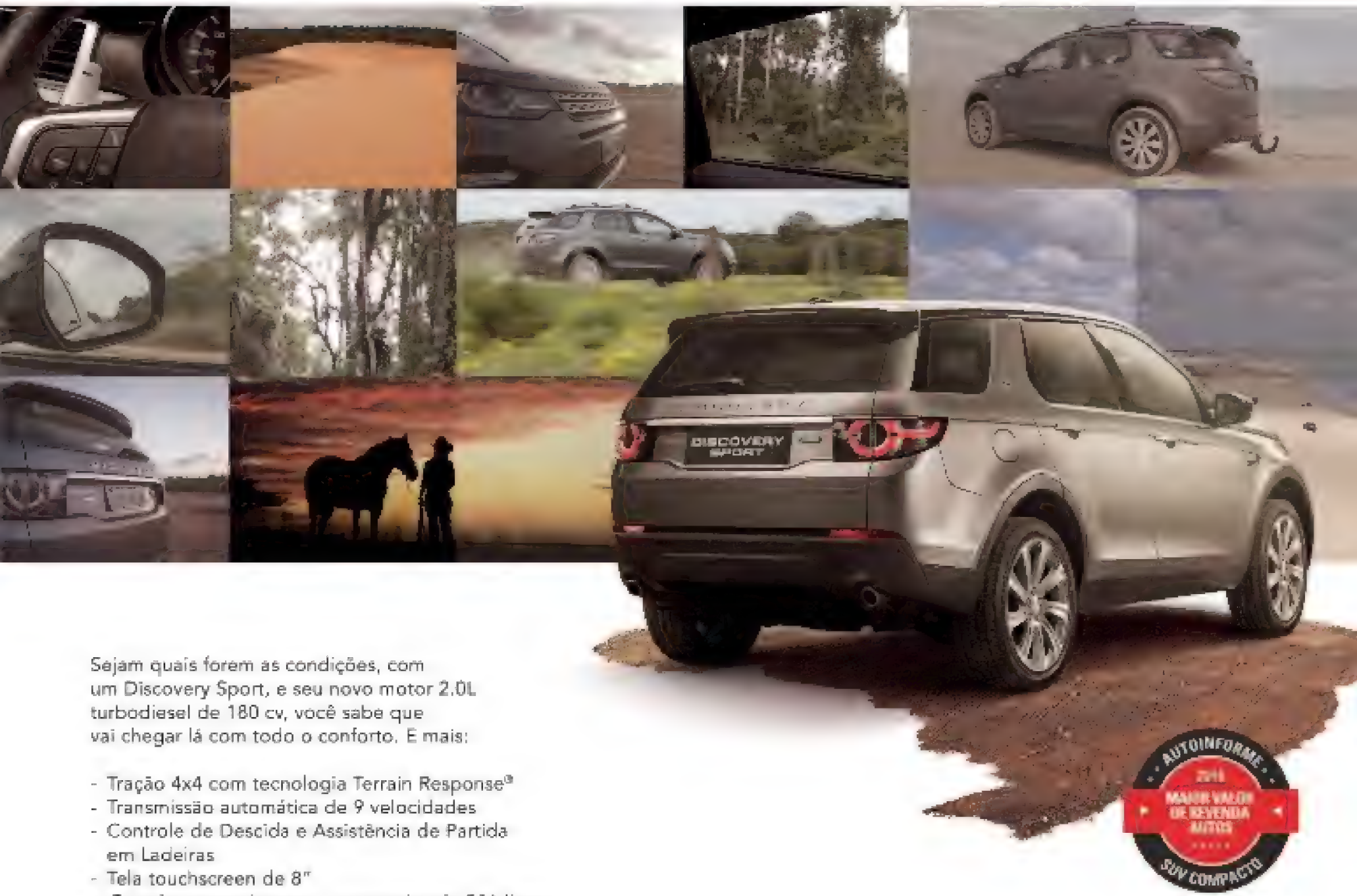
5. O AUTOEXÍLIO
Aumentou em 2 500 vezes as consultas de visto de residência na Nova Zelândia, a rota de escape preferida dos trumpofóbicos

DISCOVERY SPORT DIESEL

O MELHOR PARCEIRO PARA QUEM TEM O DNA DA AVENTURA.

LAND ROVER

ABOVE & BEYOND



Sejam quais forem as condições, com um Discovery Sport, e seu novo motor 2.0L turbodiesel de 180 cv, você sabe que vai chegar lá com todo o conforto. E mais:

- Tração 4x4 com tecnologia Terrain Response®
- Transmissão automática de 9 velocidades
- Controle de Descida e Assistência de Partida em Ladeiras
- Tela touchscreen de 8"
- Grande espaço interno: porta-malas de 981 litros e opção de configuração para 5+2 assentos*

Um veículo imponente e pronto para todos os caminhos que você quiser trilhar.

Visite a concessionária mais próxima e agende seu test drive.

landrover.com.br

AUTOINFORME 2016 MAIOR VALOR DE REVENDA AUTOS SUV COMPACTO

A PARTIR DE
R$ 226.796,00 À VISTA
E TAXA DE 0,99%
COM 60% DE ENTRADA + 24x

/ landroverbr

Na cidade somos todos pedestres.

(*) A configuração de 5+2 assentos é opcional. Condição promocional de financiamento válida para o modelo Discovery Sport 2.0 SD4 SE turbodiesel, 180 cv, 0 km, ano/modelo 2016/2016, com preço à vista a partir de R$ 226.796,00, sem pacote de opcionais. Ou através de plano promocional de financiamento com taxa de 0,99% a.m., entrada de R$ 136.077,60 e 24 prestações mensais fixas de R$ 4.434,60. Valor total a prazo de R$ 242.528,00. IOF e TC inclusos no CET. CET da 17,04 % a.a. Base da tarifa de registro SP. Financiamento na modalidade CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através da Financeira Alfa S.A. - CFI. Sujeito a análise e aprovação de crédito. Consulte outras versões com taxas promocionais na Rede de Concessionárias. Os serviços financeiros da Jaguar Land Rover são operacionalizados pela Financeira Alfa S.A. - CFI. Land Rover Serviços Financeiros é uma marca registrada da Jaguar Land Rover Ltda. licenciada para a Financeira Alfa S.A. - CFI e suas empresas associadas. Condições válidas de 01/02/2017 a 28/02/2017 ou enquanto durar o estoque de 10 (dez) unidades do referido modelo. SAC 0800 345 2532 (Financeira Alfa especialmente para clientes Land Rover). Ouvidoria: 0800 722 0140 e e-mail: ouvidoria@alfanet.com.br. Exclusivo para deficientes auditivos: SAC 0800-770-5244. Ouvidoria: 0800-770-5140. Para mais informações, consulte a Rede de Concessionárias.

CUNHA Recados de que pretende fazer uma delação premiada via Polícia Federal

SÓ FALO COM VOCÊ

Eduardo Cunha tem mandado recados de que deseja fazer uma delação premiada com a Polícia Federal, evitando assim o Ministério Público. Outras delações usaram essa via.

MEMÓRIA SELETIVA

Quando descobriu o aneurisma cerebral, em 2015, Cunha foi orientado por seus médicos a submeter-se a uma cirurgia, mas decidiu que não iria operar antes de deixar a presidência da Câmara. Só agora, depois de Marisa Letícia, se lembrou do conselho dos doutores.

E O ALI BABÁ?

Um dos preteridos à vaga no STF passou recentemente em Curitiba e visitou a turma da Lava-Jato. Referindo-se a Lula, perguntou: "E o Ali Babá? Quando será condenado?". A resposta foi: "Até o meio do ano".

LARANJA CONFESSO

Em depoimento prestado ao ministro Herman Benjamin, do TSE, um motorista que consta como dono de uma gráfica contratada pela chapa Dilma-Temer admitiu ser um laranja. Disse que, ao contrário do que se sabia, a empresa não levou 6, mas 17 milhões de reais da campanha.

FADA MADRINHA

No material apreendido pela Polícia Federal do Rio, Adriana Ancelmo era chamada de "madrinha" por altos magistrados do Rio e de Brasília.

CONTAGEM REGRESSIVA

Camargo Corrêa e Andrade Gutierrez estão definindo o nome dos executivos que vão depor no recall do Ministério Público. A lista fica pronta em dez dias.

ELA É CONTRA

Edson Fachin tem na família uma crítica ferrenha às dez medidas de combate à corrupção. Filha do ministro, a advogada Melina Girardi escreveu um artigo duro, porém elegante, sobre o tema. "É elogiável a intenção do MP, mas não bastam boas intenções", alfineta.

BOTA OUTRO

O Palácio vem mandando recados ao PP de que gostaria de outro nome para o lugar do ministro Ricardo Barros. O partido deseja continuar com ele.

BRASILEIRO NÃO ENTRA

Moreira Franco não quer empresas brasileiras operando os aeroportos. Todas as suas (poucas) conversas são com grupos estrangeiros.

600 000 PARA DORIA

Em plena luz do dia, João Doria recebeu um cheque de 600 000 reais na prefeitura de São Paulo. Nada ilegal. O presente foi dado por Sidney Oliveira, da Ultrafarma, para a compra de medicamentos das farmácias populares.

MAIS UM NO PÁREO

Gilberto Kassab já se movimenta para

© GUILHERME ARTIGAS/FOTOARENA/ESTADÃO CONTEÚDO; MICHEL FILHO/AG.O GLOBO; RASMUS KAESSMANN/AFP

MAURICIO LIMA

ATRÁS DE UM DESCONTO

O ex-senador **Luiz Estevão** tem a possibilidade de tocar um projeto para o qual já provou ter know-how. Em 2016, ele foi denunciado por bancar uma obra em um bloco da Papuda, cadeia onde cumpre pena por desvio de verbas na construção do prédio do TRT em São Paulo (lembram-se do juiz Nicolau?). Agora, o Ministério Público Federal sugeriu que o ex-senador formalize uma proposta para reformar uma ou mais alas da penitenciária. Diante da oportunidade, a defesa de Estevão procurou representantes do Tribunal Regional Federal no Distrito Federal para sondar se a empreitada poderia ir adiante. A ideia foi bem recebida. Mas, como não há reforma grátis, em contrapartida às benfeitorias, Estevão negocia um desconto na sua dívida de cerca de meio bilhão de reais pelas maracutaias no TRT.

ser candidato ao governo de São Paulo. O ministro só não vai concorrer se José Serra quiser o cargo.

LONGE DA BATUCADA

Evangélico, Marcelo Crivella passará o primeiro Carnaval como prefeito bem longe do Rio. Ele irá com a família à África do Sul e já autorizou a venda do camarote da prefeitura para uma empresa privada.

FAÇAM O QUE EU DIGO...

Em 2015, a Petrobras pagou 96 milhões de reais ao Trench, Rossi Watanabe para que fizesse o compliance da empresa. Na semana passada, um dos advogados do escritório, Dalton Miranda, foi indiciado na Zelotes.

MÃOS DE TESOURA

Maria Silvia definiu mais um corte no orçamento do BNDES. Ela cancelou a construção de um prédio anexo no valor de 280 milhões de reais.

TEMPESTADE PERFEITA

Atolada em dívidas, a construtora e incorporadora PDG Realty recebeu um devastador auto de infração da Receita. Valor: 3,6 bilhões de reais.

TUDO PRONTO

O J.P. Morgan vai coordenar a oferta pública de ações da XP, uma operação entre 3 bilhões e 4 bilhões de reais que será feita até agosto. BBA, Morgan Stanley e BTG completam a lista de bancos.

A RESSURREIÇÃO DO *JB*

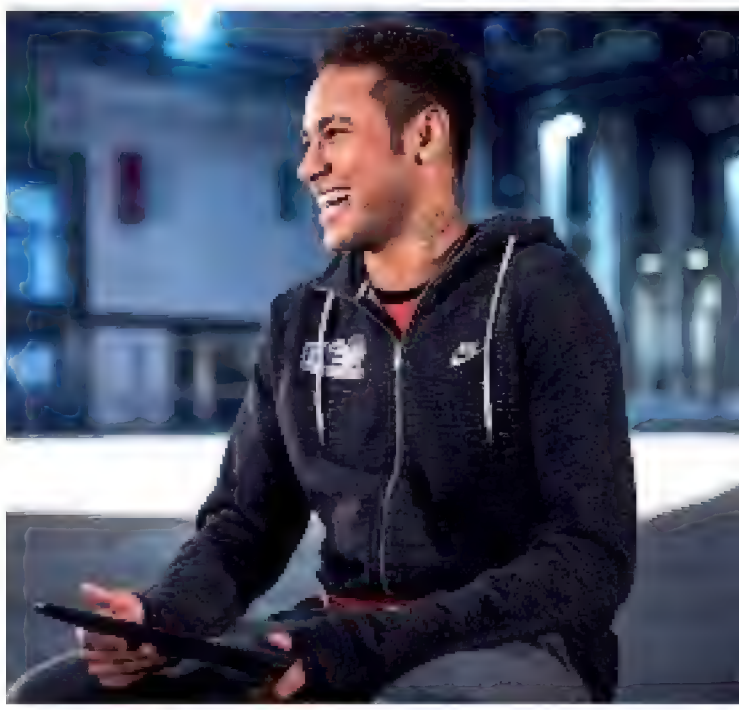
Nelson Tanure passou a marca Jornal do Brasil para o empresário Omar Catito Peres, estrela do ramo gastronômico no Rio. O novo dono tem planos ambiciosos: pretende retornar com a edição impressa da publicação.

O TERROR VOLTOU

Depois de emagrecer 45 quilos e adotar um estilo zen, Boninho tornou a distribuir broncas pelo Projac. Ele anda inseguro com a troca de Pedro Bial por Tiago Leifert. O novo apresentador foi uma aposta pessoal sua.

CRAQUES VIRTUAIS

Nos passos de Ronaldo Fenômeno, **Neymar** também quer investir no mercado de games. O atleta está interessado em comprar um clube no *League of Legends*, jogo-sensação do momento. ■



NEYMAR O jogador quer comprar um time no game *League of Legends*

Com Gabriel Mascarenhas, Pedro Carvalho, Bruno Meier e Ernesto Neves

FOTO: ALEXANDRE BATTIBUGLI

PEDRO FIGOLI, da Geofusion: mais velocidade nas decisões da empresa

O EXEMPLO DAS GRANDES EMPRESAS

No programa EXAME Mentoria PME, empreendedores buscam a experiência de empresários de sucesso para aplicá-la nos próprios negócios

CERCA DE UM TERÇO das empresas abertas nos últimos dois anos não celebrou o início de 2017. Esta é a conclusão de um estudo realizado pelo Sebrae em parceria com a Fundação Getulio Vargas. Segundo a pesquisa, a taxa de mortalidade dos empreendimentos lançados em 2014 é de 33%. Como sobreviver, então, ao período inicial de dois anos e ainda manter uma trajetória de crescimento?

Em busca de soluções para essa e outras questões, empreendedores de todo o país se reuniram com presidentes de grandes marcas no segundo semestre de 2016 para discutir os desafios do mercado e analisar seus próprios negócios. A reunião foi proporcionada pelo programa Mentoria PME, criado pela revista EXAME.

Veja o exemplo da Geofusion, empresa de tecnologia focada em geomarketing que está há 20 anos no mercado e entrou no Mentoria PME em busca de uma visão diferente para o próprio negócio. Apesar de ser líder no mercado de inteligência geográfica no Brasil, a companhia está em processo de mudanças.

"A tecnologia muda muito rapidamente. Nosso grande desafio é entender como continuar crescendo e escalando nosso produto", afirma Pedro Figoli, presidente da empresa. "Viemos buscar a inteligência de um empresário que já viveu isso e pode nos orientar, dizer se estamos no caminho certo e o que precisamos fazer", diz.

Ao longo dos cinco encontros do Mentoria PME, Figoli e os quatro sócios da Geofusion receberam a orientação da presidente da Microsoft Brasil, Paula Bellizia. "Alguém com esse tipo de experiência para discutir seu negócio ajuda a acelerar processos. Perdia muito tempo discutindo coisas que conseguimos resolver em dois encontros com ela", afirma Figoli. "Tivemos, por exemplo, várias discussões sobre a área de inteligência artificial. No primeiro dia de 2017, já começamos com uma equipe dedicada para desenvolver esse tema dentro da empresa", diz.

Para Paula Bellizia, o balanço do programa é positivo. "Vi a Geofusion crescer ao longo das discussões e também tive que me preparar para continuar agregando valor em todos os encontros. Houve um aprendizado mútuo", afirma a presidente da Microsoft.

A segunda edição do Mentoria PME está programada para acontecer ainda no primeiro semestre de 2017. Conheça mais sobre o programa e veja como se inscrever em **exame.abril.com.br/mentoria/2017**.

O QUE É O MENTORIA PME?

O PROGRAMA ORIENTA EMPREENDEDORES QUE DESEJAM APROVEITAR O PRÓXIMO CICLO DE CRESCIMENTO

São realizados encontros individuais e palestras com os empreendedores e executivos de grandes empresas.

Cada executivo convidado para ser mentor atua como conselheiro de uma empresa participante ao longo de todo o curso.

Os mentores estudam o negócio em profundidade e apresentam alternativas para ajudar a empresa a superar seus desafios.

ANO I • XVIII

Sensacionalista

isento de verdade

15 FEV 2017

Mosquitos da febre amarela deixam o Espírito Santo por falta de segurança

O clima de insegurança nas ruas do ES expulsou um grupo que já estava ilustre na imprensa local: os mosquitos da febre amarela. "Ficamos sabendo da situação pelo zap zap", disse um mosquito. "Antes de sair de Minas para lá, olhamos na televisão, mas não estava dando nada."

Outro mosquito diz ter saudade do tempo em que a única coisa que passava zunindo perto da orelha dos outros "era a gente mesmo, e não balas".

Ao ser perguntado se estaria deixando de cumprir sua função de mosquito ao abandonar o ES, o líder da categoria respondeu: "As mosquitas ficaram na porta da caixa-d'água e não nos deixaram sair".

Comando Vermelho quer indicar próximo ministro do STF

A indicação de Alexandre de Moraes para a vaga no STF acendeu o alerta no Comando Vermelho. Os bandidos cariocas acham que estão em desvantagem agora que um ex-advogado do PCC ocupará uma cadeira na mais alta corte do país. Um dos líderes do movimento explicou: "A situação está difícil para nós. As cadeias estão cada vez mais perigosas com a chegada de tantos políticos".

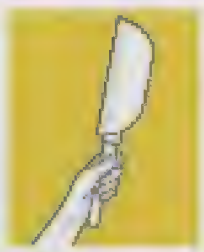
Citado em depoimento, aneurisma nega relação com Cunha

Em nota à imprensa, o aneurisma negou ter qualquer relação com Eduardo Cunha. O ex-deputado disse em depoimento ao juiz Sergio Moro que tem um "aneurisma igual ao de dona Marisa". Familiares do aneurisma ficaram preocupados, pois não sabiam que ele tinha uma doença tão grave.

Aneurisma ficou famoso na década de 80, quando fez vários filmes cerebrais. Filmes-cabeça tiveram seu tempo.

Médicos informaram que o aneurisma passa bem.

Tutorial prático ensina como bater panelas a petistas que reclamam que ninguém bate panela



1 - Pegue uma panela

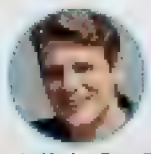
2 - Pegue uma colher

3 - Bate a colher na panela

SOBE

PAI E FILHO

Marcelo Crivella



Marcelo Hodge Crivella

DESCE

ESPÍRITO SANTO

Carnaval 2017

Após a polêmica das marchinhas politicamente corretas, bloco do Rio atualiza letra: "Olha o coque e a barba do Zezé, será que ele é? Será que ele é? Hipster!".

TRÊS PERGUNTAS PARA... VEJA:

Por que vocês contrataram o Sensacionalista? Para disfarçar que apoiamos o golpe.

Eles poderão fazer piada com qualquer um? Sim, mas achamos bem mais engraçadas as que têm o Lula.

Existe um plano para, no futuro, a VEJA ser um caderno dentro do Sensacionalista? Isso é um boato espalhado vocês sabem por quem.

Quanto os sensacionalistas vão ganhar? Em dinheiro, nada. Eles só querem fingir que não são petralhas. Ei! Eram três perguntas!

† MORREU † O bom gosto, após os elogios às fotos da gravidez de Beyoncé e ao show de Lady Gaga no intervalo do Super Bowl.

© JASON SILVA/AGIF; DANIEL RAMALHO; PAULO WHITAKER/REUTERS

VEJA ESSA

"Estou preso por um decreto injusto (...), já que não houve qualquer fato novo para ensejar uma prisão, salvo a necessidade de me manter como troféu."

EDUARDO CUNHA, ex-deputado federal e ex-presidente da Câmara (PMDB-RJ), criticando, em artigo publicado na *Folha de S.Paulo*, a decisão do juiz Sergio Moro, que, em outubro passado, determinou sua prisão sob a acusação de corrupção, lavagem de dinheiro e evasão de divisas

"Recordo que no exercício da Presidência da República houve um deputado que, da tribuna, propôs meu fuzilamento, por discordar de decisões minhas e de minha orientação política. Jamais incentivei qualquer tentativa de restringir sua ação ou cassar seu mandato (...). Com idêntica motivação me oponho a que se procure cassar o mandato do deputado Jean Wyllys, que não é de meu partido e que em seu blog faz críticas ocasionais a mim que considero injustas."

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, em sua página no Facebook, lembrando da sugestão de paredão do deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) e saindo em defesa do mandato de Jean Wyllys (PSOL-RJ), alvo de processo no Conselho de Ética da Câmara por haver cuspido em direção a Bolsonaro durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff

"É muito saudável para a democracia que uma liderança importantíssima de um campo político diferente (...) tenha decidido se posicionar de forma tão honesta, generosa e republicana."

JEAN WYLLYS, em agradecimento a FHC, nas redes sociais

"A sensação de que o Brasil era um trem desgovernado passou."

ARMINIO FRAGA, ex-presidente do Banco Central, em *O Estado de S. Paulo*

"Não tomo tranquilizantes! Os italianos dão um bom conselho: para viver em paz é necessária uma saudável indiferença. Há corrupção no Vaticano, mas estou em paz."

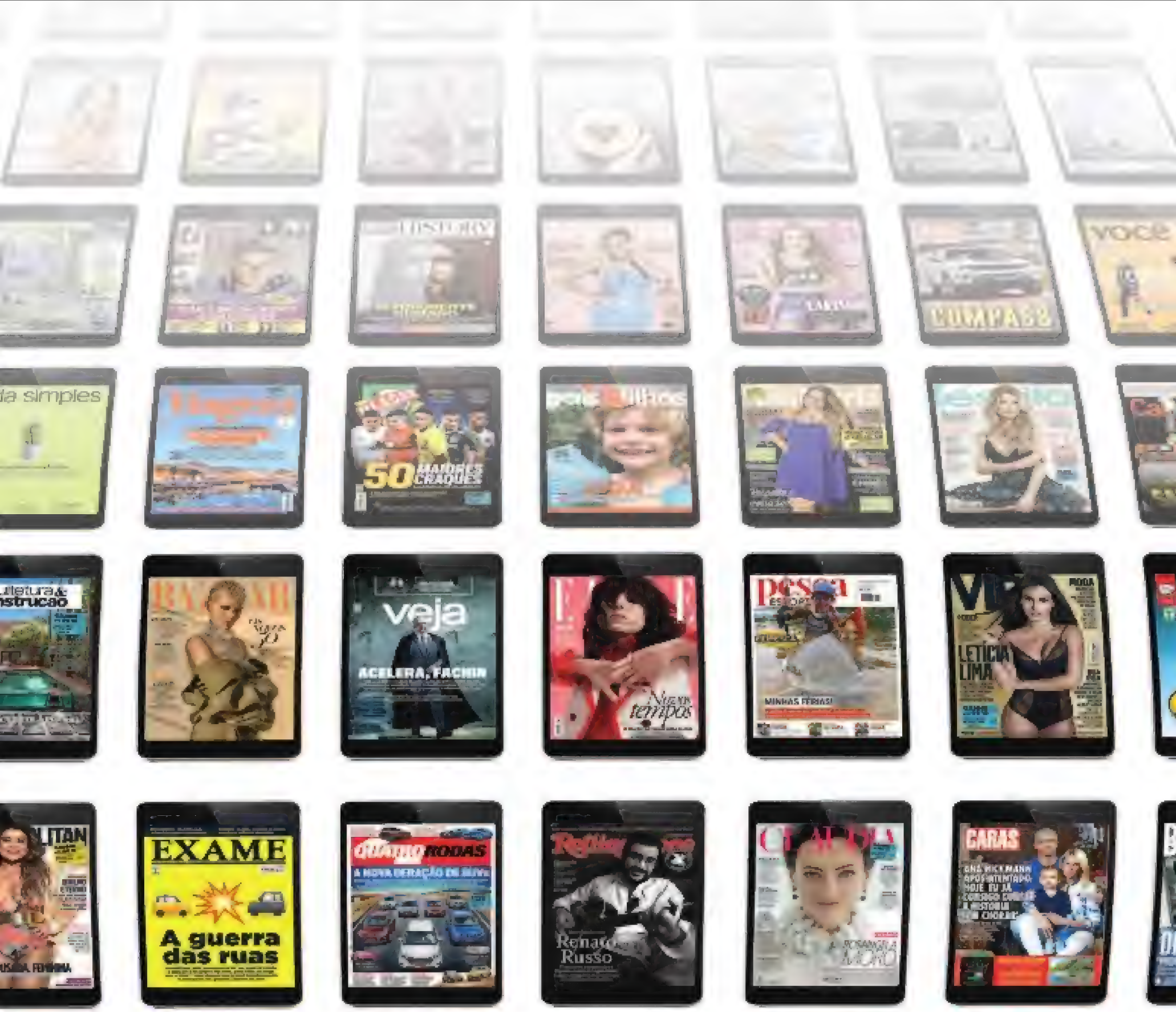
PAPA FRANCISCO, em um colóquio com religiosos que teve passagens divulgadas pelo *Corriere della Sera*, de Milão. Ele disse que se apega a São José para enfrentar os problemas

"Ficar de fora do mercado brasileiro por tanto tempo, é claro, estancou minha carreira. Mas, se eu tivesse ficado aqui, estaria vivo?"

CARLOS LYRA, cantor e compositor, ao falar, no jornal *O Estado de S. Paulo*, sobre o período em que se autoexilou, após o golpe de 1964 – ele era militante do PCB e passou dez anos nos EUA

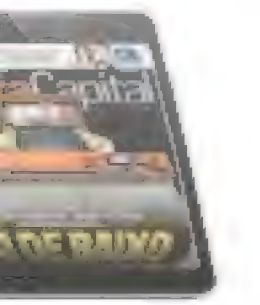
"Donald *(Trump)*, se você não gostava de mim antes, então agora é que não vai gostar, porque eu estou fazendo a apresentação deste programa e sou tão gay, cara."

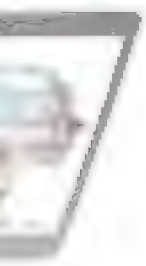
KRISTEN STEWART, atriz americana, cutucando o presidente dos Estados Unidos no humorístico *Saturday Night Live* (NBC)


HISTORY
veja
ACELERA, FACHIN
EXAME
A guerra das ruas
CARAS
LETÍCIA LIMA
Arts
FUTURO DESIGN
LEITE
Bebe

Chegou GoRead.

Acesso ilimitado a mais de 150 revistas em um só lugar.





1º mês **grátis!**

Com GoRead você tem acesso a revistas digitais de diversas editoras para ler quando e onde quiser.

Apenas **R$ 22,90**/mês

Acesse **goread.com.br** e assine já!

Disponível no Google Play

Download on the App Store

GoRead

uma empresa Abril

O BOTE ESTÁ ARMADO

Os sinais emitidos por Brasília não deixam margem a dúvida: se não houver vigilância rigorosa da sociedade, a Lava-Jato poderá perder a guerra para os corruptos

DANIEL PEREIRA, LARYSSA BORGES E RODRIGO RANGEL

APONTE A CÂMERA
PARA ESTAS
PÁGINAS E OUÇA
O TEXTO DESTA
REPORTAGEM

Talvez pela proximidade do Carnaval, a piada recorrente em Brasília é que o governo de Michel Temer rasgou a fantasia. O chiste decorre da leitura mais óbvia dos últimos acontecimentos: tudo conspira, dentro e fora do governo, para sabotar ou pelo menos restringir o alcance das investigações da Operação Lava-Jato. Com o aval do Planalto, acusados de corrupção assumiram postos-chave no Congresso e o controle sobre a tramitação de qualquer projeto. Também uniram forças com o governo para dar apoio à indicação do ministro licenciado da Justiça, Alexandre de Moraes, ao Supremo Tribunal Federal (STF), vaga na qual terá papel de protagonista no julgamento do petrolão. Os sinais da cruzada pela impunidade estão no governo, no Congresso, no Supremo e aparecem até na Polícia Federal. A explicação é uma só: o silêncio das ruas.

É natural que acusados ou suspeitos procurem caminhos para salvar a própria pele — e a Lava-Jato, às vésperas de completar três anos, já sofreu muitos ataques nesse sentido. Agora, porém, a diferença crucial é que não há passeatas nem manifestações nas principais capitais brasileiras oferecendo apoio incondicional às investigações. Com isso, os movimentos de cerco à operação sentem-se mais à vontade. Tanto que o novo capítulo do abafa reúne próceres dos três poderes. O movimento mais recente deu-se com a indicação de Alexandre de Moraes para o lugar do ministro Teori Zavascki, morto num acidente aéreo. De início, o presidente fez circular, por meio de seus assessores, que o nome escolhido seria técnico. Mas, movido por suas preferências pessoais e pela pressão maciça de políticos do PMDB e do PSDB, Temer acabou optando por uma solução política. Moraes já serviu a esses dois partidos. Em São Paulo, foi secretário de Segurança Pública no governo de Geraldo Alckmin. Como sempre demonstrou aguda fidelidade aos superiores, peemedebistas e tucanos contam com a ajuda dele para livrar-se de condenações ou, pelo menos, protelar o acerto de contas e atenuar as penas aplicadas. Foi esse justamente o fator decisivo para sua escolha. "Chega de puritanismo", disse a VEJA um assessor do presidente. Moraes, por ser político e aberto aos políticos, oferece a qualidade que, segundo a célebre gravação de diálogos do senador Romero Jucá, faltava a Teori Zavascki. "É um cara fechado", disse o senador, ao lamentar que as excelências não tinham acesso ao gabinete do então ministro. Agora, elas apostam que, com Moraes, terão um gabinete de portas abertas.

No Senado, Alexandre de Moraes será julgado pelos peemedebistas envolvidos na Lava-Jato. No Supremo, os peemedebistas envolvidos serão julgados por Alexandre de Moraes

O PT também dava como certo que os ministros nomeados para o Supremo pelos presidentes Lula e Dilma Rousseff acudiriam a antiga cúpula partidária no julgamento do mensalão. Como se sabe, errou feio no prognóstico. Os peemedebistas, que se jactam de ser mais profissionais que os petistas, apostam que não padecerão da mesma frustração. Temer escolheu Moraes depois de se reunir com o ministro do STF Gilmar Mendes, seu conselheiro de todas as horas, e o ex-secretário Moreira Franco, a quem promoveu a ministro, garantindo-lhe direito a foro privilegiado. (Questionada por uma constrangedora sucessão de liminares, a posse de Moreira Franco, o "Angorá" nas planilhas da Odebrecht, ainda está indefinida.)

No encontro, os três mostraram preocupação com a possibilidade de repercussão negativa da indicação de Moraes, que, não bastasse ter sido filiado ao PSDB, conhece detalhes intestinos da Lava-Jato, uma vez que a Polícia Federal é subordinada à Pasta da Justiça. O receio do presidente era que a escolha fosse recebida como uma tentativa de aparelhamento político do Supremo em benefício dos investigados. Temer, então, ouviu outros conselheiros, como o ministro da Transparência, Torquato Jardim. Prevaleceu o entendimento de que valia a pena correr o risco. Feito o anúncio, o governo sentiu um alívio. Imaginou que viesse carga mais pesada e interpretou que, de fato, a fase do "puritanismo" podia ser mesmo enterrada.

"O presidente queria escolher alguém que fosse próximo, que conhecesse seu grupo jurídico de amigos. Como a maioria dos amigos já não podia ser indicada por causa da idade, acabou se decidindo pelo Alexandre, que tinha bons apoios", diz um ministro palaciano. Os "bons apoios" a Moraes foram colhidos por toda a Praça

© CRISTIANO MARIZ

UM POR TODOS Presidida por Lobão, a comissão que vai sabatinar Moraes é composta de outros nove investigados

PERIFERIA Gleisi Hoffmann e o notório Fernando Collor: o poder nas mãos de acusados de corrupção

dos Três Poderes. Por orientação de Temer, Gilmar Mendes, sempre ele, sondou colegas do Supremo sobre o nome a ser indicado. Colheu avaliações positivas, inclusive do ministro Celso de Mello, decano do tribunal. Às voltas com o petrolão, a classe política manifestou entusiasmo parecido. Num voo para São Paulo, Temer tratou dos rumos da Lava-Jato com os senadores peemedebistas Eunício Oliveira, presidente da Casa, Renan Calheiros, líder do partido, e Edison Lobão. Acompanhados do ex-presidente José Sarney, os senadores, todos eles suspeitos de corrupção, recomendaram a Temer que escolhesse Moraes. Foi uma sinfonia para os ouvidos do presidente, que acolheu a sugestão.

Pela Constituição, cabe aos senadores sabatinar e aprovar os indicados aos tribunais superiores. O primeiro passo nesse processo se dá na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), a mais importante do Parlamento e, agora, devidamente dominada pelos lava-jatistas. Na semana passada, Eunício, acusado de receber 2,1 milhões de reais em propina da Odebrecht, fechou um acordo com Renan, alvo de nove inquéritos no petrolão, para que Lobão, investigado por corrupção em contratos na Petrobras e no setor elétrico, presidisse a CCJ. O pacto contou com a bênção de Jucá, líder do governo no Congresso e outra estrela da delação da Odebrecht. No Senado, Moraes será julgado pelos peemedebistas. No Supremo, os peemedebistas serão julgados por Moraes.

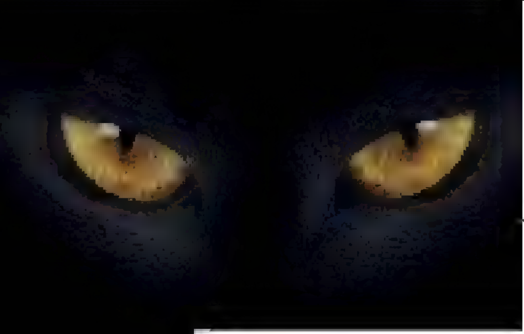
Os caciques do PMDB são investigados por tentativa de obstrução da Justiça. Relator da Lava-Jato, o ministro Edson Fachin abriu um inquérito contra Renan, Sarney e Jucá na

MAJESTADE Investigado, Renan Calheiros deixou a presidência do Congresso para liderar o PMDB

semana passada. O trio, segundo o delator Sérgio Machado, fez de tudo para "estancar a sangria" do petrolão, para usar a expressão imortal do onipresente Jucá em suas conversas gravadas. Diz um senador governista, referindo-se à tomada de posições estratégicas no Congresso pelo PMDB: "Estão partindo para o vale-tudo. O que está sendo disputado não é prestígio nem poder. É a liberdade". Tem toda a razão.

Se depender dos aliados de Temer, o nome de Moraes vai ser aprovado com folga. O relator da indicação é o senador peemedebista Eduardo Braga, outro investigado por corrupção. Fosse levada a sério, a sabatina seria mais interessante do que se anuncia. Como ministro da Justiça, Moraes fracassou na resposta à matança nos presídios e agiu de forma temerária ao dizer publicamente, na véspera da prisão do ex-ministro Antonio Palocci, que novas etapas da Lava-Jato estavam no forno. E, para completar, deixa o cargo em meio a uma dramática crise de segurança pública no Espírito Santo, que ameaça espalhar-se pelo país *(veja a reportagem na pág. 60)*. Sua pasta acaba de ser rebatizada com o nome de Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Um dos pontos mais polêmicos de sua trajetória está relacionado a um caso de corrupção. Em agosto do ano passado, no âmbito da Operação Acrônimo, a Polícia Federal apreendeu na sede da JHSF Participações, empresa acusada de pagar propinas milionárias a políticos, quatro folhas de papel-ofício nas quais o nome de autoridades aparecia ao lado de cifras. Moraes constava da lista como beneficiário de cinco depósitos, efetuados entre 2010 e 2014. O título da



PROTEÇÃO O presidente Temer deu status de ministro a Moreira Franco, também investigado na Lava-Jato

planilha em que estavam lançados os repasses era uma espécie de código: "Pagamentos efetuados pela conta R3-2 Alfa". Dois meses depois da ação de busca e apreensão, a *Folha de S.Paulo* noticiou que ele embolsou 4 milhões de reais. O ministro, que já havia sido alertado de que seu nome aparecera nos documentos encontrados na JHSF, cobrou explicações da cúpula da Polícia Federal sobre o vazamento da informação, que teria o objetivo de desestabilizá-lo. Ele ainda não sabia, mas aquele se tornaria um problema menor. Chamados a esclarecer o que parecia ser a contabilidade paralela da JHSF, advogados da empresa declararam que Moraes recebeu dinheiro legal em troca da prestação de serviços advocatícios. Que serviços? Alegando sigilo contratual, negaram-se a esclarecer. O caso foi arquivado pelo ministro Luiz Fux, mas o assunto está sob análise da Procuradoria-Geral da República, que ainda estuda se pede ou não a abertura de inquérito.

No caso da Lava-Jato, investigadores já depararam com vários exemplos de contratos de prestação de serviços que foram forjados para lavar o repasse de propina. Seria essa a engrenagem a unir JHSF e Moraes? As autoridades não descartam tal possibilidade, já que os pagamentos da planilha estavam associados a uma empresa do grupo JHSF que tinha interesses na Secretaria de Transportes da cidade de São Paulo, justamente quando a pasta era comandada por Moraes. O ministro rechaça a acusação. Caso seja efetivado no Supremo, e tudo indica que será, Moraes exercerá a função de revisor da Lava-Jato. Nesse papel, poderá alegar omissões do relator, sugerir mudanças no relatório, dar mais peso a essa ou àquela prova e, assim, tentar direcionar o julgamento.

Em outro movimento de cerco às investigações, o ministro Gilmar Mendes voltou a criticar a Lava-Jato, desta vez referindo-se às prisões preventivas determinadas pelo juiz Sergio Moro. "Temos um encontro marcado com as alongadas prisões que se determinam em Curitiba", declarou *(veja a frase completa na pág. 48)*. Mendes faz eco a uma preocupação que só agora se tornou urgente. Deflagrada em março de 2014, a Lava-Jato atingiu em cheio os maiores parti-

JOEDSON ALVES/EFE; PAULO LISBOA/BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

PETROBRAS Cunha reafirmou que Temer discutiu nomeações

"SABÍAMOS DE TUDO E DE TODOS"

Michel Temer e Eduardo Cunha sempre foram parceiros. Em Brasília, eram conhecidos como o bom e o mau policial. Na busca de interesses comuns, um mordia (Cunha) e o outro assoprava (Temer). A simbiose rendeu frutos valiosos aos dois. Eleito presidente da Câmara, Cunha abriu o processo de impeachment contra Dilma, o que permitiu a Temer assumir a Presidência da República. A Lava-Jato, no entanto, afastou-os.

O motivo é a propina cobrada na diretoria internacional da Petrobras quando ela estava sob o comando do PMDB. Acusado de embolsar dinheiro sujo, Cunha alega inocência e, a cada movimento que faz, insinua que a responsabilidade pelas irregularidades está alguns degraus acima na hierarquia do poder.

Logo depois de ser preso, Cunha pediu ao juiz Sergio Moro que encaminhasse perguntas ao presidente Temer, arrolado como sua testemunha de defesa. Em uma das respostas, Temer negou que tivesse participado de reunião de peemedebistas para discutir as nomeações do partido para diretorias da Petrobras. Em depoimento a Moro na semana passada, Cunha afirmou que a resposta de Temer estava "equivocada" porque, na condição de presidente do partido, Temer participou, sim, da reunião.

A história é a seguinte. No segundo mandato de Lula, o PMDB pressionou o governo para fazer um diretor na Petrobras. Conseguiu emplacar na diretoria internacional Jorge Zelada, preso pela Lava-Jato. "Essa reunião era justamente pelo desconforto que existia com as nomeações do PT", explicou Cunha. O ex-deputado declarou também que tinha o hábito de reunir-se semanalmente com Temer e outros coordenadores do PMDB. E, numa prova de que cada vez que abre a boca manda um recado ao Palácio do Planalto, Cunha concluiu: "Sabíamos de tudo e de todos".

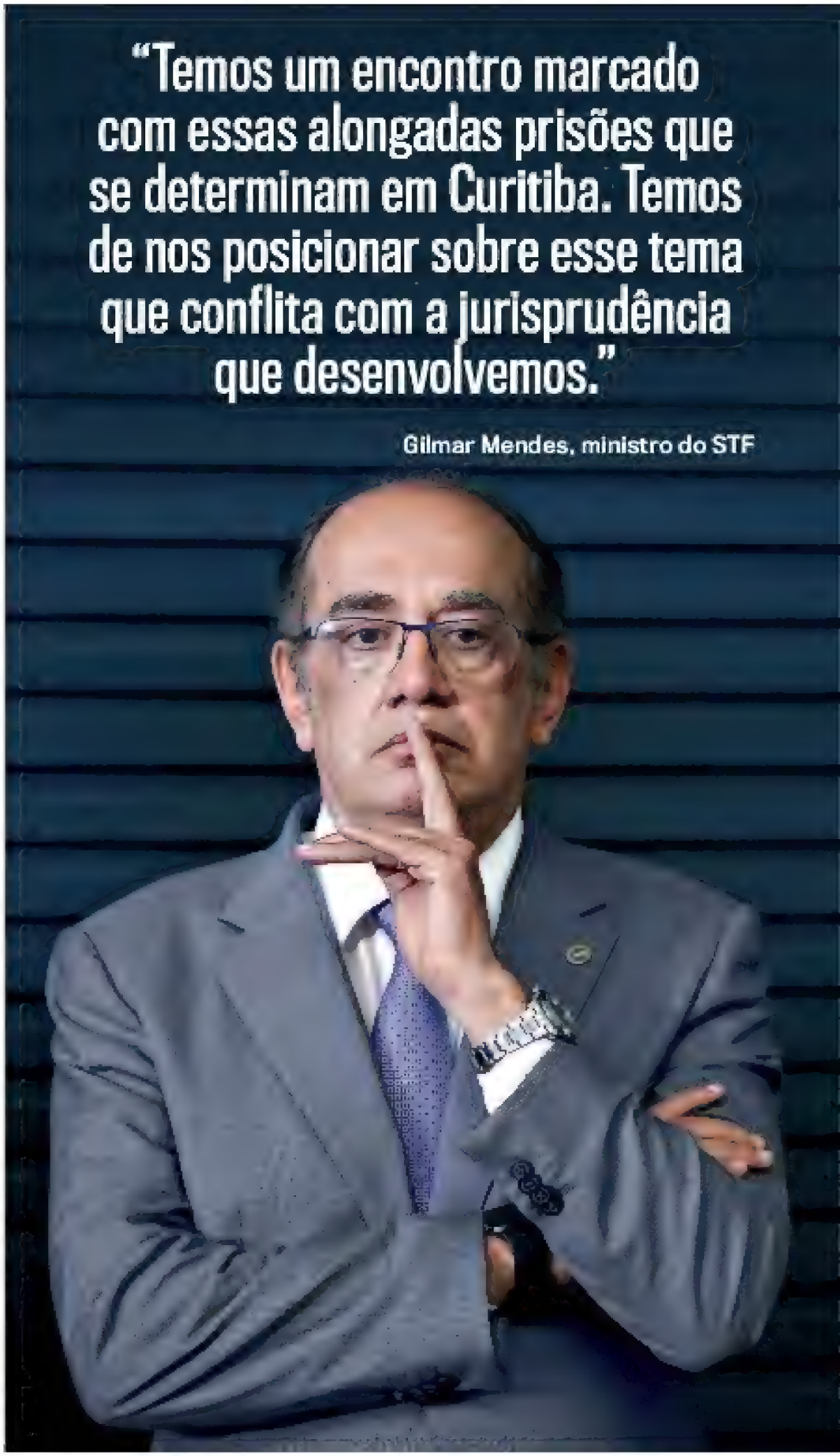
dos do país, do PT ao PSDB, passando pelo PMDB. Os principais presidenciáveis desses três partidos são acusados em delações de receber dinheiro sujo em troca da concessão de vantagens a empreiteiras. Fazem parte dessa lista o ex-presidente Lula e o próprio presidente Temer, além do senador Aécio Neves, do chanceler José Serra e do governador Geraldo Alckmin. O temor aos rumos da operação é suprapartidário, mas, até agora, só o PT sentiu o cheiro de enxofre, tanto que seu desempenho nas urnas se tornou a crônica de um desastre, que, pelo menos até aqui, não se repetiu com nenhuma outra das grandes legendas enroladas.

PT e PMDB já estiveram juntos no golpe à Lava-Jato, mas a coisa desandou — e está sendo reavivada. Em meados de 2015, Renan Calheiros recebeu Lula na residência oficial do presidente do Senado para um café da manhã. À mesa, os peemedebistas de sempre — Jucá, Sarney, Lobão, Eunício. Todos criticaram a operação e a atuação do juiz Sergio Moro e cobraram reação à altura. O PT rompeu com o PMDB, houve o impeachment e o plano naufragou. Agora, os peemedebistas, ladeados pelos tucanos, tentam uma nova cartada.

Na oposição, o PT continua a fazer o que pode para tentar se safar. O partido escolheu Gleisi Hoffmann, ré no petrolão, como líder da bancada no Senado. É uma forma de lhe dar algum prestígio. Outro que também recebeu sua porção de poder foi o notório senador Fernando Collor, um dos primeiros políticos graúdos a ser fisgados pela Lava-Jato, que vai comandar a Comissão de Defesa Nacional. No Congresso, o corporativismo voltou a ganhar corpo. Os deputados aprovaram um requerimento de urgência para a tramitação de um proje-

to que extingue a possibilidade de punição a partidos que não apresentam suas contas ou as tenham rejeitadas. É mais uma reação à Lava-Jato, que descobriu engrenagens clandestinas de repasse de dinheiro para as legendas. Parlamentares também retomaram nos bastidores a ideia de aprovar uma anistia ampla e irrestrita ao caixa dois. Eleito para a presidência da Câmara, Rodrigo Maia, o "Botafogo", é um defensor natural da medida. Maia, aliás, sofreu duro revés na semana passada. A Polícia Federal acusou-o de receber 1 milhão de reais da OAS, depositados na conta de campanha de seu pai, o vereador Cesar Maia, em troca de emenda favorável aos interesses da empreiteira. Maia negou o recebimento de propina e aproveitou para reclamar do "excesso de atenção" da imprensa com a Lava-Jato. Preferiria que o assunto saísse das páginas dos jornais por um tempo.

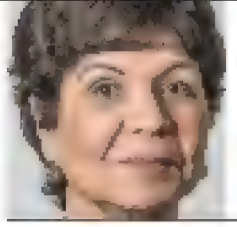
O vale-tudo contra a operação, agora realizado à luz do dia, conta ainda com ações praticadas sem estardalhaço. Uma delas é o desmonte da força-tarefa da Lava-Jato. Responsável por aprofundar os inquéritos que resultaram na prisão dos empreiteiros, o delegado da Polícia Federal Eduardo Mauat foi removido para o Rio Grande do Sul. Em resposta, criticou o diretor-geral da PF, Leandro Daiello: "Enquanto o doutor Leandro for o diretor-geral, não vou retornar à Lava-Jato". Em seguida, o delegado Luciano Flores, que fez a condução coercitiva do ex-presidente Lula, foi designado como superintendente da Polícia Federal no Espírito Santo. Na semana passada, o delegado Márcio Anselmo, que desvendou a relação do doleiro Alberto Youssef com a Petrobras, o marco zero da Lava-Jato, foi convidado para comandar a corregedoria da PF nesse mesmo estado. Já a delegada Érika



"Temos um encontro marcado com essas alongadas prisões que se determinam em Curitiba. Temos de nos posicionar sobre esse tema que conflita com a jurisprudência que desenvolvemos."

Gilmar Mendes, ministro do STF

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; WEBERSON SANTIAGO



DORA KRAMER

Marena, ponta de lança das investigações desde o início, assumiu a área de combate à corrupção na corporação em Santa Catarina. A assessoria da PF diz que os delegados aceitaram os remanejamentos de bom grado. Balela. Nos bastidores, ferve a acusação de que a ideia é deixar a equipe da Lava-Jato mais ao gosto de Brasília e menos ao sabor de Curitiba.

Com a mudança de Moraes para o Supremo, Temer terá de escolher o novo ministro da Justiça. O nome de seus sonhos é o do advogado Antonio Cláudio Mariz de Oliveira, que não emplacou no ano passado porque deu declarações críticas sobre a Lava-Jato. Na ocasião, opiniões contrárias à operação pegavam mal. A fantasia não fora rasgada ainda. É público e notório que a Lava-Jato cometeu abusos e excessos — os quais precisam ser denunciados e corrigidos. Não se combate a corrupção com o atropelo da lei. É preciso, no entanto, que se fique alerta para separar o joio do trigo. Há quem denuncie práticas abusivas por respeito à lei e ao Estado democrático de direito. E há quem o faça apenas com a intenção de sabotar a operação. Na semana passada, o ex-deputado Eduardo Cunha escreveu um artigo na *Folha de S.Paulo* em que diz que sua prisão é ilegal e não passa de "um troféu" para o juiz Moro, que transformou Curitiba em "hotel da delação". Cunha, reconheça-se, toca em questões efetivamente delicadas. Mas seu objetivo não é depurar a Lava-Jato de eventuais abusos. É apenas salvar o próprio pescoço. ■

Com reportagem de Robson Bonin e Marcela Mattos

MUITA SORTE AO AZAR

Temer repete atos já condenados

MICHEL TEMER é habilidoso, bem treinado nas artes e nas manhas, conforme atestam seus anos a fio na presidência do embornal de felinos chamado PMDB e o maneirismo sinuoso exibido na construção do caminho de Dilma Rousseff para o ostracismo. Fala sem dizer, atua sem se comprometer. Um político vestido em figurino ao jeito antigo.

Tudo certo, caso tal estilo não tivesse passado de moda. O presidente da República é um homem referido numa época anterior à influência das redes sociais, à independência dos jornalistas em relação às "fontes", ao noticiário em tempo real, à consolidação do preceito constitucional da liberdade de imprensa, ao peso da opinião do público.

De onde, o presidente segue alheio ao compromisso assumido na substituição ao PT no poder, achando que possíveis consequências acabam por cair no esquecimento. O acordo não escrito, porém implícito, previa mudança radical de procedimentos. Não apenas na condução da economia, mas no critério de mérito e reputação na escolha de ministros, além da recusa a expedientes escusos tais como o abrigo de amigos no foro especial de Justiça.

Distante na forma, Temer se aproxima de Dilma no conteúdo quando não presta atenção à folha corrida de auxiliares, cria ministérios para abrigar afilhados e considera a Presidência da República maior que o país. Nessa trilha, caminha desconectado das prioridades postas no contrato firmado com a maioria favorável ao impeachment.

A expectativa não incluía nomeação de ministros cuja reputação os tornasse passíveis de demissão — como ocorreu em menos de seis meses — nem escolhas questionáveis do ponto de vista político ou atos que poderiam sugerir interferência indevida no andar da carruagem jurídico-policial que busca conduzir o Brasil aos trilhos.

Temer conhecia seus ministros detonados suficientemente bem para saber do risco das nomeações. Ainda assim os alojou no primeiro escalão do governo. Sabia da semelhança entre a nomeação de Moreira Franco e a tentativa de Dilma de dar foro privilegiado a Luiz Inácio da Silva. Ainda assim repetiu o gesto.

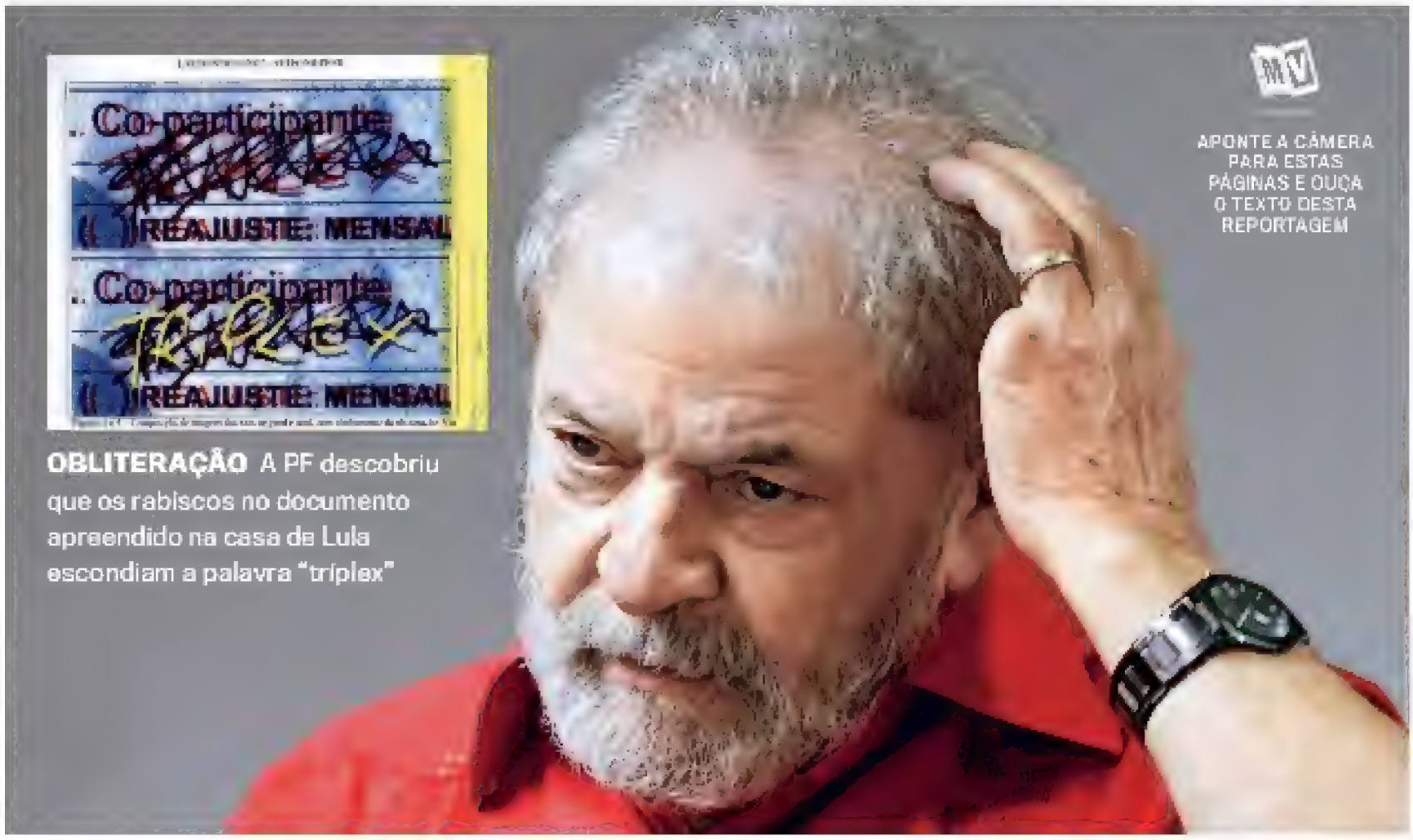
O presidente dispunha de inúmeras possibilidades juridicamente consistentes para ocupar a vaga do ministro Teori Zavascki no Supremo Tribunal Federal. Ainda assim optou por aquela que mais suscitava questionamentos sólidos. Mais fortes que as críticas às relações petistas de Ricardo Lewandowski e Antonio Dias Toffoli, pelo fato de Alexandre de Moraes ser um político. Anteontem filiado ao PMDB de Michel Temer, até ontem registrado no PSDB de Aécio Neves.

No contexto de uma operação como a Lava-Jato é de se perguntar por que um governante daria tanta sorte para o azar.

Provavelmente por razões de DNA. Características que o fazem habilidoso, mas, de outro lado, o colocam na condição de político à moda antiga. Estilo superado e popularmente rejeitado. ■

O TRÍPLEX SUMIU

Perícia da Polícia Federal mostra que contrato de adesão do apartamento de Lula no Guarujá foi rasurado. A palavra "tríplex" foi riscada **HUGO MARQUES**



OBLITERAÇÃO A PF descobriu que os rabiscos no documento apreendido na casa de Lula escondiam a palavra "tríplex"

EM SUA PROPOSTA de delação premiada, Léo Pinheiro, ex-presidente da OAS, revelou que a cobertura tríplex que o ex-presidente Lula comprou na praia do Guarujá, em São Paulo, foi, na verdade, um presente da empreiteira. Em agosto do ano passado, VEJA mostrou os principais pontos das confissões do empreiteiro, que está preso e negocia um acordo de colaboração. Um dos capítulos tratava exclusivamente do tríplex. Pinheiro contou que, em 2010, soube que Lula estaria interessado no imóvel. O recado, segundo ele, foi-lhe transmitido por João Vaccari Neto, ex-tesoureiro do PT. Vaccari — que está preso, condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro — pediu ao empreiteiro que reservasse uma cobertura tríplex do prédio para o ex-presidente. Não houve discussão sobre preços, prazos ou condições de financiamento, por uma razão elementar: não existiu pagamento — ao menos não da maneira convencional. "Ficou acertado com Vaccari que esse apartamento seria abatido dos créditos que o PT tinha a receber por conta de propinas em obras da OAS na Petrobras", contou Pinheiro.

A defesa do ex-presidente sempre disse que as acusações de corrupção contra ele não tinham fundamento. Alega que Lula, em 2005, assinou uma proposta para comprar uma unidade no edifício — qualquer unidade, e não especificamente um tríplex. O prédio, na época, estava sendo construído pela Bancoop, uma cooperativa habitacional do Sindicato dos Bancários de São Paulo. A entidade faliu e as obras foram assumidas pela OAS. Em 2014, o jornal *O Globo* revelou que, apesar da falência da Bancoop e do calote em mais de 3 000 mutuários, a família Lula

© LEONARDO BENASSATTO/REUTERS; EVARISTO SA/AFP

continuava proprietária de um imóvel no edifício.

Em uma busca autorizada pela Justiça, os investigadores da Lava-Jato apreenderam na casa do ex-presidente a tal "proposta de adesão". Um dos campos estava totalmente rabiscado e o número da unidade adquirida havia sido alterado, passou de "174 para 141". Ou seja: deixava de ser o triplex e passava a ser uma unidade convencional. O juiz Sergio Moro requisitou uma perícia — e a novidade saída dela derruba a versão de Lula.

Os peritos descobriram que, além da alteração dos números, os rabiscos escondiam a palavra "tríplex". Isso significa que o apartamento reservado para Lula era, sim, a cobertura com três andares, e não uma unidade qualquer. As alterações podem ter sido feitas para corrigir um engano na hora do preenchimento, mas tudo indica o contrário. A OAS investiu 1 milhão de reais no imóvel, com reformas e mobília. O Ministério Público acusa Lula de corrupção, lavagem de dinheiro e falsidade ideológica. Nas próximas semanas, o juiz Sergio Moro vai ouvir o ex-presidente sobre o assunto.

O caso do tríplex tem um detalhe importante: Léo Pinheiro é amigo de Lula, íntimo a ponto de dar ao ex-presidente o apelido de Brahma. Para conseguir o acordo de delação, ele se comprometeu a revelar a verdade e apresentar as provas do que diz. Se isso acontecer, o melhor cenário para o ex-presidente é demonstrar que João Vaccari fez uma negociata por conta própria para agradá-lo, embora haja um complicador para essa versão: "Perguntei para João Vaccari se o ex-presidente Lula tinha conhecimento do fato, e ele respondeu positivamente", disse o empreiteiro. ■

QUEM SALVARIA QUEM?

O dia 12 de dezembro de 2016 foi marcante para a ex-presidente Dilma Rousseff. Depois de sofrer o processo de impeachment, ela retornou a Brasília para uma audiência na sede da Polícia Federal, onde prestou depoimento na Operação Lava-Jato. Contrariada e demonstrando certa impaciência, ao longo de quase uma hora e meia a ex-presidente negou ter arquitetado um plano para tirar empreiteiros da prisão em Curitiba, outro para evitar a delação do ex-líder do governo no Senado Delcídio do Amaral e um terceiro para proteger o ex-presidente Lula de uma eventual prisão nomeando-o ministro-chefe da Casa Civil.

VEJA teve acesso ao depoimento da ex-presidente. Quando tocou no último ponto, a respeito da indicação de Lula, considerado o mais delicado do inquérito, ela não esclareceu muita coisa, mas fez duas declarações curiosas. A primeira: "Desde o início do segundo mandato, a declarante tinha interesse em trazer o ex-presidente Lula para integrar o governo". A segunda: "A declarante acredita que, caso o ex-presidente Lula viesse a assumir a chefia da Casa Civil, como havia previsto, possivelmente não teria sofrido o impedimento". Dilma, portanto, não estava salvando Lula. Lula é que salvaria Dilma.

A ex-presidente também foi indagada sobre o fato de haver antecipado a nomeação de Lula em seis dias, em relação à data prevista e divulgada por Rui Falcão, presidente do PT. "Rui Falcão tinha intenção de fazer uma grande cerimônia, enquanto a declarante queria dar posse rapidamente ao ex-presidente Lula, com receio de que o mesmo hesitasse em ser nomeado." O delegado Marlon Cajado lembrou que tanto foi às pressas que houve até antecipação de edição do *Diário Oficial da União* com a nomeação. Mas então Dilma disse que não se recordava de ter dado ordens para antecipação nenhuma.

Thiago Bronzatto

A DECLARANTE
Dilma Rousseff: acusada de tentar atrapalhar as investigações da Lava-Jato

EMINÊNCIA PARDA Bannon *(à dir.)* e Michael Flynn, conselheiro de segurança nacional *(no centro)*, com Trump ao telefone

OS ESTRATEGISTAS DE TRUMP

A fragilidade jurídica do decreto contra a imigração de muçulmanos é resultado da confiança cega do presidente dos EUA em um pequeno grupo de assessores radicais **NATHALIA WATKINS**

© PETE MAROVICH/DPA/PICTURE-ALLIANCE/AFP

AO FIM DE TRÊS semanas de governo, apenas três semanas, o presidente Donald Trump parece ter sedimentado uma maneira de tomar decisões. A seu lado, ele acomodou um reduzido grupo de conselheiros ainda mais radicais que ele próprio e com visão rígida de mundo. Um deles é o genro Jared Kushner, que ocupa o cargo de conselheiro sênior. Mas o mais histriônico é o estrategista-chefe Steve Bannon, considerado o segundo homem mais importante do país e o cérebro por trás das decisões mais controversas — entre elas, o decreto de 27 de janeiro que pretendeu barrar a entrada nos Estados Unidos de cidadãos de sete países de maioria muçulmana por noventa dias e de refugiados de qualquer parte do mundo por 120 dias.

Leal e sagaz, Bannon foi bem-sucedido em blindar Trump de ponderações contrárias à medida e o incentiva a dobrar o ataque ante qualquer sinal de resistência. "Bannon parece tentar manter um círculo pequeno em volta do presidente para que a burocracia e especialistas não exerçam influência sobre o presidente", diz Charles Kupchan, professor de relações internacionais da Universidade Georgetown e ex-assessor dos governos de Bill Clinton e Barack Obama para questões de segurança nacional.

A facilidade com que o decreto foi suspenso por liminares na Justiça confirma que a blindagem de Bannon impediu que a medida passasse por um escrutínio de especialistas da Casa Branca. O primeiro retrocesso aconteceu na noite da sexta-feira 3, quando o juiz James Robart, do Estado de Washington, suspendeu a implementação do decreto em todo o país. Enfurecido, Trump fez o que fazem todos os populistas radicais: em vez de defender sua posição, atacou o juiz como se fosse um inimigo, chamando-o de "suposto juiz". Escreveu no Twitter: "A opinião de um suposto juiz, que basicamente impede a aplicação das leis do nosso país, é ridícula e será anulada!". No domingo, Trump foi além e disse que o juiz Robart e todo o Judiciário serão os culpados se os Estados Unidos sofrerem um novo ataque terrorista. Então, foi a vez de o juiz Neil Gorsuch, que acaba de ser indicado por Trump à mais alta corte americana, aparecer na arena. Em uma reunião a portas fechadas na quarta-feira 8, Gorsuch disse ao senador democrata Richard Blumenthal que as críticas aos juízes são desmoralizantes e desanimadoras. Apesar de a informação ter sido confirmada por um funcionário da Casa Branca, Trump atacou o mensageiro. "Senador Richard Blumenthal, que nunca lutou no Vietnã quando disse por anos ter lutado (grande mentira), agora deturpa o que o juiz Gorsuch disse a ele?" Na quinta-feira 9, um tribunal de apelação composto de três juízes reafirmou a suspensão da medida. O governo agora deve levar a questão para a Suprema Corte. "Vejo vocês na corte. A segurança da nossa nação está em jogo", tuitou Trump.

Faz parte do decoro do cargo de presidente o respeito às instituições democráticas, como o Congresso e o Judiciário. Faz parte da arte da política que o primeiro mandatário, para sobreviver no cargo, saiba lidar com aqueles que não o apoiaram nas eleições. Mas Trump já deu mostra de ignorar essas regras básicas. A estratégia foi herdada de sua experiência no mundo dos negócios. Em seu livro *A Arte do Negócio*, ele afirma: "Meu estilo de fazer negócios é simples e direto. Eu miro alto e então só fico forçando e forçando e forçando até conseguir o que quero". A agressividade e a teimosia foram as táticas que marcaram a campanha eleitoral, seja contra os pré-candidatos republicanos, seja contra Hillary Clinton. Ao lado de Bannon, que chefiou sua campanha, Trump tende a manter a mesma técnica.

Stephen Kevin Bannon cresceu em uma família de classe média na Virgínia, serviu na Marinha, formou-se pela escola de negócios da Harvard e trabalhou no Goldman Sachs, o banco de investimento mais estrelado de Wall Street. Após abrir uma empresa no setor de entretenimento, comprou uma parte dos royalties do seriado de comé-

A FILHA Ivanka Trump: a Casa Branca fez propaganda de sua marca de roupa

dia *Seinfeld*. O dinheiro ganho nessa jogada deu-lhe liberdade para dedicar-se a outros interesses, como a direção de documentários que glorificam a direita americana. Entre eles está *A Invicta*, sobre Sarah Palin, a ex-governadora do Alasca e candidata a vice-presidente que se tornou motivo de piada pela quantidade assombrosa de bobagens que conseguia dizer numa frase só, e *Geração Zero*, sobre as causas da crise de 2008 e práticas financeiras. Em 2012, após a morte do fundador do site de notícias Breitbart, Bannon assumiu a chefia do veículo.

Em vários depoimentos, Bannon já se disse contra o establishment — os partidos políticos, a elite intelectual. Sua vontade de destruir o sistema fez dele um ser exótico: é uma mistura improvável de conservador religioso com revolucionário maoísta. Sente-se em uma cruzada mundial. Em 2014, esteve no Vaticano conversando com Raymond Burke, tradicionalista que se opõe ao papa Francisco. Os dois veem o Islã como ameaça ao Ocidente, que estaria enfraquecido pela erosão dos valores cristãos. Para Bannon, Trump é um meio para atingir seus objetivos. Ele chegou a dizer a um jornalista que Trump era "um cego instrumento" para seu projeto de extrema direita, e acrescentou: "Eu não sei se ele realmente entende isso ou não". Suas falas por vezes ganham tons triunfalistas. Entre os pensadores políticos heterodoxos que o inspiraram estão William Strauss, Neil Howe e Nassim Taleb. Todos culpam tecnocratas pelo declínio ocidental e receitam um choque no sistema para reverter a suposta decadência. "O que estamos testemunhando é o nascimento de uma nova ordem política", escreveu no jornal *The Washington Post*.

O desrespeito de Trump com os que dele discordam e com as instituições democráticas teve outro capítulo na semana passada. Depois que a loja de departamentos americana Nordstrom retirou as roupas de sua filha Ivanka das prateleiras alegando vendas baixas, a reclamação foi registrada pelo perfil oficial da Presidência no Twitter. "Minha filha Ivanka foi tratada injustamente pela Nordstrom. Ela é uma pessoa maravilhosa — sempre me convencendo a fazer a coisa certa! Terrível." O caso é escandaloso. Mostra Trump usando sua posição como presidente para favorecer a filha nos negócios. Até a assessora da Casa Branca, Kellyanne Conway, foi mobilizada para defender a filha do presidente. "É uma linha de roupas ótima, eu tenho algumas peças. Vou fazer um comercial gratuito aqui. Comprem hoje. Dá para encontrar na internet", disse Kellyane para o canal de televisão FoxNews. Ao achar que podem governar sozinhos, sem preocupação com o que acontece ao redor, Trump e seus assessores estão perdendo até a noção de ridículo. ■

SUCESSOR Correa com Moreno, que é cadeirante, em comício em Guayaquil, no mês passado

SAI MAIS UM

O equatoriano Rafael Correa não tentará mais um quarto mandato. Entre as possíveis razões estão questões pessoais, popularidade em queda e até a Lava-Jato **NATHALIA WATKINS**

É UM PARADOXO que um bolivariano não tente se estender no poder, ainda que os bolivarianos não sejam os únicos nesta categoria de políticos tão apegada ao comando. Por toda a América Latina, os governantes da esquerda populista que foram abandonados pelos eleitores lutaram até o último momento para manter sua influência. Seguindo a corrente, em 2015 o presidente equatoriano Rafael Correa reformou a Constituição para concorrer a um quarto mandato. Mas, em vez de submeter a mudança a um referendo, recuou. Na eleição do dia 19, Correa não estará na cédula. Em vez disso, tentará fazer do seu ex-vice-presidente, Lenin Moreno, o sucessor.

Há três explicações para a desistência. A primeira, dada pelo próprio Correa, é que ele está cansado e quer dedicar-se à família, que vive na Europa. A segunda talvez seja que ele queira preservar a popularidade obtida no ciclo de bonança econômica, que está chegando ao fim. Com a redução no preço do petróleo, o PIB do Equador caiu 2,3% em 2016. A terceira razão, especula-se, é que as delações da Odebrecht estão prestes a cair como uma bomba sobre o seu governo.

Em dezembro, o Departamento de Justiça americano publicou um relatório em que a Odebrecht confirma ter pago 33,5 milhões de dólares a membros do governo do Equador entre 2007 e 2016. Em troca, a empresa teria sido beneficiada com contratos superiores a 116 milhões de dólares. Em 2008, Correa expulsou executivos da Odebrecht, sequestrou bens da empresa, ocupou sua filial com soldados e ameaçou dar um calote no BNDES alegando problemas na usina hidrelétrica de San Francisco. O caso foi abafado depois. Segundo o documento americano, as disputas da empresa com o governo entre 2007 e 2008 foram resolvidas com o pagamento em dinheiro vivo a uma autoridade pública — cujo nome não é revelado.

Apesar dessas evidências, a investigação não prospera no Equador, onde a Justiça está sob o controle de Correa. Na terça-feira 7, a Procuradoria equatoriana recusou os documentos da Lava-Jato enviados pelo Ministério Público Federal do Paraná porque não estavam em espanhol. A instituição alegou não ter tradutores juramentados de português em seus quadros. Correa pode até não querer mais ser presidente, mas continua sendo um bolivariano de raiz. ■

MODERNIDADE Macron, em comício em Lyon: ele é a favor da União Europeia, dos refugiados e do livre mercado

UMA ALTERNATIVA À DIREITA POPULISTA

Emmanuel Macron, 39 anos, foi ministro do governo socialista, mas prega uma economia aberta. Num eventual segundo turno, ele pode derrotar a candidata Marine Le Pen **LUIZA QUEIROZ**

A MESMA AVERSÃO à globalização que esteve por trás do Brexit e da vitória de Donald Trump nos Estados Unidos fortaleceu nos últimos anos a candidatura presidencial de Marine Le Pen, da Frente Nacional, na França. De líder de uma agremiação política antes marginal, ela hoje é a opção de um em cada quatro franceses para as eleições que acontecem em 23 de abril e tem o mesmo perfil da direita populista que vem desarrumando tudo mundo afora. Até o mês passado, os sinais eram de que ela enfrentaria no segundo turno, em maio, uma versão atenuada de si mesma: François Fillon, do partido Os Republicanos. Essa hipótese deixava sem opção os franceses que são a favor da integração europeia e da assimilação de imigrantes e refugiados. Na semana passada, tudo mudou. Quem agora está mais bem posicionado para enfrentar Marine no segundo turno é Emmanuel Macron. Mesmo sem partido, ele receberia 63% dos votos e ela, 37%, segundo as pesquisas. "É a primeira vez que temos um candidato do centro com chances de ganhar a eleição. Isso nunca aconteceu nesta República", diz o cientista políti-

© ARNOLD JEROCKI/EPE; JEFF PACHOUD/AFP

co Etienne Schweisguth, do Instituto de Estudos Políticos de Paris.

A ascensão de Macron deve-se, em primeiro lugar, à queda de Fillon, cuja candidatura começou a naufragar há duas semanas, ao ser acusado de empregar a mulher e dois filhos como assessores parlamentares. Embora o nepotismo não seja considerado crime na França, os indícios de que os três ganhavam bons salários públicos sem trabalhar foram letais para a reputação de Fillon. Como a rejeição a Marine é alta, os eleitores de Fillon saíram em busca de uma alternativa. Encontraram Macron. Sua tática foi colocar-se no centro do espectro político e tentar falar com todos, tanto à direita quanto à esquerda. Entre as propostas econômicas está uma receita liberal: acabar com a rigidez da jornada de 35 horas de trabalho semanais, flexibilizar a idade de aposentadoria, ampliar os benefícios dados aos desempregados e conceder mais autonomia às escolas.

REJEIÇÃO Marine Le Pen, da Frente Nacional: liderança só no primeiro turno

Macron elogia a política de refugiados da chanceler alemã Angela Merkel e ressalta que a França deve integrar os muçulmanos à sua cultura. Sobre questões como o aborto e o casamento homossexual, prefere deixar esses temas em aberto. Deu certo. Seu movimento Em Marcha, lançado há quase um ano, já tem 120 000 apoiadores. "Macron é jovem, esperto, e também leva vantagem porque é considerado alguém de fora do jogo político tradicional", diz o cientista político Pierre Mathiot, do Instituto de Estudos Políticos de Lille.

Um dos aspectos mais intrigantes de Macron é sua vida pessoal incomum. Ele é casado com Brigitte Trogneux, que hoje tem 63 anos e, portanto, é 24 anos mais velha que ele. Os dois se conheceram quando Macron tinha 15 anos, na cidade de Amiens. Brigitte era sua professora de francês e de teatro no colegial. Aos 16, ele declarou sua paixão por ela. Preocupados, os pais mandaram Macron para Paris. "Eu voltarei e me casarei com você", prometeu ele a Brigitte. Quando Macron fez 18 anos, ela se separou do marido e foi para a capital francesa encontrá-lo com seus três filhos. Em Paris, Macron se formou na Escola Nacional de Administração e estudou filosofia. Trabalhou como investidor no banco Rothschild, onde fez uma pequena fortuna. Em 2012, tornou-se conselheiro do presidente François Hollande até ser promovido a ministro da Economia dois anos depois.

Quanto à vida privada de seus governantes, os franceses são o oposto dos americanos. São comuns os casos de autoridades que tiveram amantes e filhos fora do casamento, sem que isso tenha repercussão política negativa. Macron e Brigitte formam um casal que, em público, parece harmonioso e apaixonado e vive estampando capas de revista. Recentemente, fotos dele dando de mamar a um dos sete netos de Brigitte agitaram as redes sociais. O perigo, sob a ótica dos franceses, pode ser outro. Para eles, um político pode levar a vida que quiser, desde que seja sincero. Nos últimos dias, foram divulgados rumores de que o candidato tem um caso com Mathieu Gallet, diretor da emissora de rádio pública Radio France. Macron negou que tenha uma vida dupla ou uma relação com Gallet. "Não seria um problema se ele fosse homossexual. Mas, se alguém descobrir que mentiu, os eleitores se sentiriam enganados", diz Philippe Moreau Defarges, analista político do Instituto Francês de Relações Internacionais, em Paris. Não faltarão tentativas de desmascará-lo. ■

NENHUM EXILADO É FELIZ

Roger Pinto Molina, 56 anos, ex-senador boliviano que vive no Brasil

QUANDO ME REFUGIEI na Embaixada do Brasil em La Paz, em 28 de maio de 2012, tinha a convicção de que sairia dela em poucos dias. Eu havia desafiado o presidente Evo Morales ao denunciar a ação de corruptos em seu governo, mas acreditava que estaria protegido pela minha condição de senador. Depois de uma semana, comecei a perceber que minha situação se tornara irreversível. Em pouco tempo, já estava psicologicamente destruído. A solidão é dura e degrada qualquer um. Durante os 453 dias que passei na embaixada, pensei muitas vezes em me entregar. Recebia recados de apoiadores do presidente que diziam que eles pretendiam queimar meus familiares vivos. Qualquer pai e avô conhece o significado de uma ameaça dessas. Eu sabia que eles seriam capazes de cometer esse tipo de atrocidade.

Nunca perdi a esperança de voltar a ser livre. Apesar disso, quando o diplomata brasileiro Eduardo Saboia me sugeriu fugir secretamente para o Brasil, tive medo. Era um salto no escuro que poderia resultar na minha morte. Na manhã do dia em que partimos, olhei para tudo o que eu tinha. Minha cama, minha escrivaninha. A embaixada era minha casa. Eu já havia me acostumado e, por um instante, não quis deixar aquele ambiente para trás. Quando entramos no Brasil, já quase sem combustível no tanque do carro, depois de viajar por cerca de 1600 quilômetros, senti uma emoção profunda. Eu estava livre. Encontrei do lado de cá da fronteira uma solidariedade indescritível. Fiz amigos entre a classe política que hoje considero membros de minha família. Logo que cheguei, o senador Ricardo Ferraço (PSDB-ES) me levou para Brasília e me ofereceu abrigo. Passei quase seis meses no apartamento do senador Sérgio Petecão (PSD-AC), que me cedeu um quarto, onde vivi como se fosse minha casa. Apesar de toda a ajuda, engana-se quem acha que tive uma vida fácil desde então. Nenhum exilado está feliz longe de sua pátria. Todos os dias sonho em voltar para a Bolívia, meu país e meu lar verdadeiros.

Por mais que meus novos amigos se esforçassem para me acolher, sempre me sentia só. Brasília não era a minha cidade. Eu ficava a maior parte do tempo trancado na quitinete que me fora cedida. Mas, em vez de me deixar consumir mais uma vez pela solidão, usei esse tempo de reflexão para me convencer de que não podia permitir que os corruptos de meu país continuassem a me fazer mal. Encarei o fato de que o Brasil passaria a ser o meu novo país e fui procurar um emprego. Tirei brevê e iniciei uma nova carreira. Eu, que já pilotava ultraleve, descobri na aviação o meu prazer e o meu sustento. Hoje, presto serviços como piloto particular em várias partes do Brasil. Já fiz até voos panorâmicos no litoral de São Paulo. Muitas vezes transporto pessoas que nem sequer sabem da história de perseguição que sofri nem do incidente diplomático que disso resultou.

Reconstruir minha vida é mais que uma vitória pessoal. Tento mandar a seguinte mensagem de resiliência a todos os perseguidos políticos: "Evo não me destruiu". Quero que eles saibam que também podem superar as dificuldades de estar na oposição. Obviamente, ninguém sai ileso da perseguição estatal. Perdi quase tudo, e a todo momento preciso vencer novas adversidades. Estava tudo pronto, por exemplo, para minha esposa vir morar comigo em Brasília. Não vivo com ela sob o mesmo teto desde o refúgio na embaixada, há quase cinco anos. Mas a tragédia da Chapecoense adiou nossos planos. No acidente, morreu o meu genro Miki *(Miguel Quiroga)*, que pilotava o avião da LaMia que levava a equipe da Chapecoense. Minha filha e meus três netos vivem no Acre, e minha mulher vai morar com eles. Eu permanecerei em Brasília, para sustentá-los com meu trabalho. Quando fiquei confinado em La Paz, Miki cuidou da minha família. Agora tenho de preencher o vazio deixado por ele. ■

Depoimento colhido por Leonardo Coutinho

FILME DE HORROR
Semana de pânico na capital capixaba: 127 pessoas morreram e a população se trancou em casa

TERRA EM

A polícia do Espírito Santo recolheu-se aos quartéis e os bandidos tomaram conta das ruas. A preocupação é que o Rio siga pelo mesmo caminho. Onde isso vai parar?

LUISA BUSTAMANTE, MARIA CLARA VIEIRA E THIAGO PRADO

© DIEGO HERCULANO/MJPIOTO/GETTY IMAGES

M TRANSE

Fevereiro mal havia começado quando a cúpula da segurança do Espírito Santo captou os primeiros rumores de que policiais militares do estado estavam armando uma paralisação. O movimento não chegou a preocupar. Embora a PM estivesse claramente insatisfeita com seu salário, apostava-se no máximo em atos isolados, aqui e ali, sem grande repercussão. Num erro dramático, ninguém se mexeu para marcar uma reunião, iniciar uma negociação, ouvir e apresentar propostas. Na sexta-feira 3, a tropa começou a evaporar das ruas. No dia seguinte, Vitória era uma cidade à mercê de bandidos, saqueadores, assaltantes e gangues em guerra — e cidadãos de bem subitamente transformados em feras do crime. Até o fechamento desta edição, eram 127 mortos no estado. Os policiais continuavam nos quartéis. Poucas vezes na história do país tamanho pandemônio tomou conta de uma região metropolitana.

A possibilidade de o movimento ganhar contorno nacional assustou o governo federal. O cenário de estados quebrados, salários atrasados e renda em baixa é o perfeito caldo de cultura para sublevações. No Rio de Janeiro, já soterrado em problemas, a população acompanhava na sexta-feira passada as tentativas de piquete nas portas de batalhões da PM, inspiradas no que ocorreu no Espírito Santo. De quem, afinal, é a culpa pela semana sem lei de Vitória, que acuou as pessoas em casa, fez o comércio cerrar as portas, fechou escolas, esvaziou as ruas e matou inocentes? A Polícia Militar, certamente, é a responsável direta pelo caos, ainda que sua grita salarial possa ter mérito. Dado o trabalho essencial que desempenha, não tem o direito — assegurado à maioria — de cruzar os braços. Está na Constituição, nos artigos 42 e 142: polícia, bombeiros e Forças Armadas são proibidos de fazer greve. É uma premissa adotada e obedecida em todos os países desenvolvidos, que, no entanto, estão sempre alertas para negociações *(veja o quadro na pág. 69)*. Mas essa conta tem de ser dividida. A preceder o caos que tomou a capital capixaba está uma sequência de governos que se mantiveram indiferentes às demandas de uma categoria que, ao contrário da elite do funcionalismo público, mimada com gordos salários e benesses sob encomenda, arrisca a vida e vive a pão e água — os policiais militares do Espírito Santo recebem o segundo pior salário do país, atrás apenas dos da Paraíba.

OPORTUNISMO Supermercado saqueado e mulheres em protesto contra a turma que bloqueava os batalhões de polícia: na capital Vitória, o estado de direito deu lugar a depredações, roubos, tiroteios e homicídios em um cenário de guerra civil

Para que não se caracterizasse uma greve, policiais do Espírito Santo montaram um teatro na porta dos batalhões

Para que não se caracterizasse uma greve, as mulheres e filhos dos policiais militares, que se organizaram pelas redes sociais, formaram uma barreira humana no portão de vinte batalhões da PM, quase todos localizados na região metropolitana de Vitória. Quem chegava ao trabalho podia entrar; quem estava lá dentro não podia sair. Era uma farsa, um teatro. Na mesma sexta-feira em que o "cerco familiar" aos quartéis começou, o governador Paulo Hartung (PMDB) se encontrava em São Paulo. Havia marcado uma cirurgia para a remoção de um tumor na bexiga no Hospital Sírio-Libanês. Cinco dias depois, em vez dos quinze habituais, teve alta, retornou a Vitória e, em entrevista coletiva, declarou que o governo não se submeteria à "chantagem" dos grevistas. Claro que é uma chantagem, mas também movida a inabilidade. "O governador e seus subordinados não foram hábeis na prevenção do tumulto", diz a senadora Rose de Freitas, do PMDB de Hartung.

A senadora testemunhou a balbúrdia que se instalou em Vitória. Ela conta que saiu para comprar remédio em uma farmácia e, no caminho, presenciou seis homens armados pararem um carro, tirarem de dentro a motorista e roubarem tudo o que ela tinha, inclusive o veículo. No caminho para o aeroporto para receber o ministro da Defesa, Raul Jungmann, o prefeito de Vitória, Luciano Rezende, do PPS, testemunhou dois assaltos. Lojas, supermercados e shopping centers foram saqueados. Em um comércio, as câmeras registraram Marcela Ranocchia, candidata não eleita a vereadora pelo PSDB na última eleição, protagonizando um flagrante de furto: saía do local com bolsas abarrotadas de roupas (arrependida, ela devolveu os produtos; o partido levou o caso a seu conselho de ética). Na periferia da capital, as batalhas entre bandidos tomaram as ruas e moradores

FOTOS: WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO; GABRIEL LORDELLO/MOSAICO IMAGEM/AGÊNCIA O GLOBO

OFERTA
OFERTA
Fácil

2190

EM SERVIÇO Às 18h49 da segunda-feira 6, o policial civil Mário Marcelo de Albuquerque *(à esq.)* enviou uma mensagem à mulher, Patrícia. "Ele me avisou que estava a caminho", conta. Com a convulsão no estado, ele havia estendido o plantão. Dentro da viatura, avistou dois bandidos. Saiu do carro, rendeu a dupla e foi alvejado por um deles no abdômen. Morreu aos 44 anos, com catorze de polícia, deixando os filhos Kaique, 8 anos, e Kaio, 8 meses, na foto junto à mãe. "Nada vai apagar essa dor, mas ver centenas de pessoas homenageando meu marido me dá conforto", diz Patrícia

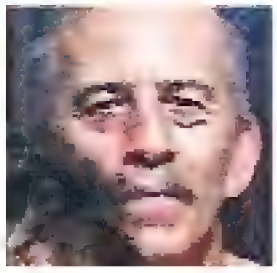
apavorados gravavam de dentro de suas casas, e divulgavam na internet, os sons dos tiroteios constantes. O Departamento Médico-Legal, por falta de espaço, empilhava sacos plásticos com corpos pelos corredores.

Porta-voz da paralisação, um grupo de mulheres de PMs apresentava, em discursos e cartazes, suas reivindicações: anistia a todos os envolvidos e reajuste de 47%. Elas bradavam contra o arrocho salarial dos policiais, que amargam sete anos sem aumento real e os últimos três sem reposição da inflação. E afirmavam: antes de irem às ruas, pediram várias vezes para falar com o secretário de Segurança Pública, André Garcia, que nunca as recebeu. Desde que o tumulto se instalou, tiveram alguns encontros com representantes do governo, inclusive Garcia. Enquanto negocia, o alto escalão capixaba indiciou, até agora, 703 PMs e não arreda o pé da negativa de aumento. Ele significaria uma despesa extra de 500 milhões de reais, dinheiro que o estado definitivamente não tem.

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA A CENAS DO CAOS DEIXADO PELO MOTIM POLICIAL

Como é de praxe, Exército e Força Nacional foram despachados para suprir a ausência de policiamento, com a falta de resultados que sempre acompanha a presença de um contingente pouco numeroso e sem experiência na função. O mesmo chamado está sendo cogitado agora no Rio de Janeiro. Já se provou ser apenas um paliativo que escamoteia temporariamente os problemas da segurança pública. O Espírito Santo tem 10 300 policiais, e 2 000 estão diariamente nas ruas. Das Forças Armadas, entre os que já desembarcaram em Vitória e os que ainda estão por vir, serão 3500 homens no total. "A Força Nacional não conhece a violência na área. Um exemplo disso é que demorou a chegar à periferia da região metropolitana, justamente a mais convulsionada", diz o deputado estadual Amaro Neto, do Solidariedade. Especialistas concordam que o ca-

© LEONARDO DONASCIMENTO



LEMBRANÇAS Com a vizinhança deflagrada, Almir Chrizóstomo, 61 anos, pegou o carro para buscar o filho caçula no trabalho. Três homens armados se aproximaram, ele acelerou e foi atingido por um tiro na nuca. O carro chocou-se contra um poste e, mesmo sendo socorrido no ato, Almir chegou morto ao hospital. As duas filhas, Márcia e Thiara *(no fundo)*, e a mãe, Maria Madalena, contam que ele, que não completou a escola, gabava-se do diploma universitário dos filhos. Em 2007, escreveu uma carta se dizendo "grato à vida que tinha". Ela foi lida no velório, como ele queria

minho para a boa segurança pública deve passar pelo conhecimento total dos códigos e das circunstâncias locais. "A polícia é realmente eficiente quando sabe onde está pisando, e a inteligência é fundamental para otimizar sua ação", ressalta o sociólogo Claudio Beato, o atual secretário de Segurança de Belo Horizonte.

Em 2015, quando Hartung assumiu seu terceiro mandato, o Espírito Santo atravessava situação semelhante à de muito outros estados. Perdia arrecadação e tinha o orçamento engessado por despesas infladas, e aumentando. Sua opção era cortar ou cortar. A tesoura do ajuste fiscal tosou mais de 4 000 cargos comissionados e podou os investimentos. Estes, que em 2010 levaram 23% do bolo, contam agora com meros 4,3%. Na segurança, minguou a verba de viaturas, coletes e equipamentos, os salários estagnaram e a relação com a PM azedou de vez. Não havia o que fazer. "O ajuste fiscal, mais do que necessário, não é culpado pela crise atual no Espírito Santo. Ela é resultado, isso sim, de gastos excessivos e da falta de visão de longo prazo nos tempos de euforia generalizada", enfatiza o economista Paulo Rabello, presidente do IBGE.

Não é a primeira vez que o estado passa por um duro ajuste. Quando Hartung iniciou seu primeiro governo, em 2003, assumiu um estado endividado, com a contabilidade caótica. Eram tempos de alto rendimento com petróleo, e ele conseguiu negociar com o governo federal um adiantamento de royalties — o Espírito Santo é o segundo maior produtor do país. Com o dinheiro afluindo, pagou salários atrasados, atraiu empresas, eliminou cargos e pôs ordem na casa. No auge da economia capixaba, o Porto de Vitória escoava todo tipo de matéria-prima para o exterior e registrava a entrada maciça de automóveis e outros itens. O momento era mais do que favorável: o preço das commodities, como café e minério, explodia no mercado internacional, assim como o do barril do petróleo, e o consumo dos brasileiros fervilhava.

Apelidado de "imperador" pelo jeito autoritário de governar, Hartung foi reeleito e passou a reformular a segurança, adotando a partir de 2009 um policiamento ostensivo que começou a reduzir os crimes em um estado conhecido por abrigar quadrilhas de traficantes muito bem articuladas. "A ação repressiva da polícia, aliada a investimentos na investigação de homicídios, acabou com a sensação de impunidade dos bandidos", avalia Bene Barbosa, especialista em segurança. O sucessor de Hartung, Renato Casagrande, do PSB, herdou um estado em boa saúde financeira, mas não resistiu a embarcar na mesma farra de gastos de tantos colegas governadores — puxada pelo agora presidiário Sérgio Cabral, no Rio. Eram tempos em que se pensava que o Brasil do futuro estava chegando. A máquina capixaba inchou: de acordo com um estudo da RC Consultoria, de São Paulo, a folha de pagamentos do funcionalismo, que representava 35% das despesas em 2010, passou a dragar quase o dobro, 65%, em 2012. O estado está na sétima posição entre os que mais gastam nesse quesito.

"As despesas com pessoal no Espírito Santo engessaram o orçamento", diz o economista-chefe da RC Consultoria, Marcel Caparoz. "É importante ressaltar que a bomba que explode agora foi acionada lá atrás."

Muita gente se beneficiou na época de ouro (ou de petróleo) capixaba, mas uns ganharam mais que outros. Embalado nos generosos reajustes concedidos desde então, um juiz do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, por exemplo, recebe hoje, em média, 43 300 reais. Muito menos agraciados com os frutos do petróleo, os policiais capixabas em início de carreira, que não veem aumento desde 2011, ganham, brutos, 2646,12 reais. Um sargento leva quase o dobro. No topo da hierarquia, um coronel recebe 13 800 reais — um terço do que ganha o juiz. A distribuição flagrantemente injusta da remuneração do funcionalismo é prejudicial à categoria em qualquer parte do Brasil. Numa distorção generalizada, a elite da máquina abocanha a fatia do leão dos aumentos e gratificações, enquanto setores essenciais, como saúde, educação e segurança, ficam ao relento.

Se a mistura de distorção histórica, crise econômica, falta de planejamento e escassez de recursos desembocou em caos no Espírito Santo, que pelo menos paga os salários em dia, dá para imaginar seu potencial em estados que nem sequer tentaram racionalizar as contas. Os casos mais calamitosos são, pela ordem, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Para dar uma dimensão do buraco financeiro fluminense, a dívida ali equivale a mais do dobro do que o estado arrecada por ano. "Diante dessa fragilidade nas contas, o descontrole em Vitória pode criar um preocupante efeito dominó", alerta o economista Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas. Neri também enfatiza: uma queda significativa de renda, como a que se vê no Brasil, vem acompanhada de alta dose de insatisfação popular — coquetel que favorece o tumulto.

A ameaça de paralisação da polícia do Rio atiçou as chamas do inferno astral da semana do governador Pezão

Em nenhum lugar a crise capixaba repercutiu com tanto estrondo quanto no Rio de Janeiro, vizinho de cerca do Espírito Santo. Atropelado por uma calamitosa escassez de recursos, o estado atrasa há meses o pagamento dos servidores públicos — inclusive o soldo das forças de segurança. Deflagrada a crise em Vitória, mais que depressa o governador Luiz Fernando Pezão anunciou que vai depositar no dia previsto — terça-feira 14 — tanto o salário dos policiais como a parcela prometida do aumento que vem sendo acertado em suaves prestações desde 2014.

O afago não impediu uma primeira e, por enquanto, restrita mobilização que ainda não se sabe onde vai dar. Na madrugada de quinta para sexta, emulando os vizinhos capixabas, mulheres de policiais postaram-se no portão de batalhões. Dos 100 quartéis policiais do Rio, 27 amaneceram com protestos na porta; em pelo menos cinco deles, os agentes enfrentaram dificuldades para sair à rua. Com faixas e filhos no colo, elas reivindicam salários em dia e melhores condições de trabalho para os maridos. Até o fim da tarde, o governo afirmava que o policiamento no estado seguia praticamente inalterado.

A possibilidade de paralisação da polícia fluminense atiçou as chamas do inferno astral da semana de Pezão. A reestruturação da dívida estadual com a União, que traria um necessário alívio financeiro e era dada como certa, voltou à mesa de negociação em Brasília. Servidores públicos e vân-

SÓ DESGOSTO Manifestantes protestam no centro do Rio contra medidas de austeridade e Pezão se reúne com a cúpula da segurança estadual para discutir o risco de greve na polícia *(abaixo na pág. ao lado)*: ainda por cima, o TRE cassou a chapa do governador, que entrou com recurso

AP YASUYOSHI CHIBA/AFP PHOTO CARLOS MAGNO/GERO

P M
SERVIR E PROTEGER
POLÍCIA

HSM-5622

LÁ VEM A TROPA FEDERAL
Exército e Força Nacional chegam a Vitória *(abaixo)*: no Rio, onde mulheres também cercaram batalhões *(à esq.)*, o reforço pode ser um paliativo

dalos que não perdem uma manifestação protestam diariamente em frente à Assembleia Legislativa contra medidas de austeridade encaminhadas pelo governo. O tema que mais leva servidores às ruas neste momento é a proposta de privatização da companhia local de água e esgoto, a Cedae.

Como se isso não bastasse, o Tribunal Regional Eleitoral, em uma decisão que se arrastava havia dois anos e pegou todo mundo de surpresa, cassou o mandato do governador e de seu vice, Francisco Dornelles, por irregularidades na campanha de 2014. A punição não tem efeito prático. O governador pode apresentar recursos ao próprio TRE, depois ao Tribunal Superior Eleitoral, e, em última instância, apelar para o Supremo Tribunal Federal, em um processo que talvez só termine após o fim de seu mandato. Mas a sequência de desgostos da semana expõe o enfraquecimento de Pezão e do PMDB fluminense naquilo que sempre foi sua especialidade: a articulação política nos bastidores. O declínio do partido, que está há mais de uma década no poder, tem relação direta com o fato de o comandante-mor da sigla no Rio, o ex-governador Sérgio Cabral, estar preso há três meses no Complexo Penitenciário de Bangu, acusado de liderar uma gigantesca rede de corrupção. Aliás, na mesma semana infernal, Pezão foi citado nesse escândalo. Diante do governador encurralado, o presidente da Assembleia, Jorge Picciani, avisou o Palácio Guanabara: vai ser difícil segurar o pedido de impeachment encaminhado à Casa.

Escaldado pela má experiência capixaba, o governo fluminense tomou providências relativamente cedo. Mobilizou o comando das polícias para reiterar que a categoria é terminantemente proibida de fazer greve. Também pôs alguns batalhões de sobreaviso. O Brasil não registra uma greve de policiais de grandes proporções desde 1997, quando uma paralisação iniciada em Minas Gerais se espalhou com força por onze estados. Durante quinze dias houve uma escalada da violência, dos assaltos e das depredações — mas os homicídios não tiveram alta significativa, como agora. Naquela ocasião, beneficiados pela proximidade de eleições, os PMs envolvidos no movimento foram anistiados e atendidos, em parte, nos pedidos de aumento e abono salarial. Mas ninguém aprendeu a lição de que forças de segurança não podem ser deixadas ao léu — sob pena de que se vivam horas de terror e caos. ■

© GUILHERME PINTO/EXTRA/AG. O GLOBO; LEONARDO BENASSATTO; SHANNON STAPLETON/REUTERS

PROTESTO Policiais dão as costas ao prefeito de Nova York, em 2015

LÁ FORA, POLICIAL NÃO PARA

Nos países desenvolvidos, as greves de corporações policiais são uma questão superada — e há décadas. Na Inglaterra, a última vez que os policiais cruzaram os braços foi em 1919, na cidade de Liverpool, por melhores salários. No ano anterior, a polícia londrina fizera a mesma coisa e conseguiu um acordo que igualou seu salário ao dos operários urbanos. O primeiro-ministro David Lloyd George deu um basta na sequência de motins dissolvendo o sindicato dos policiais e tirando-lhes o direito de greve. O premiê justificou a medida dizendo que policiais não têm os mesmos direitos trabalhistas que o restante da sociedade devido à natureza insubstituível de sua função. Em 2007, a categoria tentou reaver o direito à greve, mas teve sua pretensão barrada no Parlamento.

Depois da Inglaterra, diversos países europeus instituíram proibições semelhantes. É assim na França, na Alemanha, na Espanha e na Holanda. Na década de 80, os policiais da Espanha e da Holanda ensaiaram parar, mas a ilegalidade flagrante das greves desestimulou a adesão.

Nos Estados Unidos, uma sucessão de greves entre os anos 60 e 80 também levou as autoridades a proibi-las para policiais. A punição prevista, na maioria dos estados, é a demissão. A última greve policial ocorreu em 1983 na cidade de Corona, na Califórnia. A maioria dos quarenta oficiais envolvidos fugiu para o Arizona, um estado vizinho, para escapar da ordem de retornar ao trabalho.

Na impossibilidade de paralisações completas, os policiais americanos buscam outras formas de defender suas reivindicações. Em 2015, agentes de Nova York pararam de multar motoristas e de reprimir crimes leves para protestar contra críticas à corporação feitas pelo novo prefeito, Bill de Blasio. O número de prisões caiu drasticamente, mas os cidadãos mal perceberam a diferença.

SINAL DE ALÍVIO NO HORIZONTE

O recuo na inflação surpreende e abre a possibilidade de uma queda mais rápida dos juros. É um indício de que as reformas econômicas começam a surtir efeito **BIANCA ALVARENGA**

NO RECEITUÁRIO econômico da ex-presidente Dilma Rousseff e de seus conselheiros, o baixo crescimento do Brasil teria uma cura simples. Poderia ser resolvido derrubando-se os juros. A taxa básica determinada pelo Banco Central, a Selic, foi reduzida de 12,5% para 7,25% entre 2011 e 2012. A fórmula funcionou, mas por pouco tempo. Sem o controle das despesas públicas nem a aprovação de reformas que ajudassem a economia a ser mais aberta e competitiva, a queda rápida e desancorada dos juros serviu apenas para criar uma bolha insustentável. Inicialmente, o descontrole inflacionário foi mascarado por controle de preços ou represamento de reajustes. Mesmo assim a inflação subiu rapidamente e estourou os limites da meta oficial de 4,5% ao ano, até atingir 10,7% no fim de 2015. A alta não batia os dois dígitos desde 2003.

CONFIANÇA Henrique Meirelles, da Fazenda, com o presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn: a recessão ficou para trás

© MICHEL FILHO/AG. O GLOBO

A política heterodoxa e experimentalista de Dilma desorganizou a economia. Colocá-la de volta nos trilhos será um processo longo e cheio de sacrifícios. Convidado pelo ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, para chefiar o Banco Central, o economista Ilan Goldfajn tinha claro para si que seu desafio primordial seria restabelecer a credibilidade do sistema de metas de inflação. Quando os empresários e os consumidores acreditam que os preços continuarão subindo, a pressão pelos reajustes ganha força, em um efeito bola de neve que, se não detido em tempo, pode fugir do controle.

A boa notícia é que os últimos indicadores atestam que a nova equipe conseguiu conter a espiral das remarcações. Quando o presidente Michel Temer foi empossado, ainda na condição de interino, em maio de 2016, a inflação girava acima de 9% ao ano. Segundo números divulgados pelo IBGE na semana passada, o índice oficial recuou para 5,4%. Computando-se somente o mês de janeiro, ficou em apenas 0,38%, o mais baixo em 37 anos. Na avaliação dos consultores do mercado financeiro, a variação deverá se aproximar da meta de 4,5% em 2017.

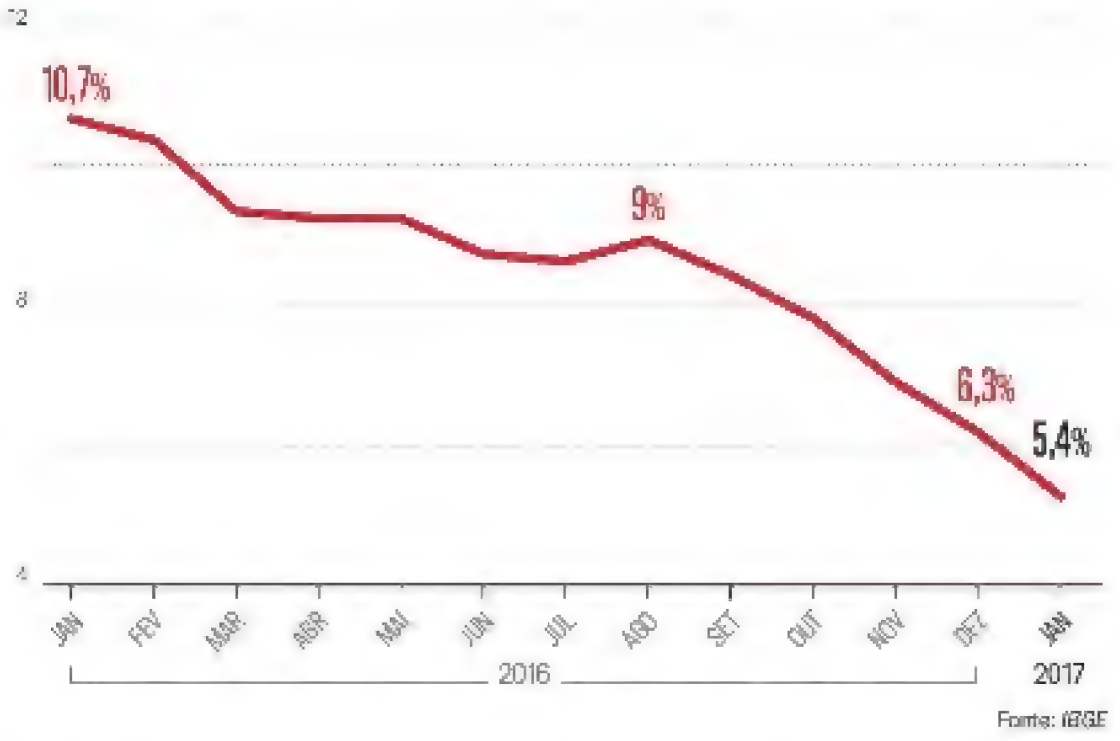
O recuo na inflação surpreendeu positivamente, o que eleva as chances, segundo os analistas, de o BC aprofundar a redução na taxa de juros. Atualmente em 13%, a Selic poderá ficar abaixo de 10% até o fim do ano. Isso representa um corte no custo do dinheiro para as empresas, que podem retirar da gaveta os projetos de investimentos ou então refinanciar as suas dívidas em condições mais favoráveis. Para os consumidores, o alívio será sentido na diminuição nos custos dos financiamentos.

O arrefecimento das remarcações favorece também o reequilíbrio no orçamento das famílias. "A queda da inflação ajuda a estancar a corrosão no poder de compra dos trabalhadores", afirma Emerson Marçal, coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada da Fundação Getulio Vargas. "Dessa maneira, a renda real ficará, pelo menos, estável neste ano." De acordo com o economista, a melhora na situação financeira das famílias e das empresas contribuirá para que a reação da atividade econômica ganhe força. "A sensação de que tudo está piorando vai acabar. É como se estivéssemos em um avião caindo e o piloto tivesse conseguido assumir novamente o controle. Mas ainda falta pousar", compara Marçal. A recuperação dos índices de confiança está, em boa medida, ancorada nessa percepção de retomada. Um fator que pode atrapalhar a queda dos juros é uma eventual alta no preço dos combustíveis, segundo o economista Leonardo Costa, da consultoria Rosenberg Associados. Outra ameaça são os efeitos da política de Donald Trump sobre o dólar. Por fim, há o risco de a Lava-Jato afetar a aprovação das reformas.

Na quinta-feira, o ministro Henrique Meirelles comemorou os indicadores favoráveis. "Há uma inflexão positiva na economia brasileira", afirmou. O governo, entretanto, sabe que a retomada ainda é frágil. Existem questões delicadas a ser superadas, como a crise financeira nos estados. A aprovação da reforma da Previdência, que começa a tramitar no Congresso, exigirá muito diálogo e habilidade política. Pela primeira vez em quase três anos, contudo, o noticiário econômico deixou de trazer apenas e exclusivamente fatos negativos. Bom sinal. ■

A QUEDA NA INFLAÇÃO

Variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulada em doze meses



Fonte: IBGE

"A sensação de que tudo está piorando vai acabar"

O FIXO NO FIM DA LINHA

A internet e os celulares tornaram obsoleta a atual lei das telecomunicações. A futura legislação traz avanços, desde que não penalize o interesse público **MARCELO SAKATE**

QUANDO VEIO A PÚBLICO, a proposta gerou uma tremenda polêmica — parecia um presentaço bilionário para as empresas de telecomunicações. O projeto das novas regras para o setor, que chegou ao Congresso em outubro de 2015, previa que as companhias receberiam de mão beijada bens (equipamentos, centrais telefônicas, redes de cabos, torres, prédios, terrenos etc.) que poderiam valer mais de 100 bilhões de reais. O texto foi aprovado, estava pronto para a sanção presidencial, mas a oposição chiou e questionou a celeridade na tramitação. Por decisão do ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal, teve de voltar para o Senado, que vai avaliar o rito que deverá ser seguido agora.

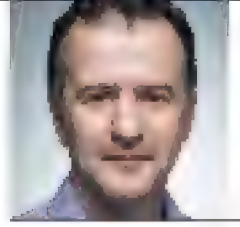
O projeto, de fato, é arriscado. Prevê que, em troca dos bens bilionários herdados da União, as empresas realizem investimentos na expansão da rede de banda larga, inclusive em áreas remotas. Dado o histórico dessas promessas, não é fácil apostar que isso vai ser cumprido. Ajudou a minar a credibilidade do projeto uma coincidência: a Anatel, a agência federal que faz a regulação e a fiscalização do setor, estuda perdoar o equivalente a 20 bilhões de reais em multas (por metas descumpridas na telefonia fixa) em troca do compromisso de investimentos em valor igual na banda larga. Juntando a herança com o perdão, criou-se o cenário perfeito de uma rifa bilionária.

A aparência de que o governo está simplesmente se desfazendo de um patrimônio de grande valor em favor das teles, no entanto, pode ser ilusória. A Anatel alega que o montante é muito menor do que 100 bilhões porque muitos dos equipamentos perdem valor a cada ano por causa do tempo de uso (a chamada depreciação) e porque servem principalmente ao serviço de telefonia fixa, coisa cada vez mais obsoleta. E diz que a população terá mais benefícios com a expansão da internet de alta velocidade do que com a posse dos bens que seriam devolvidos em 2025, quando acabam os contratos vigentes. Por fim, a agência acrescenta que o processo de avaliação do patrimônio será feito por duas auditorias externas. "Não haverá doação às empresas. Elas terão de oferecer garantias financeiras dos investimentos prometidos. E tudo será fiscalizado pelo Tribunal de Contas da União e pela Advocacia-Geral da União", diz Juarez Quadros, presidente da Anatel.

É fato que, passados quase vinte anos da privatização das teles, o quadro mudou inteiramente. A telefonia fixa tradicional vem sendo substituída pela comunicação móvel e pela inter-

net de banda larga. Desde 2005, há mais domicílios no país com telefone móvel do que fixo. As empresas que ganharam a concessão para explorar o serviço de telefonia fixa, por exemplo, são obrigadas por contrato a manter em operação um número determinado de orelhões, ainda que os telefones públicos, com a popularização dos celulares, estejam caindo no esquecimento. As companhias precisam cumprir metas de manutenção de linhas fixas, enquanto concorrentes ganham mercado oferecendo uma tecnologia mais moderna, baseada na banda larga. Em resumo, as empresas são obrigadas a manter uma estrutura antiquada, em vez de direcionar recursos para sistemas mais avançados de comunicação. Daí a necessidade de atualizar o arcabouço regulatório.

O debate centra-se na maneira apropriada para realizar a transição de regras, sem penalizar os consumidores nem lesar o setor público. A pressa em aprovar o projeto lançou suspeitas de que o objetivo verdadeiro da reformulação era salvar a endividada Oi, que se tornaria mais atraente a investidores com as alterações legais. "Os serviços de telefonia fixa prestados pela Oi não são rentáveis na maior parte do Brasil", diz Marcos Dantas, professor titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Segundo ele, a receita obtida nessas localidades não cobre o custo do serviço. Cabe ao governo adotar toda a transparência possível para que as mudanças não ocorram de forma a beneficiar só as empresas, em especial a Oi, sem a exigência de contrapartidas para que a população seja a maior favorecida pelas novas regras. ■



ANDRÉ LAHÓZ MENDONÇA DE BARROS

ECONOMIA E FELICIDADE

A retomada já começou. Falta os ganhos chegarem às pessoas

UM DOS PENSADORES mais fascinantes que passamos a conhecer de uns anos para cá, o prêmio Nobel de Economia Daniel Kahneman pertence àquela rara categoria de gente capaz de nos fazer repensar a forma como vemos o mundo. Sua trajetória é inusitada: ele escapou ainda menino do nazismo na França ocupada e no pós-guerra mudou-se com a família para o que viria a ser Israel. Formou-se então em psicologia, paixão intelectual de toda a vida, mas, mesmo assim, levou em 2002 a distinção máxima entre economistas. Desde então, virou uma espécie de celebridade (pelo menos para o padrão da academia), com best-sellers nas livrarias e palestras conferidas mundo afora, inclusive no Brasil, onde esteve recentemente. Não fala de PIB, juros ou câmbio. Seus insights ajudam a desvendar a forma como pensamos — e alertam para as muitas "armadilhas cognitivas" em que nos metemos diariamente. Somos, enfim, bem menos racionais do que gostamos de acreditar.

Uma questão interessante levantada por Kahneman diz respeito à felicidade: o que nos faz felizes (ou infelizes) é a realidade ou a nossa percepção dela? São os fatos ou a filtragem que fazemos deles? Sua resposta é que estão em ação as duas coisas, mas em tempos distintos. Há a felicidade vivida num determinado momento, que por definição dura só um instante, e depois vem o efeito muito mais duradouro das lembranças que ficam conosco. Kahneman cita uma experiência feita com pacientes submetidos a uma operação difícil. Uma dada pessoa passa por um procedimento doloroso de cerca de dez minutos, interrompido no auge da dor. Sua lembrança é a pior possível. Um segundo paciente permanece o dobro do tempo no procedimento, que teve um pico de dor mais alto, mas no seu caso o sofrimento diminui a partir da metade e a operação termina até bem. Sua lembrança é mais amena, embora a vivência concreta tenha sido pior.

O que ficará para os brasileiros da pior crise econômica de nossa história? A julgar pela experiência contada aqui, vai depender do que virá pela frente. Do ponto de vista estritamente econômico — e esta é a estreia de uma coluna dedicada à economia —, deveríamos estar moderadamente otimistas. Logo após um tombo, há um espaço mais fácil para a retomada, com vazios nas fábricas e nos escritórios e uma legião ansiosa para trabalhar. É o que vemos hoje. Se a confiança se recuperar, como é provável, a economia tenderá a voltar à vida nos próximos meses. Jogam a favor disso algumas vitórias importantes, em especial contra a inflação e na agenda reformista no Congresso. Aqui e ali, já se notam sinais de um ânimo maior no mercado.

Mas, para efeito de percepção, será preciso que a retomada chegue à população. E aí as coisas podem se complicar. O emprego é sempre o último elo da cadeia — e, no Brasil, mais ainda do que em outros países. Todos os políticos com pretensões para 2018 (e que sobrevivam à Lava-Jato) devem acompanhar com lupa os dados de emprego e renda. Trump está aí para provar o que pode fazer um povo que se sente abandonado. ■

AS ANGÚSTIAS DO MUNDO

O comércio mundial é um alvo fácil, porém equivocado, para justificar a sensação de desamparo em diferentes países. A ameaça real aos trabalhadores está nas novas tecnologias

COMO POUCAS VEZES na história, o comércio internacional está no centro do debate público em todo o mundo. Com frequência, o comércio tem servido de bode expiatório para o mal-estar presente em diversas partes onde cresce a sensação de instabilidade, imprevisibilidade e desamparo. Ele é mesmo um alvo fácil — mas frequentemente o alvo errado.

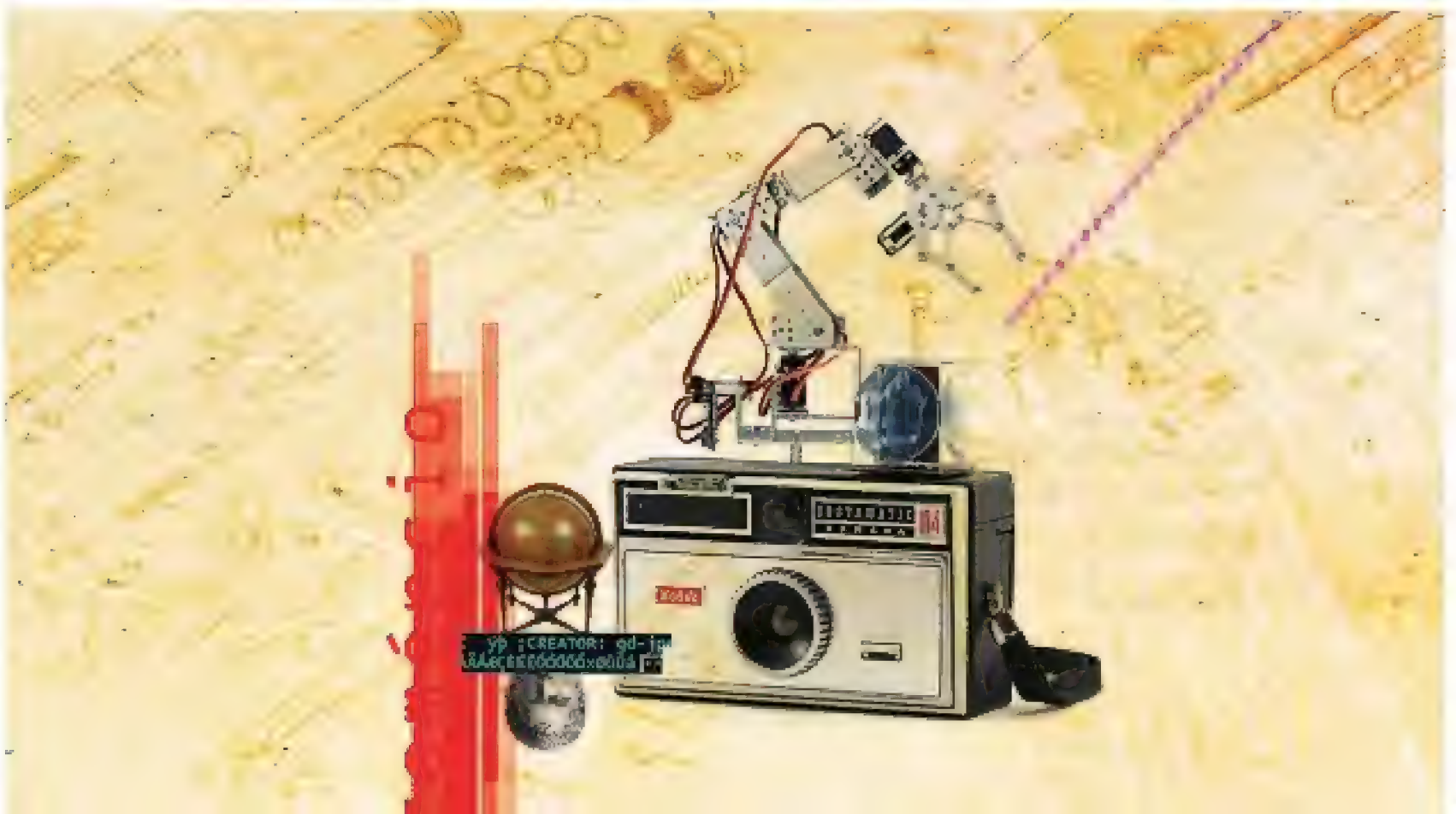
O Brexit ilustra bem o debate a que me refiro. Na decisão em favor da saída do Reino Unido da União Europeia, tiveram grande peso o tema da imigração e a insatisfação dos britânicos com as instituições comunitárias. Essa não foi, porém, uma decisão anticomércio em sua essência. Pelo contrário. Os britânicos em geral defendiam mais comércio. Alegavam ter mais apetite para negociações comerciais do que a Comissão Europeia, responsável por intermediar esse tipo de acordo em nome de todos os membros do bloco. Apesar disso, muitos construíram a explicação para o Brexit juntando, num só quebra-cabeça, os sentimentos contra a globalização, a integração e o comércio. E, nesse caso, porque a peça parecia encaixar-se bem, atribuíram ao comércio o quinhão que não lhe cabia.

O comércio tem ganhado destaque em processos eleitorais mundo afora. Em muitas ocasiões, segmentos importantes do eleitorado passam a perceber uma relação direta entre o comércio e a perda de empregos no país.

É precisamente na relação entre comércio e emprego que o debate se torna, com frequência, ainda mais emocional. De fato, para aqueles que perderam o emprego, não serve de consolo falar sobre os reais benefícios do comércio para a economia e para o conjunto da população.

A realidade, no entanto, é que a principal ameaça aos empregos não é o comércio, mas as novas tecnologias. Ao mesmo tempo que as novidades nos encantam e facilitam a vida, é incômodo reconhecer que muitos dos empregos atuais simplesmente podem desaparecer por causa dessas mesmas tecnologias.

Estudos mostram que cerca de 50% dos empregos que existem hoje estão sujeitos à automação. E, na grande maioria dos casos, isso não se relaciona com o comércio internacional. Estamos falando de empregos como motoristas de caminhão, agentes de viagens, assessores financeiros, professores e até mesmo profissionais da saúde. Você se lembra da Kodak? Pois ela chegou a empregar 140 000 pessoas. Há poucos anos, pediu falência. Novas empresas como o Instagram mudaram o mundo da fotografia e os hábitos de 600 milhões de pessoas. Quando foi vendido ao



ROBERTO AZEVÊDO*

Facebook, por 1 bilhão de dólares, em 2012, o Instagram empregava apenas treze pessoas. Sim, treze.

Reconhecer esse desafio é especialmente difícil porque não há receita pronta para lidar com ele. Vale destacar o óbvio: o progresso tecnológico é bem-vindo — a questão é como responder melhor aos desafios introduzidos por ele. Muito se tem falado sobre a importância do aprendizado continuado ao longo da vida e os desafios de migrar para uma função que exija habilidades novas. Os empregos que demandam baixo grau de qualificação técnica estão desaparecendo. Além disso, é complicado e custa caro investir em seguridade social e em mecanismos de ajuste para quem precisa fazer a transição para uma nova atividade econômica. Falar sobre isso é difícil. Agir, ainda mais.

Evidentemente, todas essas complexidades não se encaixam bem num discurso para consumo fácil. Mundo afora, culpar as importações tem sido a saída conveniente numa narrativa que inclui outros elementos de apelo popular nos dias de hoje, como o nacionalismo e a resistência aos estrangeiros — sejam eles produtos, serviços ou indivíduos. Germina e prospera a conhecida estratégia de encontrar um inimigo externo. Trata-se do clássico: o problema são os outros.

A resposta para essas angústias, que são reais e legítimas, passa necessariamente por políticas domésticas sólidas e coordenadas em áreas como educação, treinamento profissional e assistência social. E, ainda que a questão não seja de fácil solução, ajuda muito saber o que não funciona.

Uma guerra comercial certamente não funciona. Todos saem perdendo. Uma escalada de medidas protecionistas não resolveria o problema — ao contrário, com certeza agravaria o quadro econômico global e traria ainda mais instabilidade e desemprego em todo o mundo. Barreiras proliferam rapidamente. Em efeito dominó, os países respondem a barreiras comerciais dos parceiros adotando as próprias. Soma-se a isso o efeito demonstração: medidas protecionistas passam a ser implementadas simplesmente porque outros o fizeram. O resultado dessa escalada seria catastrófico.

Não tenho dúvida de que o comércio internacional é uma força para o bem. Estudos mostram a contribuição decisiva do comércio para que mais de 1 bilhão de pessoas fossem resgatadas da pobreza nos últimos 25 anos. O comércio gera oportunidades, crescimento econômico e empregos qualificados, de melhor remuneração. Traz mais variedade, qualidade e preços mais baixos aos consumidores. Aumenta o poder de compra dos mais pobres.

Quando foi vendido ao Facebook, por 1 bilhão de dólares, o Instagram tinha treze empregados. Sim, treze

Para que o comércio cresça e crie oportunidades em todo o mundo, a comunidade internacional construiu ao longo de décadas um sistema que define as regras do jogo, evita barreiras desnecessárias, oferece previsibilidade aos agentes econômicos e pune a transação desleal. Não por acaso, a Organização Mundial do Comércio (OMC) hoje conta com 164 países-membros, que respondem por 98% do comércio mundial, e serve de referência na hora em que os governos decidem quais medidas tomar para estimular a economia e gerar empregos.

Apesar de toda a incerteza que nos cerca, no momento em que escrevo este artigo, a OMC prepara-se para a entrada em vigor do Acordo de Facilitação de Comércio. Precisamos que 110 países o ratifiquem, e estamos a duas assinaturas dessa marca. Concluído em 2013, esse tratado vai diminuir os custos e reduzir o tempo para que produtos atravessem as fronteiras. Estudos mostram que, uma vez implementado o acordo, os custos do comércio devem cair 14,3% em média, e as transações globais devem ser ampliadas em 1 trilhão de dólares por ano. Isso significa mais oportunidades e, sim, mais empregos.

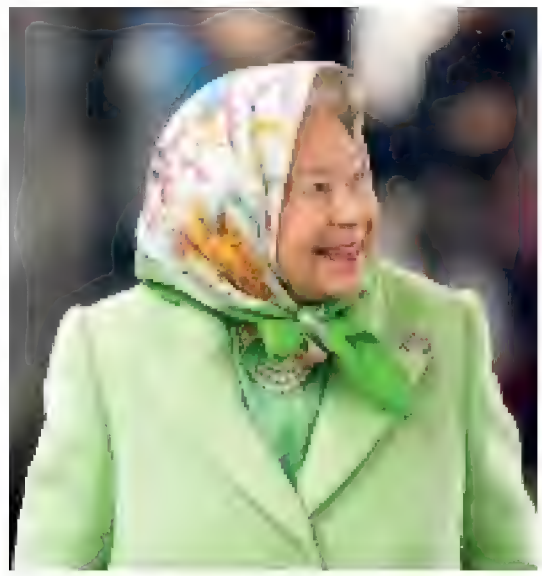
Naturalmente, tanto o comércio internacional quanto a OMC podem funcionar melhor. Temos de trabalhar para que mais pessoas se beneficiem do comércio em todo o mundo. Ao mesmo tempo, preocupações legítimas com o comércio externo precisam encontrar resposta na caixa de ferramentas da OMC.

Em momentos de instabilidade como este, não é demais resgatar o essencial: o mundo estaria pior se valesse a lei da selva no comércio internacional. Não queremos repetir o desastre dos anos 1930. Não há solução unilateral para problemas que são comuns. O comércio e a cooperação internacional são parte da resposta para mais crescimento econômico e oportunidades de emprego. E, num mundo em turbulência, a OMC é mais importante do que nunca. ■

* Roberto Azevêdo é diplomata e diretor-geral da Organização Mundial do Comércio, com sede em Genebra, na Suíça

TACACÁ EM PORTUGAL

Nos 45 dias que passou em sua casa em Lisboa, **FAFÁ DE BELÉM** recebeu a visita de Glória Perez. Autora da próxima novela das 9 da Globo, *A Força do Querer*, com estreia em abril, Glória buscou consultoria sobre o cenário dos capítulos iniciais da trama – o Pará. O linguajar, hábitos e a culinária da região fizeram parte das dicas. "Você sabia que todo dia em Belém toma-se tacacá, mesmo num calor de 50 graus?", diz Fafá. Entre uma e outra bacalhoada, Glória convidou Fafá para atuar na novela. Fafá topou, mas ainda está temerosa: "É uma loucura a quantidade de texto para decorar". A gargalhada característica de Fafá silencia quando ela fala de um bom amigo português: o socialista Mário Soares, presidente de Portugal entre 1986 e 1996, morto em janeiro. "Estou abalada. Conheci o país com ele", diz a cantora, que participou de comícios ao lado de Soares em 1985. "Portugal é o Brasil dos anos 1970. As pessoas se procuram por cuidado e amizade. Eu me sinto completamente abraçada."



RAINHA ABSOLUTA

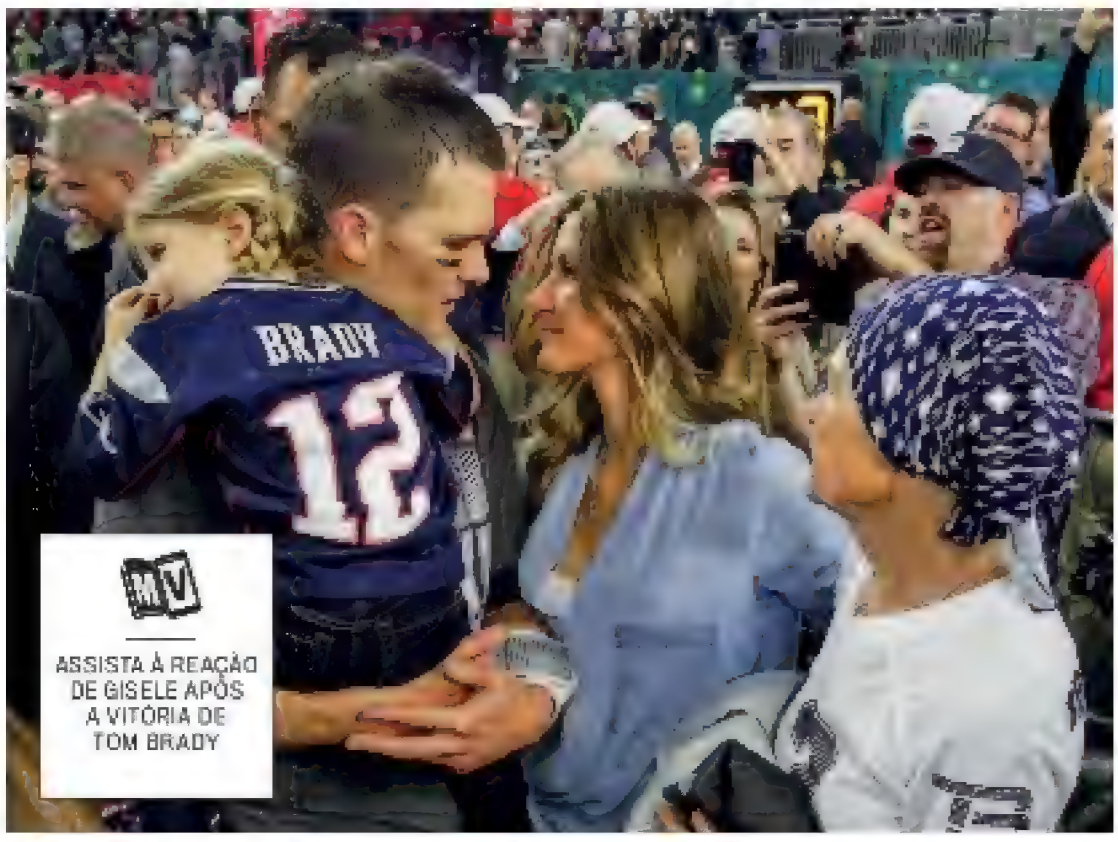
ELIZABETH II, rainha desde os 25 anos, vai ampliando seu recorde: tornou-se a primeira monarca britânica a reinar por 65 anos – a rainha Vitória, a segunda mais longeva, ficou por 63 anos. No domingo 5, um dia antes do chamado Jubileu de Safira, Elizabeth foi à igreja, para alívio dos súditos. Em dezembro, gripada, ela se ausentou da tradicional cerimônia natalina da família real em Sandringham. Aos 90 anos, seu estado de saúde é bom, diz o palácio. Mas a recomendação é evitar fadiga e viagens.

AULAS DE PORTUGUÊS

O vigor da indústria brasileira de musicais pode ser atestado pela circulação internacional dos atores. O brasileiro Tiago Barbosa vai ser protagonista de *O Rei Leão* na Espanha. E *Les Misérables*, com estreia em março em São Paulo, terá um espanhol no elenco – **DANIEL DIGES**, de 36 anos, vive o protagonista Jean Valjean. As aulas de português de Diges são hoje uma preocupação tão grande quanto a coreografia. "O brasileiro fala muito mais aberto que o espanhol. Espero que as pessoas me entendam", diz Diges. Mas não dizem que música é uma linguagem universal?

AS MULHERES DE BRADY

A euforia de **GISELE BÜNDCHEN** foi um espetáculo à parte no Super Bowl, a final do futebol americano, no domingo 5: balançou a cabeça como uma possuída e até deixou cair o celular no chão, sem perder o charme. O maridão **TOM BRADY** foi responsável pela virada que garantiu a vitória aos Patriots. Depois do jogo, foi a hora de ele receber o abraço das "mulheres de Brady", como estava escrito nas camisetas: a mulher, a filha e a mãe do jogador. Orientado por Gisele a não falar de política, Brady nem se manifestou sobre o apoio de Donald Trump. "Tom é um campeão", tuitou o amigo presidente.



MV

ASSISTA À REAÇÃO DE GISELE APÓS A VITÓRIA DE TOM BRADY

METABOLISMO

Enquanto espera para estrelar a próxima novela das 9 de Aguinaldo Silva, em 2018, **MARINA RUY BARBOSA** diz que tem três grandes metas neste ano: escrever um livro ("espécie de diário"), fazer um filme e intensificar os cuidados com a alimentação. À revista BOA FORMA de fevereiro, confessou: "Por malhar, achava que podia tomar refrigerante, comer chocolate e pizza. O Xande *(o piloto de stock car Xandinho Negrão, noivo da atriz)* me alertava ao dizer que eu tinha sorte por ter um metabolismo de 21 anos". Como o metabolismo muda, a atriz resolveu contratar um nutricionista. Menos sal, menos manteiga, e diz ela que já se veem os bons resultados: "Desinchei e perdi as gordurinhas dos flancos. O bumbum ficou mais empinadinho". ■

RICARDO JUNQUEIRA; MAX MUNDY/NOIGO/GETTY IMAGES; JEFFERSON COPPOLA; KEVIN C. COX/GETTY IMAGES/AFP; BRUNA CASTANHEIRA/BOA FORMA

O CAPÍTULO FINAL DE UMA PAIXÃO VIOLENTA

VEJA teve acesso às provas das agressões do empresário Lirio Parisotto contra a ex-modelo Luiza Brunet. O processo que julga o bilionário terá sua audiência decisiva nesta semana

MONICA WEINBERG E THIAGO PRADO

ROXO EXPOSTO O olho machucado em selfie inédita de Luiza, feita dentro do avião de volta de Nova York para o Brasil, e o casal junto *(acima)*: ciúme e brigas

Parecia um casal saído de um conto de fadas. Ela, uma estonteante ex-modelo, símbolo sexual de toda uma geração, que, mesmo passados os dias de glória, ainda exibe uma beleza que irradia encantamento. Ele, um empresário de sucesso, na lista dos homens mais ricos do Brasil, com quase 4 bilhões de reais de patrimônio. Famosos, bem-sucedidos, admirados, os dois viviam uma rotina de sorrisos, gestos de carinho, viagens nababescas, roupas de grife e circulavam muito à vontade em seus papéis de homem e mulher maduros (ela, 54 anos; ele, 63). Na intimidade, porém, o namoro de Luiza Brunet e Lirio Parisotto era um tormento. Em diversas ocasiões, na frente de pessoas próximas, o casal desentendeu-se e trocou insultos. Em pelo menos três delas, eles chegaram ao nível dos ataques físicos. O cotidiano de agressões veio à tona em julho do ano passado, quando Luiza denunciou o empresário no Ministério Público de São Paulo, em decorrência de uma discussão particularmente explosiva ocorrida em Nova York. Travou-se desde então uma batalha de versões. Luiza sustenta que foi brutalmente agredida na noite de 21 de maio do ano

passado. Teria levado tapas e socos. Parisotto jura que nunca a atacou, apenas se defendeu, e passou a traçar um perfil de Luiza como uma mulher interesseira e desequilibrada. A Justiça vai decidir em breve quem tem razão. O capítulo decisivo dessa história será escrito na segunda-feira 13, data prevista para a audiência final do processo.

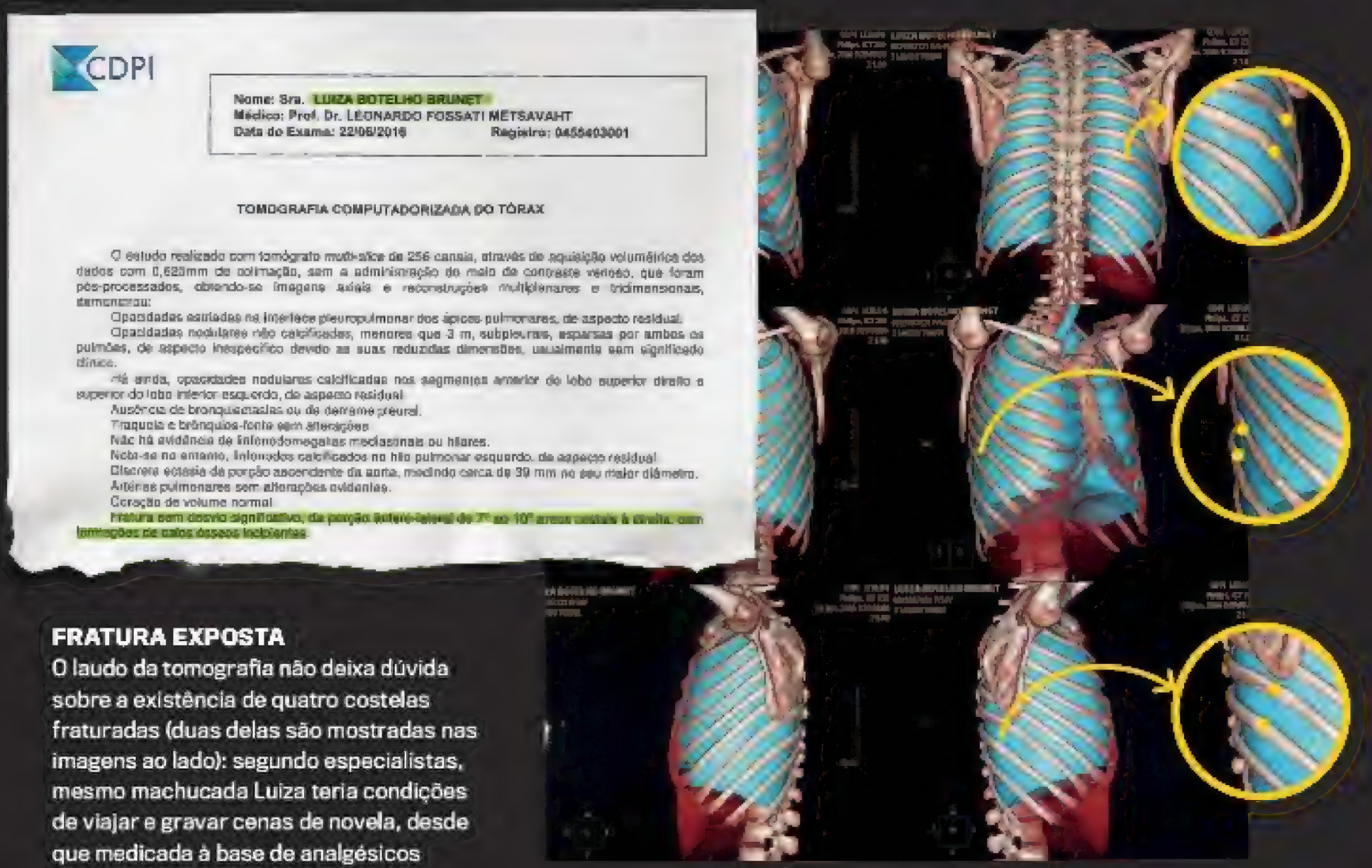
Embora o caso esteja sob sigilo de Justiça, VEJA teve acesso exclusivo aos depoimentos e às provas contidas na ação judicial. Nestas páginas, a revista publica uma peça fundamental para que se compreenda o que aconteceu naquela noite em Nova York: uma tomografia inédita que confirma as quatro costelas fraturadas de Luiza Brunet durante o embate travado com o empresário. A defesa de Parisotto levantou dúvida sobre a existência dessa prova. Isso porque o laudo que acompanha o exame está anexado ao processo. Mas as imagens não. A amigos, o empresário dizia que o laudo fora feito por um médico particular (portanto, parcial) e que não seria possível alguém ter quatro costelas quebradas, pegar um avião e gravar cenas de novela, como Luiza fez depois que voltou para o Brasil. Pois esse argumento cai por terra diante das evidências. Não só a tomografia existe como uma pessoa nessas condições — quatro costelas quebradas — pode viajar e trabalhar, tal como Luiza fez. Dois especialistas independentes aos quais VEJA submeteu o exame e o laudo atestaram a veracidade da prova e afirmam que, pelo tipo de fraturas que Luiza sofreu e pelo nível de dor que produzem, é possível, sim, que, medicada com analgésicos, ela tenha suportado as duas situações.

A tomografia inédita confirma: sim, Luiza teve quatro costelas quebradas

Essa não é a única evidência contra Parisotto. Logo depois de formalizar a denúncia, Luiza vazou para a imprensa uma imagem em que aparecia com o olho direito roxo, supostamente fruto de um soco. Desde o início, a defesa do empresário espalhou dúvidas sobre o retrato. No relato dos advogados, não teria havido nenhuma agressão — argumentaram que, em uma foto divulgada por ela mesma, não se via sombra do machucado. Houve quem sugerisse até que Luiza poderia ter se submetido a uma cirurgia plástica. Um laudo do Instituto Médico-Legal de São Paulo, onde corre o inquérito, também derruba essa tese. A peça aponta "discreta assimetria facial, devido à presença de edema pós-traumático residual na região malar direita". Ou seja: foi agressão. Além do exame, outro testemunho complica ainda mais a situação de Parisotto. Quatro dias depois da tal briga, Luiza recebeu em casa a preparadora de elenco Elisabeth Zaleman para ensaiar uma cena da novela *Velho Chico*. Na trama, por ironia, era agredida com empurrões. Elisabeth foi a primeira pessoa fora do círculo íntimo a ver a região ferida. Em declaração registrada em cartório e conferida por VEJA, Elisabeth garante que, sob a camada de cosméticos, "a marca de roxo no olho se insinuava". E conclui, categórica: "Atesto, sim, que vi Luiza Brunet machucada, em todos os sentidos, físico e emocional".

O episódio que terminou no inquérito começou em público, num jantar com três amigos regado a vinho Vega Sicilia, no restaurante espanhol Amada, localizado no coração de Manhattan. Pouco antes da confraternização, o bilionário havia comprado cerca de 1,5 milhão de dólares em vinhos tintos. Entre um brinde e outro, um dos comensais sugeriu que visitassem uma exposição sobre o Brasil. Parisotto disse que não iria porque, no mesmo local, mas em outra ocasião, havia sido confundido com Armando Fernandez, ex-marido de Luiza, e não tinha gostado da experiência. Ao longo da conversa, acabou fazendo uma comparação entre Luiza e Tânia, sua ex-mulher. Vaidosa, Luiza comentou que seria impossível confundir as duas — e o tempo fechou. Irritado, Parisotto gritou: "Quem você pensa que é?". Sob um silêncio constrangedor, Luiza usou o celular para mandar mensagens de desculpas às pessoas à mesa. O jantar acabou. O casal chegou ao apartamento de Parisotto, debruçado sobre o Central Park. Parisotto, que ia na frente, entrou primeiro no prédio, sem esperar que o motorista ajudasse Luiza, atrás, a descer. Ele foi para o quarto, pôs um roupão e entrou na sala, onde ela fumava um cigarro. Discutiram. Mas, a partir desse ponto crucial, as versões divergem.

Na reconstituição de Luiza, Parisotto precipitou-se sobre ela. Depois de alguns socos e tapas, empurrou-a e Luiza caiu no sofá. Ele, que mede 1,90 metro, imobilizou-a colocando um punho fechado sobre as costelas dela e jogando todo o peso do seu corpo. Com isso, quebrou quatro costelas, versão comprovada pela tomografia. O laudo aponta "fratura sem desvio significativo, da porção anterolateral do 7º ao 10º arcos costais à direita". Ou seja: as costelas ficaram rachadas. A cena, ainda segundo a reconstituição de Luiza, teria durado três minutos. Quando ele saiu de cima, Luiza foi até o quarto, pegou o celular, voltou à sala e filmou o bilionário, que agora fumava um charuto cubano Montecristo esparramado no sofá, com o roupão entreaberto. O vídeo, a



CDPI

Nome: Sra. LUIZA BOTELHO BRUNET
Médico: Prof. Dr. LEONARDO FOSSATI METSAVAHT
Data do Exame: 22/06/2016 Registro: 0455403001

TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA DO TÓRAX

O estudo realizado com tomógrafo multi-slice de 256 canais, através de aquisição volumétrica dos dados com 0,625mm de colimação, sem a administração do meio de contraste venoso, que foram pós-processados, obtendo-se imagens axiais e reconstruções multiplanares e tridimensionais, demonstrou:

Opacidades espiculadas na interface pleuropulmonar dos ápices pulmonares, de aspecto residual.

Opacidades nodulares não calcificadas, menores que 3 m, subpleurais, esparsas por ambos os pulmões, de aspecto inespecífico devido as suas reduzidas dimensões, usualmente sem significado clínico.

Há ainda, opacidades nodulares calcificadas nos segmentos anterior do lobo superior direito e superior do lobo inferior esquerdo, de aspecto residual.

Ausência de bronquiectasias ou de derrame pleural.

Traqueia e brônquios-fonte sem alterações.

Não há evidência de linfonodomegalias mediastinais ou hilares.

Nota-se no arranjo, linfonodos calcificados no hilo pulmonar esquerdo, de aspecto residual.

Discreta ectasia da porção ascendente da aorta, medindo cerca de 39 mm no seu maior diâmetro.

Artérias pulmonares sem alterações evidentes.

Coração de volume normal.

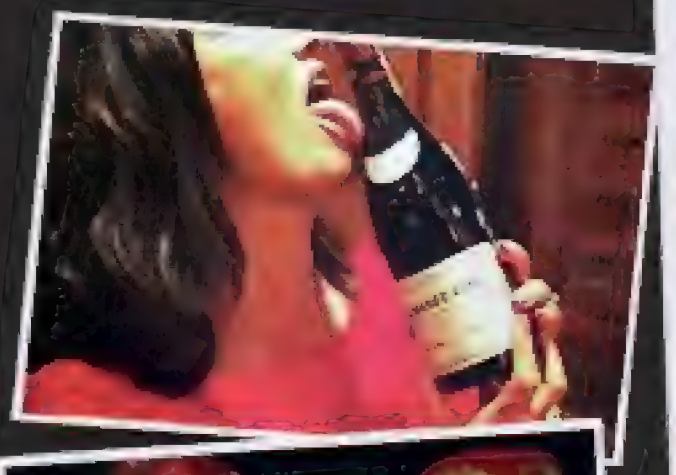
Fratura sem desvio significativo, da porção ântero-lateral do 7º ao 10º arcos costais à direita, com formações de calos ósseos incipientes.

FRATURA EXPOSTA
O laudo da tomografia não deixa dúvida sobre a existência de quatro costelas fraturadas (duas delas são mostradas nas imagens ao lado): segundo especialistas, mesmo machucada Luiza teria condições de viajar e gravar cenas de novela, desde que medicada à base de analgésicos

que VEJA assistiu, tem 39 segundos. Ao reparar que estava sendo gravado, Parisotto se cobre rapidamente e faz um movimento de quem tenta chutar o celular, sem no entanto alcançá-lo. No áudio, ela narra: "Esse é o Lírio Parisotto pelado. Acabou de me encher de porrada. Por quê? Porque é um idiota". Ele observa, sem reação. Luiza contou que depois disso ela se trancou no quarto de hóspedes, passou a noite sem dormir e de manhã pediu à sua secretária no Brasil que comprasse uma passagem de volta. Às 15 horas, estava no aeroporto. O avião decolou às 21 horas. Quando desembarcou no Brasil, um agente da Polícia Federal mandou-a tirar os óculos escuros. "O que aconteceu com seu olho?", perguntou. "Comi camarão, sou alérgica", despistou.

Na versão do empresário, Luiza é que teria tentado agredi-lo. Ele apenas se defendeu como pôde, apertando com força os dois braços dela junto ao corpo, para imobilizá-la. O Ministério Público não comprou essa versão e não tem dúvida alguma de que Luiza foi espancada por Parisotto no apartamento de Nova York. "Nos casos em que homens estão apenas se defendendo de ataques, a tendência é que a mulher apresente lesões só nas mãos e nos pulsos. Não é o caso de Luiza Brunet", afirma o promotor Carlos Gaya da Costa, autor da denúncia contra Parisotto. Outro depoimento reforça a versão da ex-modelo. "Eu acompanhei os exames. Ela estava toda machucada e roxa. Por isso a encorajei a denunciar as agressões", reiterou a VEJA a estilista carioca Maria Cristina Kugelmas, a Tina, amiga que esteve ao lado de Luiza desde o momento em que ela desembarcou dos Estados Unidos.

Parisotto e Luiza se conhecem, de longe, há décadas. A amigos, o empresário sempre comentou a admiração por sua beleza. Mas a aproximação mesmo aconteceu apenas em 2011, obra de Alex Deneriaz, colunista social de Manaus que morreu há dois anos. Deneriaz circulava com frequência no Rio de Janeiro, onde era conhecido pelas inconfundíveis batas brancas e plumas na cabeça, e tornou-se



LUXO SÓ Carregada no colo em Nova York, na festa turca depois de uma briga tenebrosa no iate e lambendo uma garrafa de vinho francês: uma rotina de viagens internacionais e bebidas caras

grande amigo de Luiza — "unha e cutícula", segundo um amigo comum. Ao mesmo tempo, Deneriaz era próximo de Parisotto, que há muitos anos tem negócios em Manaus. Sabia até que o empresário tinha arrematado em um leilão e pendurado na parede do mesmo apartamento de Nova York uma foto artística de Luiza no auge, nos anos 1980, de autoria do célebre fotógrafo americano Bruce Weber.

No primeiro jantar no Cipriani, restaurante do Copacabana Palace, Parisotto e Luiza conversaram e trocaram contatos. Ele mandou a ela uma cópia da foto de Weber, como prova de que sua admiração vinha de longe. Também encaminhou uma espécie de currículo, fazendo menção explícita a seus bilhões. A trajetória de Parisotto é genuinamente impressionante. Nasceu em família de sitiantes pobres no Rio Grande do Sul e saiu da roça para estudar — foi seminarista e se formou em medicina. Empreendedor de visão, criou na década de 1980 a Videolar, que de locadora passou a gigante no ramo de vídeos, CDs e DVDs. Quando o nicho se esgotou, reinventou-se com a compra de uma empresa do setor petroquímico. Parisotto atua ainda em siderurgia, energia e imóveis e administra um fundo de investimentos de alto retorno. Na época do escândalo, era dono do *Diário Catarinense*, do grupo gaúcho RBS, que nem por isso deixou de divulgar a notícia. Tem uma filha da união com Tânia, que durou quarenta anos — e um filho fora do casamento, que sustenta mas com quem não se relaciona. É dono de dois jatinhos, um iate e quatro adegas com 10 000 garrafas de vinhos caríssimos que arremata em leilões exclusivos — mostra de refinamento de que muito se orgulha. Figura entre os setenta mais ricos do Brasil.

Luiza também tem origem humilde, uma coincidência que os aproximou. Filha de lavrador e costureira, ela nasceu no interior de Mato Grosso do Sul e aos 7 anos se mudou para um subúrbio do Rio de Janeiro, onde na adolescência foi empregada doméstica. Fator que marcou sua formação, conforme narra em sua biografia: viu o pai, alcoólatra, bater na mãe constantemente. Nos anos 1980, enquanto Parisotto se fazia um magnata, ela e Xuxa reformularam

o conceito de modelo no Brasil, virando figuras glamourosas e admiradas. Luiza teve um primeiro casamento, do qual herdou o sobrenome Brunet. O segundo casamento, com Fernandez, com quem teve um casal de filhos, durou 24 anos. Passada a fase áurea, Luiza fez aparições em eventos, comerciais e pontas em novelas até que seu pé-de-meia reinflou de verdade em 2012, quando assinou com a Avon um contrato que lhe rende 5% da venda dos produtos com seu nome. Enfim, não é uma potência financeira como Lirio Parisotto, mas estava e está muito bem de vida.

Depois do primeiro jantar, eles passaram a se encontrar em segredo e, só após um ano, assumiram o namoro, em 2012. Seguiram-se festas, passeios e poses, em clima de pombinhos. Ao longo de cinco anos, também houve mimos, muitos mimos. Ele acendia velas perfumadas pela casa quando ela o visitava. Deu-lhe roupas (de uma ida a Nova York, Luiza voltou com quarenta vestidos de grife), joias e um Mercedes preto de 500000 reais, que ela usa pouco: rodou 4000 quilômetros. Reformou de alto a baixo o apartamento dela na Avenida Vieira Souto, com vista para o mar de Ipanema. Controlador, fez questão de receber e quitar ele mesmo as contas. Luiza, igualmente atenciosa, organizou o aniversário de 60 anos de Parisotto em São Paulo, uma festança para 600 convidados. Mas, mesmo nessa fase, já havia nuvens cinza no céu azul.

Ele dizia que ela tinha gênio "impossível". Ela se queixava do jeito "tosco" dele

No início de 2014, em uma entrevista repleta de declarações de amor, Luiza revelou que antes da festa haviam passado "dois, três meses" brigados. "Culpa minha", assumiu. "Mulher tem uns chiliques de vez em quando." Os chiliques foram vários, e foram mútuos. Pouco antes da comentada festa de aniversário, deu-se o lançamento de *Luiza,* biografia autorizada escrita pela jornalista Laura Malin. O livro termina com uma menção a um "namoro maduro" e mais nada. VEJA apurou que do livro foi removido um capítulo inteiro sobre Parisotto. Diz um dos trechos cortados, certamente escrito quando estavam de bem: "Lirio me proporcionou, sim, muitas viagens. Com ele, consigo congelar o presente e mergulhar intensamente em qualquer janela de tempo que se apresente: um final de semana em Nova York, três dias em São Paulo (onde ele mora), ou uma semana passeando na Itália". Aí alguma briga se interpôs, ficaram de mal — e os elogios sumiram do livro.

"Os dois são ciumentos e têm gênio forte", resume uma pessoa próxima. Humberto Saad, 78 anos, dono da extinta Dijon, grife de jeans da qual Luiza foi modelo por mais de uma década, lembra: "Ela era superanimada, determinada e, sim, muito ciumenta". Na companhia de Parisotto, Luiza se irritava com elogios femininos a posts dele — mulherengo assumido — no fã-clube de si próprio que criou no Instagram (fc_dr_lirio_parisotto, 10700 seguidores). Isso mesmo, um fã-clube virtual. Ao lado dela, o empresário conheceu e gostou dos holofotes. Parisotto, por sua vez, implicava com as fotos que ela postava em redes sociais. Também pesavam na relação as críticas constantes de um ao modo de ser do outro. Ele se queixava do temperamento "impossível" de Luiza. Ela se ressentia da falta de sofisticação dele. "É difícil esse jeito do Lirio. Meio tosco", desabafou com uma amiga no banheiro, durante um jantar.

No fundo, eram duas pessoas acostumadas a ser o centro das atenções, que não gostam de ceder. Aos poucos, a paixão dos primeiros anos foi dando lugar a uma disputa, e a relação passou a se alternar entre ataques verbais e físicos seguidos de reconciliações, até chegar ao ponto de não retorno. No primeiro dia de um cruzeiro pelo Mediterrâneo a bordo do iate de Parisotto, em agosto de 2015, três casais de convidados (e a tripulação de vinte neozelandeses mais um sommelier argentino) testemunharam cenas inesquecíveis. Tudo começou, segundo um dos presentes, ouvido por VEJA, com uma simples conferida no Instagram. Logo no primeiro dia, durante um lauto jantar a bordo do navio, Parisotto pegou o celular e checou o perfil de Luiza na rede social. Numa das fotos, ela aparecia abraçada a um fã. Nos comentários, a modelo brinca: "Como ele é viril". Foi o suficiente para o empresário enfurecer-se. Em voz alta, ele começou a desabafar com um dos convidados: "Eu não posso ter uma mulher assim, que faz e escreve essas coisas. Sou sério". Do outro lado da mesa, Luiza ouviu a conversa e pôs-se a esbravejar. Disse que Parisotto não devia fazer esse tipo de comentário na frente dos outros. Ele retrucou: "Você é que não pode se portar dessa maneira. Isso não é comportamento de mulher decente". Enfurecida, Luiza lançou uma taça de vinho. O cristal se espatifou contra a mesa e um dos cacos penetrou no joelho do namorado (no dia seguinte, ele tomaria pontos no local). O sangue começou a aparecer, um tripulante veio para limpar a cena e fazer um curativo. Luiza ficou um tanto abalada, parecendo arrependida. Os convidados acharam que a briga se encerraria ali. Não foi assim.

Logo depois de receber os primeiros socorros, com as bandagens na perna, Parisotto perdeu de vez o controle. Xingou a namorada cinco vezes de "p...", complementando com "sua vadia, sua vadia". De acordo com a mesma testemunha, ela voltou a ficar nervosa e partiu para cima dele. Dessa vez, o empresário a pegou pelo pescoço e a levantou do chão cerca de 10 centímetros. Ficou assim por alguns segundos, até que ela começou a engasgar e um dos convidados se jogou em cima do casal. Luiza caiu para um lado, Parisotto para o outro e o convidado por cima dele. Gritaria generalizada. Os outros presentes se intrometeram, separaram os dois e cada um foi dormir num quarto. No dia seguinte, um dos casais pediu para ir embora, mas a própria Luiza insistiu para que ficasse. A turma passeou pelas ilhas, Parisotto ficou recolhido e, à noite, apareceu de mãos dadas com Luiza. Ele ofereceu um jantar turco, com dançarinos e música. Todo mundo bebeu, os dois dançaram juntos e fizeram juras de amor. "Na noite seguinte, foi tudo maravilhoso. Ele a tratava como uma deusa, um lorde inglês. Ela, totalmente apaixonada. Passamos duas semanas viajando. Foram as melhores férias da minha vida", disse um dos presentes.

Em 2015, a violência física ressurgiu em mais um rompimento (em outubro), seguido de mais uma reconciliação (em dezembro), dessa vez no apartamento de Parisotto no bairro dos Jardins, em São Paulo. Começou em bate-boca, por causa de um comentário chulo de Parisotto com o qual Luiza se sentiu ofendida. A coisa desandou. Luiza relata o episódio no processo. Diz que ele lhe deu dois tapas no rosto e a empurrou contra uma mesinha, que se quebrou. Com ela debruçada sobre os destroços, chutou-a várias vezes. A amiga Tina a resgatou pela manhã. Luiza conta que precisou ir a uma clínica e saiu com um dedo engessado e a dispensa de atividades físicas por quatro semanas (esta, aliás, uma falta mais grave do que a surra de Nova York, na letra fria da lei). O laudo da radiografia anexado ao processo confirma a fratura do dedo anelar esquerdo. A defesa de Parisotto diz que essa briga nunca aconteceu. Luiza teria machucado a mão em outra situação, e Tina não aparece nas câmeras do prédio. Luiza contrapõe, afirmando que a amiga a esperou na rua.

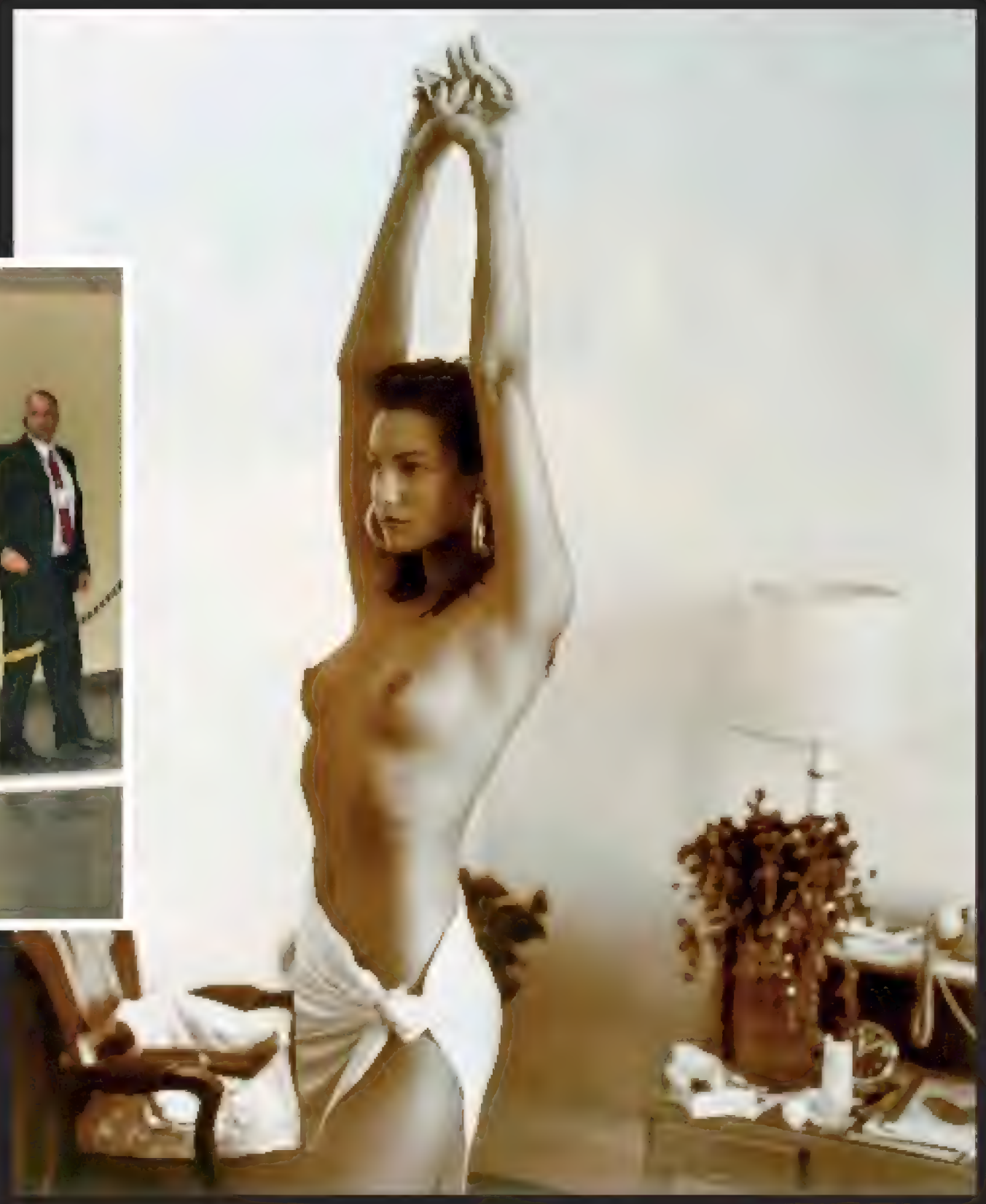
As pessoas próximas percebiam que a tensão ficava cada vez mais palpável. Depois de brigarem, Parisotto, que se definia como "sexualmente incrível", apregoava que Luiza "gosta mesmo é de machão". "A impressão que dava é que a violência, verbal e também física, foi se tornando uma coisa consentida no relacionamento", diz uma pessoa do convívio do casal. Quando a briga do dedo quebrado aconteceu, em dezembro de 2015, os dois estavam, para todos os efeitos, rompidos desde outubro. Motivo: uma mensagem misteriosamente vazada à imprensa em que ele manifestava, em termos nada elegantes, sua admiração pelos atributos de uma modelo na capa da revista *Sexy*. Diante disso, Luiza terminou tudo — mais ou menos. Continuavam a se encontrar esporadicamente. Depois da briga no apartamento dos Jardins, reconciliados, passaram o réveillon juntos em mais um cruzeiro, desta vez no Caribe. No Carnaval, o caldo entornou outra vez. Convidado por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para o seu camarote na Sapucaí, Parisotto soube que Luiza estaria lá e declinou. A viagem a Nova York três meses depois seria, talvez, mais uma tentativa de reconciliação. Virou caso de polícia.

Desde a briga, eles só se cruzaram no tribunal. Ela baixou a cabeça e seguiu para outra sala

No Brasil, a Central de Atendimento à Mulher registra uma média de 62 000 casos de violência contra mulheres por mês, cerca de 2000 por dia — números que, segundo todos os entendidos, espelham apenas uma pequena fração da realidade. Entre os relatos de agressão, metade se refere a violência física e 63% são de mulheres denunciando abusos de que são vítimas. A maior parte das que vão à delegacia é pobre, mas, segundo a juíza Teresa Cristina Cabral, que atua na área de violência doméstica, é um mito que elas sejam maioria. "As mulheres de classe baixa estão mais acostumadas a recorrer à polícia. Na prática, violência contra mulher é a coisa mais democrática do mundo", ironiza.

Como Luiza e Parisotto foram parar nessa estatística? Ninguém sabe a resposta, talvez nem eles, mas o tipo de conflito que viveram segue padrões estabelecidos. "Em um casal que se agride, inclusive fisicamente, a violência acaba virando a sua forma de contato", explica a psicóloga Lidia Aratangy, especialista em relacionamento de casais. Ela afirma que esse tipo de descontrole costuma caminhar junto com um precário desenvolvimento emocional. "Acontece bastante com pessoas que começam a trabalhar cedo, assumem responsabilidades precocemente e ficam emocionalmente atrasadas. O indivíduo não sabe canalizar os próprios sentimentos, o que pode resultar em violência."

As mensagens de aplicativos que constam do processo expuseram a instabilidade da ex-modelo e o hábito de consumir calmantes. Uma atitude dela trouxe mais munição a seus críticos. Treze dias antes de dar entrada no processo criminal, Pedro Egberto da Fonseca, o advogado de Luiza,



O FIM E O COMEÇO
Luiza, ao chegar para audiência em São Paulo quando o casal já estava rompido, e uma foto de nu artístico dela feita nos anos 1980, que Parisotto arrematou num leilão antes de conhecê-la

esteve no escritório de Luiz Kignel, representante de Parisotto, para discutir um assunto paralelo à agressão: a partilha de bens acumulados pelo empresário no período em que o casal esteve junto. Outras duas reuniões se seguiram, nenhum acordo foi alcançado e Luiza abriu outra ação, desta vez cível, contra Parisotto. Quer o reconhecimento de uma união estável — que ele diz não ter existido —, o que lhe daria direito legal ao que vê como sua metade (a quantia mais citada alcança 100 milhões de reais). Muitos amigos de Luiza foram contra essa ação judicial, por julgar que o explícito interesse financeiro enfraqueceria a condição de vítima.

Desde a pancadaria em Nova York, houve dois únicos contatos entre Luiza e Parisotto. Quando ela ainda começava a reagir, em 6 de junho, às 8h38, recebeu dele uma curta mensagem: "Vc não se invente". Não respondeu. No fim de novembro, na primeira audiência em São Paulo, cruzaram-se por segundos no tribunal. Ela manteve a cabeça baixa, foi para outra sala e não mais se encontraram. A ação, que ouvirá as testemunhas de Parisotto e ele próprio na audiência desta segunda-feira, pode se encerrar ainda neste mês em primeira instância; se ele for condenado, é certo que haverá recursos. O empresário foi enquadrado na Lei Maria da Penha e corre o risco de pegar de três meses a cinco anos de prisão, embora a punição nesses casos frequentemente seja convertida em pena alternativa. Seja qual for a decisão nos tribunais, o certo mesmo é que, numa noite de primavera em Nova York, o casal teve uma briga violenta. E o bilionário Parisotto e a bela Luiza saíram de um conto de fadas para entrar numa dolorosa estatística. ■

MV

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA AO DEPOIMENTO DE LUIZA DURANTE O PRÊMIO CLAUDIA

COMO FUNCIONA

1 Quando uma agência governamental avisa o Facebook de um desastre, ou um número significativo de usuários começa a postar mensagens sobre um incidente, ativa-se a ferramenta de ajuda

2 Pessoas na região afetada podem pedir ou oferecer auxílio, disponibilizando-se para tal dentro de categorias como "comida" e "abrigo"

3 Um mapa mostra quem necessita e quem pede ajuda, promovendo, assim, a comunicação entre as duas pontas

O FACEBOOK SALVA

Pelo menos essa é sua intenção ao lançar uma ferramenta por meio da qual se forma uma rede de pessoas que procuram ou oferecem socorro em casos de catástrofe **FILIPE VILICIC**

REDES SOCIAIS — principalmente o Facebook, a maior delas, com mais de 1,8 bilhão de usuários — têm sido duramente criticadas por disseminar o discurso de ódio, espalhar notícias falsas e estar inundadas de posts sobre inutilidades. Trata-se de acusação dura, mas verdadeira. Uma recente pesquisa da Universidade de Warwick, na Inglaterra, demonstrou como 330 rumores mentirosos ganharam corpo no Twitter mais velozmente que notícias verdadeiras. Pior: são necessárias, em média, catorze horas para que boatos on-line sejam desmentidos. Como o compartilhamento deles se propaga mais depressa que a verdade, disso resulta que, no universo digital, a mentira tenha pernas longas.

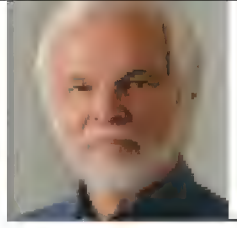
O lado perverso acabou por obscurecer funções, digamos, mais nobres das redes. Não por acaso, na semana passada, o Facebook lançou uma ferramenta que busca evidenciar o lado positivo da plataforma. Por meio da novidade, batizada de Community Help (Ajuda Comunitária), pode-se pedir ou oferecer socorro e assistência em casos de catástrofe.

"Quando os desastres acontecem, as pessoas precisam saber que seus familiares e amigos estão seguros. É nesses momentos que ser capaz de se conectar realmente importa." Foi assim que Mark Zuckerberg, CEO do Facebook, descreveu, em 2015, o Safety Check, recurso que auxiliou os atingidos por um terremoto no Nepal que matou quase 9000 pessoas. Por meio dele, que havia sido criado um ano antes, as pessoas conseguiam avisar, com um só clique em seu perfil, se estavam em segurança. O Community Help é uma evolução dessa ferramenta pioneira.

Em 2016, um grupo de funcionários do Facebook rodou o mundo para levantar informações sobre como os indivíduos lidavam com situações de extremo perigo, como desastres naturais ou mesmo conflitos sociais. "Fomos a Chennai, na Índia, para aprender com a experiência de quem enfrentou inundações, e ouvimos histórias acerca do terremoto em Kumamoto, no Japão, e dos ataques terroristas em Paris", relatou Preethi Chethan, designer do Community. "Há um esmagador senso de compaixão depois dessas crises." A empresa ouviu ainda organizações que atuam em casos semelhantes. Assim, reuniu as informações que guiaram a criação do Community Help.

Tal como estão hoje, as redes sociais já têm se provado úteis em situações graves. Depois dos ataques terroristas que mataram três pessoas e feriram 264 durante a maratona de Boston, em 2013, 26% dos americanos recorreram a elas para se informar sobre desdobramentos do episódio. A nova ferramenta do Facebook, no entanto, vai além disso, ao conectar os indivíduos afetados com quem quer auxiliá-los. É uma proposta inteligente. Resta saber, porém, se sobreviverá ao mais simples teste: será seguro confiar na suposta solidariedade de desconhecidos? A resposta virá na prática. ■

APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E ASSISTA A VÍDEO SOBRE O COMMUNITY HELP



CLAUDIO DE MOURA CASTRO

A FARRA POR UM FIO

Ministério anuncia mudança no financiamento estudantil

A FARRA NO FIES, detalhada por VEJA na edição de 25 de janeiro, pode estar perto do fim. Na segunda-feira 6, o ministro da Educação, Mendonça Filho, e o secretário de Acompanhamento Econômico do Ministério da Fazenda, Mansueto Almeida, adiantaram medidas que serão implementadas no novo modelo do programa, a ser anunciado no fim de março. A principal mudança está no teto do financiamento, que caiu de 42 000 para 30 000 reais por semestre.

Outra novidade apresentada foi a criação de um comitê com integrantes do MEC e da Fazenda, que passará a publicar relatórios com avaliações e dados fiscais do programa. O comitê também dará informações aos estudantes. Antes de se inscreverem no Fies, eles poderão comparar o salário de quem que se formou no curso em que estão interessados, na mesma região em que residem. "Assim, vão poder avaliar se vale a pena se endividarem", diz Almeida.

Mendonça Filho afirmou que buscará mecanismos para pagar o menor preço na iniciativa privada: "Não faz sentido que o governo, como grande demandador de contratos, pague mais do que pessoas que firmam contratos individuais". A reportagem de VEJA ressaltava esse problema. Em universidades do grupo Kroton, por exemplo, as mensalidades eram maiores para o aluno Fies. ■

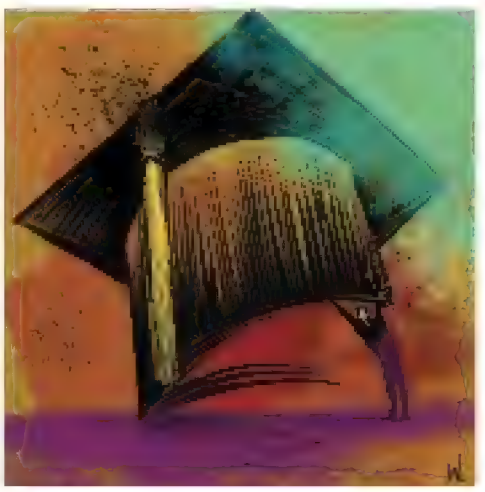
Fernanda Allegretti

GRAMSCI E O PCC

Por que amamos um modelo educacional que o mundo desdenha?

O QUE HAVERIA de comum entre o PCC e Gramsci, o comunista herético da Itália? De dentro da cadeia ambos criam grandes transtornos para os brasileiros que estão fora.

Apesar de sua origem modestíssima, Gramsci entrou na universidade e virou jornalista. No embalo, lá pelos anos 1920, virou também comunista. Brilhante e com ideias próprias, acabou rejeitado pelo partido. Mas esse era um problema menor, pois, arrostando também o nascente fascismo, foi parar na cadeia e de lá não saiu mais. Perpetrou seus escritos do xilindró.



Sua bandeira era eliminar a distância entre a educação do pobre e a do rico. Temos de louvá-lo por escolher um problema que continua aflitivo. Mas e suas soluções?

Para ele, a educação do proletariado deveria equipá-lo para, de igual para igual, discutir a sociedade. Negava a fórmula tradicional de uma formação profissional para os pobres e uma educação clássica para as elites. A verdadeira educação deveria ser abrangente e igual para todos. Nada de separar os alunos. Os píncaros da abstração deveriam ser combinados com o contato de primeira mão com o trabalho, onde seria feita a grande síntese. Todos estudariam tudo: Kant, integrais, Guerras Púnicas e instalações hidráulicas. Cunhou-se o termo "politecnia" para essa fórmula, que virou mantra sagrado de muitos educadores brasileiros.

Seus discípulos aqui torcem o nariz para o Senai, para os técnicos e tecnólogos. E também para a diversificação do ensino médio: para eles, é tudo subterfúgio para perpetuar as desigualdades.

Mas, gostemos ou não, no mundo real os filhos de pobres já chegam à escola com grandes desvantagens. Por exemplo, nos Estados Unidos, aos 4 anos, os filhos de pais educados ouviram 30 milhões de palavras a mais do que os de pais menos educados. Ou seja, já começam a escola em patamares distintos. E as diferenças não se reduzem ao longo do curso. Quando chegam ao ensino médio ou superior, é sem sentido que todos estudem a mesma variedade estonteante de assuntos.

Não seguiram Gramsci nem os ricos capitalistas, nem os comunistas, nem as grandes estrelas nascentes, como a Coreia do Sul. Em vez de um modelo igual para todos, oferecem miríades de opções, de acordo com as escolhas individuais, inclinações e potenciais de cada aluno. Umas demandam imensa abstração, outras são práticas. A desigualdade é mitigada pelos estímulos e passarelas para quem quiser mudar de trilha. É o melhor que se conseguiu.

Como a desigualdade se origina no ambiente familiar e persiste na escola, não pode ser consertada muitos anos mais adiante, com uma fórmula igual para todos ou com a eliminação das inúmeras modalidades de formação profissional. Arrisco palpitar, a solução de Gramsci inspirou-se na biografia de um jovem inteligentíssimo, ambicioso e incomum: ele próprio. Aplicada a pessoas comuns, só pode aumentar a desigualdade. Por que insistimos em um modelo jamais tentado alhures? ■

IRONIA E COVARDIA
Shostakovich nos anos 30: o compositor condenado pelo *Pravda* se tornaria um símbolo da arte soviética

A SCHOSTAKOVICH

ENTRE O TERROR E O APLAUSO

Assim viveu o russo Dmitri Shostakovich, o maior compositor da antiga União Soviética – e herói hesitante de um romance magistral do inglês Julian Barnes **JERÔNIMO TEIXEIRA**

O RUSSO Dmitri Shostakovich tinha tenros 11 anos quando foi à Estação Finlândia, em Petrogrado, para saudar o retorno de Lenin à Rússia, no crucial mês de outubro de 1917. Ou, pelo menos, esta é a lenda: no final da vida, o próprio Shostakovich, de modo tipicamente evasivo, declarava "não lembrar" se havia mesmo estado lá. Para a imagem oficial daquele que seria celebrado — ainda que tardiamente — como o compositor maior da União Soviética, a anedota pegava bem: o gênio musical aclamado já pela primeira sinfonia que escreveu, aos 19 anos, teria sido ainda mais precoce no seu ardor revolucionário. Na biografia de Shostakovich, porém, não há tantas evidências de firmeza ideológica. Sim, ele compôs obras que exaltavam o regime soviético, mas nunca se dobrou inteiramente à musicalidade simplória ditada pelo realismo socialista.

Diante dos fatos nebulosos da infância política de Shostakovich, como se arranja um escritor que deseje fazer uma peça de ficção sobre o compositor? A princípio, abrem-se duas opções simples: ou Shostakovich esteve de fato na Estação Finlândia, ou mentiu a respeito. No romance *O Ruído do Tempo*, o inglês Julian Barnes encontrou uma terceira saída: Shostakovich já contou tantas vezes a anedota sobre o retorno de Lenin à Rússia, e de tantas formas diferentes, que já não sabe mais se de fato esteve lá. Sob o jugo totalitário que se afirmava pelo terror e pela mentira, a verdade é tão fluida e cambiante quanto foi o nome da cidade natal do compositor ao longo do conturbado século XX — era São Petersburgo quando ele nasceu, em 1906; Petrogrado quando Lenin fez seu discurso histórico na Estação Finlândia, em 1917; Leningrado quando Shostakovich compôs uma sinfonia em honra à cidade que resistia ao cerco nazista, em 1941; e, finalmente, em 1991, após a debacle do comunismo, voltou ao nome com que foi batizada em 1703, São Petersburgo.

Shostakovich é um gigante da música erudita. Autor de quinze sinfonias, rivaliza com o austríaco Gustav Mahler — que compôs dez — na disputa pelo posto de maior cultor do gênero no século XX. E ainda escreveu outros tantos concertos, quartetos de corda, cantatas, peças para piano, canções e trilhas para cinema. As relações desse gênio musical com o regime soviético — e, em particular, com Josef Stalin, o sucessor do líder bolchevique que o menino Dmitri talvez tenha aplaudido na Estação Finlândia — já inflamaram debates entre historiadores, biógrafos e musicólogos. Shostakovich escreveu várias peças de franca propaganda política, como a *Segunda Sinfonia*, de 1927, cujo coro canta as glórias da revolução, ou trilhas de canhestros filmes de propaganda, como *A Queda de Berlim*, de 1949. Em contraste com esse adesismo escancarado, o ethos trágico da *Quinta Sinfonia* e a leveza satírica da *Nona* parecem, como crítica política, demasiado velados e hesitantes.

O RUÍDO DO TEMPO, de Julian Barnes (tradução de Léa Viveiros de Castro; Rocco; 176 páginas; 29,50 reais)

LEIA TRECHO DO LIVRO E OUÇA COMPOSIÇÕES DE SHOSTAKOVICH NO SPOTIFY

EQUILÍBRIO Julian Barnes: liberdade imaginativa, mas com respeito aos fatos

Julian Barnes já se provou na delicada tarefa de fazer ficção a partir de personagens reais em *Arthur & George*, de 2005, que se centra em uma campanha que Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, moveu para inocentar George Edalji, advogado de origem indiana condenado por crimes que não cometeu. Naquele romance, como agora em *O Ruído do Tempo*, o escritor equilibrava-se magistralmente entre os limites impostos pelos fatos históricos e a liberdade imaginativa sem a qual não se faz ficção. E, se *O Ruído do Tempo* é um romance superior, talvez isso se deva aos conflitos e ambiguidades do protagonista: há mais sombra e nuance no músico russo de vanguarda que tenta manter o mínimo de honestidade artística sob o tacão stalinista do que no escritor escocês popular que abraça uma causa justa.

O romance estrutura-se em torno de três momentos distintos da carreira do músico, cada um deles doloroso a seu próprio modo. Na primeira parte, intitulada "No hall", Shostakovich aguarda, postado em frente ao elevador de seu prédio, a chegada de agentes da NKVD, a polícia política, que, ele imagina, virão prendê-lo. Ele caiu em desgraça na noite em que Stalin resolveu ir à ópera, em 1936, para ver *Lady Macbeth do Distrito de Mtzensk*. A história de sangue e perversidade baseada no conto homônimo de Nikolai Leskov — a mulher de um comerciante mata o sogro e o marido para ficar com um amante jovem — e a música dissonante, com explosões nervosas de percussão e sopros, não caíram bem nos delicados ouvidos do ditador. Semanas depois, o *Pravda*, jornal oficial do regime, estampava um artigo intitulado "Confusão em vez de música", no qual Shostakovich era acusado de uma falha própria de artistas burgueses decadentes: afastara-se do povo para aderir aos equívocos do "formalismo".

Corriam então os Processos de Moscou, que exterminaram grande parte da velha-guarda bolchevique — e, para agravar a desgraça, um amigo e protetor de Shostakovich, o marechal Tukhachevski, foi implicado em uma suposta trama contra Stalin. Um dos lances mais impressionantes de *O Ruído do Tempo* parece, de tão absurdo, invenção do romancista — mas aconteceu de fato: Shostakovich foi convocado a depor, numa sexta-feira, sobre sua relação com Tukhachevski. O interrogador não ficou contente quando o músico disse que nada sabia de conspirações para assassinar Stalin e o convocou a retornar na segunda-feira. Depois de um fim de semana de angústia, o músico retorna à NKVD, mas não havia mais quem se interessasse por ele: seu interrogador fora preso no domingo.

Na II Guerra Mundial, com o êxito da *Sétima Sinfonia*, dedicada a Leningrado, que então padecia sob o cerco nazista, Shostakovich esteve provisoriamente reabilitado, embora a pecha de "formalista" reaparecesse mais tarde. Barnes detém-se pouco nos anos da guerra. A segunda parte do livro, "No avião", converge para um momento de vergonha do compositor: como estrela maior de uma comissão de artis-

© GETTY IMAGES EUROPE; ERIK BERG/DIVULGAÇÃO

CONFUSÃO EM VEZ DE MÚSICA Montagem norueguesa de *Lady Macbeth do Distrito de Mtzensk*: ópera "formalista"

tas soviéticos que foram a Nova York, em 1949, em um esforço de propaganda cultural, ele se viu forçado a apoiar publicamente a política de banir dos domínios de Stalin artistas ocidentais decadentes — inclusive Igor Stravinski, que ele muito admirava. A terceira parte, "No carro", flagra Shostakovich em seus anos finais — morreria em 1975, de câncer pulmonar —, no banco de trás de um automóvel conduzido por um chofer, privilégio de medalhões do Partido Comunista, ao qual ele fora constrangido a se filiar em 1960. Com o conforto, vem a vergonha: definitivamente reabilitado depois da morte de Stalin, Shostakovich perdera, no caminho, parte de sua alma, da honestidade artística que prezava. Sempre acreditara que a ironia inserida em suas composições mais expressivas o salvaria da infâmia, mas, no fim da vida, descobriu os limites dessa estratégia: "Um torturador ou uma vítima de tortura não podiam ser irônicos".

Nessa parte final, a voz narrativa — que, embora em terceira pessoa, jamais se afasta da perspectiva de Shostakovich — afunda em uma melancolia lamentosa e um tanto autocomplacente. Mas, acima da culpa que o protagonista amarga pelas concessões que fez para sobreviver, prevalece ainda a fé no poder da música para superar o "ruído do tempo" (Barnes, aliás, tomou essa expressão emprestada das memórias do poeta Ossip Mandelstam, que morreu no Gulag em 1938). O escritor considera Shostakovich, seu personagem, um herói. Não o diz com todas as letras no romance, mas foi assim que definiu o músico em um artigo breve publicado no jornal inglês *The Guardian*. Sim, concedia o articulista, a vida do compositor está repleta de momentos de franca covardia, mas apenas porque, sob Stalin, a covardia era o único meio que Shostakovich tinha de preservar a si mesmo e a sua família. Como vai dito a certa altura de *O Ruído do Tempo*: "O covarde conhecido convive com o herói secreto. Ou vice-versa". ■

BRAVURA LEONINA

O tocante *Lion* recria o misto de terror e fascínio de uma infância marcada por uma reviravolta trágica, e também a turbulência de, na vida adulta, tentar recompor o passado **ISABELA BOSCOV**

EXISTIR, para Saroo (o vivíssimo Sunny Pawar), é embriagante. Cercado de borboletas no mato, andando com o irmão mais velho Guddu (Abhishek Bharate) pelas trilhas, embalado pela mãe em casa ou atônito diante de tanta cor e cheiro no mercado da rua, Saroo, de 5 anos, experimenta o mundo como um turbilhão de sensações. E um dos feitos mais admiráveis de ***Lion — Uma Jornada para Casa*** (*Lion*, Austrália/Inglaterra/Estados Unidos, 2016), que estreia nesta quinta-feira no país com seis indicações ao Oscar, é transportar esse deslumbramento para dentro do périplo assustador que definiu a vida do menino, e também a do homem que ele viria a ser. Saroo, que hoje tem 36 anos e mora na Tasmânia, nasceu num vilarejo rural na região de Khandwa, no oeste da Índia. Sua mãe carregava pedras; ele e Guddu, de seus 13 anos, catavam carvão ou latas. Em um certo dia de 1986, Saroo implora a Guddu que o leve com ele para trabalhar algumas estações de trem mais adiante (ele levanta uma

DE ONDE, PARA ONDE
Sunny Pawar, como Saroo: da noite para o dia, sem lugar nem identidade

bicicleta, quase desabando sob o peso dela, para provar que já é forte; Guddu não resiste, e consente). Lá, porém, Guddu vai cuidar da vida e Saroo fica dormindo no banco da estação. Acorda e vai xeretar um trem parado nos trilhos; cai no sono lá dentro. Quando desperta, o trem segue a toda a velocidade: é uma composição de passageiros desativada, e só vai parar em Calcutá, a 1600 quilômetros dali.

São quase dois dias de desespero, aos quais a direção de Garth Davis e a montagem de Alexandre de Franceschi (colaboradores na minissérie *Top of the Lake*) conferem uma intensidade de conto de fadas — que se aprofunda nos dois sentidos, o do terror e o do fascínio, quando o trem despeja Saroo na cacofonia de Calcutá. Saroo mal sabe seu nome e o do irmão; sua mãe é só isso, "mãe". Não sabe de onde veio, e não entende o bengali local; seu idioma é o hindi. Suas chances são ínfimas: a cidade está cheia de crianças como ele, dormindo no chão e fugindo de traficantes de mão de obra escrava ou de agenciadores de exploração sexual. Em uma cena linda, Saroo imita os gestos de um rapaz que toma sopa num restaurante e que, tocado, tenta ajudá-lo. O melhor que ele consegue é que Saroo vá para um orfanato infernal. O Charles Dickens de *Oliver Twist* ou o Steven Spielberg de *Império do Sol* não teriam reparo a essa primeira hora de *Lion*: é magistral a maneira como ela registra a aventura — e a desventura — da infância, e é irresistível a interpretação de Sunny (que, apropriadamente, significa "ensolarado" em inglês).

Saroo, em cujas memórias o filme se baseia, teve mais sorte que a maioria: foi adotado pelo casal australiano Sue e John Brierley (Nicole Kidman e David Wenham), e começou uma nova vida — marcada, no princípio, por uma saudade oceânica e, depois, pela assimilação: lá pelos 25 anos, Saroo (Dev Patel) nem lembra mais que um dia foi indiano. É o filho promissor amado pelos pais, que estuda, pratica esportes, namora uma colega (Rooney Mara) e não conhece necessidade. Repentinamente, contudo, o passado o engole, reacendido por um sabor antigo, e a aflição sublimada por duas décadas retorna com a potência original: Saroo se dá conta de que a mãe e Guddu devem ter estado à sua procura em cada um dos mais de 7000 dias que os separam, e encontrá-los (e encontrar a si mesmo) vira uma obsessão que o consome.

REDESCOBERTA Patel, como o Saroo adulto: a obsessão de voltar à origem

Nesse segundo ato, o roteiro se mostra menos firme. Apesar da atuação calorosa de Nicole Kidman, a vida familiar de Saroo é pintada em pinceladas tão largas que elas nem chegam a compor um retrato. E incomoda, também, a propaganda insistente do Google Earth (a ferramenta, lançada em 2005, foi fundamental para que Saroo Brierley afinal identificasse seu vilarejo de origem). Mas a montagem de De Franceschi novamente dá a nota de excelência, na forma como sugere o extravio de Saroo entre seus dois mundos — e o desempenho de Dev Patel é tão genuino e emotivo que carrega consigo, sozinho, todo o sentimento que o espectador a essa altura terá investido na figura de Saroo. *Lion* é feito para comover. E comove, antes de mais nada, pela largueza com que quer compartilhar a história desse personagem de bravura leonina. ■

AS INDICAÇÕES

Melhor filme
Ator coadjuvante – Dev Patel
Atriz coadjuvante – Nicole Kidman
Roteiro adaptado
Fotografia
Trilha sonora

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA AO TRAILER

DIVULGAÇÃO

MÃOS LIMPAS? Simpson (Cuba Gooding Jr.) no célebre teste das luvas: a cartada racial decidiu o jogo a favor dele

A VERDADE ASSASSINADA

Mais de vinte anos após o julgamento de O.J. Simpson, a premiada série *American Crime Story*, agora disponível em streaming, retrata o cinismo moral do caso **MARCELO MARTHE**

O ADVOGADO branco Bob Shapiro (John Travolta) aproveita a chegada do negro Johnnie Cochran (Courtney B. Vance) à banca de defesa do ex-jogador de futebol americano para questionar as raposas do time: "Algum de vocês acha que nosso cliente é culpado?". Silêncio ensurdecedor. O personagem de Travolta reage com um constrangido "também concordo" e passa ao trabalho: como livrar O.J. Simpson da condenação pelo assassinato da ex-mulher, Nicole Brown, e do *affair* dela, Ron Goldman. O caso real é recontado na primeira leva de dez episódios de ***American Crime Story: The People v. O.J. Simpson***, série que pretende falar de uma história criminal a cada temporada e tem a grife de Ryan Murphy, roteirista da juvenil *Glee* e da antologia de terror *American Horror Story*. As evidências de que Simpson foi o autor do crime de 1994 são gritantes: havia sangue das vítimas nas roupas e no carro do acusado; uma luva do mesmo par usado pelo assassino estava na casa de Simpson. Mas Cochran sacará o artifício subjetivo que vai definir o jogo: a cartada racial.

American Crime Story passou meio despercebida no ano passado, no canal FX, mas a premiação de Sarah Paulson pelo papel da promotora Marcia Clark no Globo de Ouro reacendeu o interesse por ela. Disponível há duas semanas na Netflix, é um resgate oportunissimo. Murphy realiza um suspense de tribunal sufocante. Aliando a mordacidade de praxe a certo estoicismo, reconstitui as minúcias da guerra jurídica que galvanizou milhões na TV com momentos de puro circo — como a sessão em que o réu, vivido por um soturno Cuba

© DIVULGAÇÃO

JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA

Gooding Jr., mostra que as luvas do assassino não servem nele.

Que o caso se tornaria um espetáculo plebiscitário sobre racismo fica nítido desde o início, quando se exibem cenas dos distúrbios provocados pelo espancamento do negro Rodney King pela polícia de Los Angeles, dois anos antes. Mas a série vai além: seu tema, no fundo, é o que leva uma causa legítima a se converter em pretexto de tramas indefensáveis. Murphy bebe da melhor fonte, o relato em livro de Jeffrey Toobin, jornalista da revista *The New Yorker* que expôs o cinismo do caso.

Dois personagens sintetizam a perplexidade dos que se mantiveram lúcidos. A promotora Marcia dispõe de provas, mas o público enxerga nela só uma branca antipática. E o advogado Robert Kardashian (David Schwimmer) — cujas filhas virariam estrelas do reality show com seu sobrenome — vai da fé à decepção ao descobrir quem é o amigo Simpson.

Nem o fato de se saber o final — o ex-jogador é inocentado — diminui a agonia. O auge é a revelação do racismo de uma testemunha, levando à arapuca: como pedir a jurados que confiem num nazista? De choque em choque moral, compõe-se o quadro perturbador: quando a Justiça é suplantada pela catarse coletiva, a primeira vítima é a verdade. Simpson escapou, mas em 2008 foi condenado a 33 anos de prisão por um assalto. Como terá direito à condicional neste ano, é provável que logo volte aos holofotes. A série é um bom cartão de visita do ex-jogador. ■

MV | APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA AO TRAILER

CINQUENTA TONS DE CINZA

O século XIX aqui e agora nos muros da Vila de Piratininga

INSCREVER E APAGAR é o sugestivo título de um livro do historiador Roger Chartier. O vaivém entre os verbos caracteriza o dinamismo da cultura. Escrever todo o tempo anularia a leitura; como ocorre no universo das redes sociais, em que dedos ágeis respondem imediatamente a textos lidos apenas pela metade. Pelo contrário, tudo apagar reduziria a memória coletiva a um melancólico muro cinza. Cultura é a oscilação entre o impuro e o puro, o apagamento e a inscrição, os outros e nós, a violência e sua sublimação. Fora desse fluxo enriquecedor, digamos, entre grafite e pichação, o que nos restaria?

■ Aliás, qual será a cor do muro de Donald Trump?

■ PR: duas letras assustadoras em 1808, ano em que a corte portuguesa aportou na acanhada cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Como acomodar tantos corpos chegados do ultramar? Simples: a coroa requisitou as melhores residências, inaugurando a esquizofrenia que ainda hoje vigora em nossa política. Pintado nas casas selecionadas, o aviso queria dizer "Propriedade Real". O povo sabiamente converteu o anúncio em grafite linguístico, e PR passou a significar "Ponha-se na rua!". Dilema estrutural da sociedade brasileira: o divórcio entre sentido oficial e vivência cotidiana. Privilégio, porém, reservado a pouquíssimos. Para mim e para você, vale o provérbio: escreveu não leu, o pau comeu.

■ Em *Purity and Danger*, Mary Douglas refletiu acerca das noções de impureza e pureza como formas de construir mundos. Estabelecer fronteiras entre elas é tão preciso quanto reconhecer a porosidade de suas margens. A obsessão pelo puro — em estado de dicionário — bem poderia ser um transtorno diagnosticado por Simão Bacamarte, o alienista da atualíssima novela de Machado de Assis. Ele condenou a população inteira da Vila de Piratininga a uma temporada no inferno de seu malogrado laboratório social, a Casa Cinza.

■ Em 2014 a Neue Galerie, em Nova York, inaugurou uma exposição impactante: *Arte Degenerada: a Arte Moderna sob Ataque na Alemanha Nazista, 1937*. Reconstituiu-se um crime: a infame mostra ridicularizava as vanguardas. Na miopia autoritária, as telas expressionistas, a transgressão das normas e a recusa do "belo" tradicional evidenciavam a "degeneração" da cultura. Exercícios que, por isso, deviam ser apagados. O Führer preparou um fato alternativo, ou seja, uma exibição de obras "limpas". Reunidas em salões espaçosos, compunham um involuntário mausoléu da arte "linda". Eis a ironia: a "arte degenerada" atraiu um público consideravelmente superior.

■ Ainda mais preocupante do que a recente decisão da prefeitura de São Paulo de apagar um dos mais relevantes murais ao ar livre do mundo é a concepção que autorizou o gesto. Só um preconceito higienista e evolucionista, típico do século XIX, acreditaria que a pichação é o estágio "inferior" do grafite e que deve "progredir" para virar "arte".

■ Pois é: Simão Bacamarte merecia melhor sorte. ■

VEJA RECOMENDA

CINEMA

LEGO BATMAN: O FILME

(*The Lego Batman Movie*, Estados Unidos, 2017. Já em cartaz no país)

Tudo aquilo que ficou faltando em *Batman vs Superman* sobra nesta animação que dá continuidade a *Uma Aventura LEGO*, de 2014: o humor, a graça, a esperteza, a imaginação e as tiradas sobre o mundo dos super-heróis. Aqui, o sucesso de Batman no combate ao crime subiu-lhe à cabeça. O homem-morcego anda tão vaidoso que parte o coração do Coringa ao afirmar que não, ele não precisa de arqui-inimigos para ser quem é. O Coringa, então, reúne uma impressionante coleção de vilões para provar a Gotham City que Batman, sem um rival, não é nada. O resultado, repleto de cor e movimento, diverte as crianças e é uma delícia para os adultos.

CINEMA *LEGO Batman*: uma animação capaz de divertir crianças e adultos

CINEMA *Toni Erdmann*: drama cômico alemão na briga pelo Oscar

TONI ERDMANN

(Alemanha/Áustria, 2016. Já em cartaz no país)

Entrando na velhice, Winfried (Peter Simonischek) quer se reaproximar da filha, Ines (Sandra Hüller). Eles não poderiam ser mais diferentes: Winfried gosta de viver sem planos e profissionalmente é um fracasso; a executiva Ines é a personificação da eficiência e da ambição. Winfried vai então visitá-la em Bucareste, capital da Romênia, onde ela trabalha. E, a fim de driblar os estratagemas da filha para manter distância, assume um personagem — o Toni Erdmann do título, um suposto especialista em conselhos de vida que usa uma peruca e uma dentadura horrorosas e cria toda sorte de constrangimentos para Ines. O drama cômico da diretora Maren Ade foi o favorito do último Festival de Cannes (embora não tenha sido premiado), e agora é o candidato alemão ao Oscar de produção estrangeira.

DISCO

NEAR TO THE WILD HEART OF LIFE, **de Japandroids (Anti/Epitaph; disponível para download ou em sites de streaming)**

"Deixei meu lar / E tudo o que eu tinha / Havia me acostumado a ser bom / Mas agora sou mau." A faixa-título do terceiro álbum dos Japandroids carrega certo espírito típico da obra de Bruce Springsteen: fala do cidadão comum que tem de superar percalços na busca por um sonho. Os canadenses Brian King (guitarra e vocais) e David Prowse (bateria) cultuam o cantor americano, bem como o grupo de punk pop The Replacements. Seu novo disco traz faixas perfeitas para tocar nas rádios e estádios — caso de *Arc of Bar*, com seu misto de rock e eletrônica.

LIVRO

O HOMEM INVISÍVEL, **de H.G. Wells (tradução de Alexandre Barbosa de Souza e Rodrigo Lacerda; Zahar; 200 páginas; 49,90 reais ou 29,90 reais na versão digital)**

O inglês H.G. Wells (1866-1946) foi um dos inventores da ficção científica. Em cerca de cinquenta livros, definiu a feição do gênero: uma combinação entre o fascínio pelos avanços tecnológicos com a reflexão sobre suas consequências. É o caso de *A Máquina do Tempo*, *A Guerra dos Mundos* e do não menos célebre *O Homem Invisível*. A obra de 1897 fala sobre a chegada a uma cidadezinha de um forasteiro que anda coberto até o rosto. A solitária figura é um cientista que não consegue reverter sua invenção — a invisibilidade. ■

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E CONFIRA TRECHOS DAS OBRAS

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA** Augusto Cury [1 | 15] SEXTANTE
2. **QUATRO VIDAS DE UM CACHORRO** W. Bruce Cameron [2 | 11] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS
4. **DOIS IRMÃOS** Milton Hatoum [10 | 4] COMPANHIA DAS LETRAS
5. **COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ** Jojo Moyes [3 | 52#] INTRÍNSECA
6. **DEPOIS DE VOCÊ** Jojo Moyes [4 | 51] INTRÍNSECA
7. **A GAROTA NO TREM** Paula Hawkins [5 | 51#] RECORD
8. **1984** George Orwell [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS
9. **A LIVRARIA MÁGICA DE PARIS** Nina George [0 | 1] RECORD
10. **A AMIGA GENIAL** Elena Ferrante [0 | 1] BIBLIOTECA AZUL

NÃO FICÇÃO

1. **RITA LEE: UMA AUTOBIOGRAFIA** Rita Lee [1 | 12] GLOBO
2. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [3 | 139#] RECORD
3. **NOVOS CAMINHOS, NOVAS ESCOLHAS** Abilio Diniz [5 | 13] OBJETIVA
4. **HUMANO DEMAIS** Rodrigo Alvarez [4 | 10] GLOBO
5. **MENTES DEPRESSIVAS** Ana Beatriz Barbosa Silva [6 | 64] PRINCIPIUM
6. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [2 | 144] L&PM
7. **HOMO DEUS** Yuval Noah Harari [7 | 10] COMPANHIA DAS LETRAS
8. **O QUE TEM NA GELADEIRA?** Rita Lobo [3 | 20] SENAC SÃO PAULO
9. **LAVA JATO** Vladimir Netto [9 | 31] PRIMEIRA PESSOA
10. **FILOSOFIA PARA CORAJOSOS** Luiz Felipe Pondé [10 | 22#] PLANETA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?** Mario Sergio Cortella [2 | 25] PLANETA
2. **PROPÓSITO** Sri Prem Baba [3 | 84] SEXTANTE
3. **TODO MUNDO TEM UM ANJO DA GUARDA** Pedro Siqueira [1 | 15] SEXTANTE
4. **ANSIEDADE** Augusto Cury [4 | 157] SARAIVA
5. **O PODER DO AGORA** Eckhart Tolle [9 | 16#] SEXTANTE
6. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [10 | 82#] OBJETIVA
7. **O PODER DA AÇÃO** Paulo Vieira [8 | 80#] GENTE
8. **ANSIEDADE 2** Augusto Cury [6 | 29#] BENVIRÁ
9. **NÃO SE ENROLA, NÃO** Isabela Freitas [5 | 12] INTRÍNSECA
10. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [0 | 51] COMPANHIA EDITORA NACIONAL

INFANTOJUVENIL

1. **HARRY POTTER E A CRIANÇA AMALDIÇOADA** J.K. Rowling [1 | 1] ROCCO
2. **O DIÁRIO DE LARISSA MANOELA** Larissa Manoela [2 | 31] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **O LAR DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES** Ransom Riggs [10 | 7] INTRÍNSECA
4. **AUTHENTIC GAMES – A BATALHA DA TORRE** Authentic Games [3 | 20#] ASTRAL CULTURAL
5. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [0 | 134#] ROCCO
6. **AUTHENTIC GAMES – VIVENDO UMA VIDA AUTÊNTICA** Authentic Games [4 | 4#] ASTRAL CULTURAL
7. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [0 | 166#] VÁRIAS EDITORAS
8. **O ORFANATO DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES** Ransom Riggs [8 | 43] LEYA BRASIL
9. **EXTRAORDINÁRIO** R.J. Palacio [0 | 9#] INTRÍNSECA
10. **AUTHENTIC GAMES – A BATALHA CONTRA HEROBRINE** Marco Túlio [5 | 6#] ALTO ASTRAL

Fontes: **Belo Horizonte:** Livrarias Catarinense; **Belém:** Leselivros; **Belo Horizonte:** Fnac, Leselivros, Leitura; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Livrarias Catarinense; **Brasília:** Cultura, Fnac, Leselivros, Leitura, Nobel, Saraiva; **Campinas:** Cultura, Fnac, Leselivros, Leitura; **Campo Grande:** Leitura; **Caxias do Sul:** Saraiva; **Curitiba:** Fnac, Leselivros, Livrarias Curitiba, Saraiva; **Florianópolis:** Leselivros, Livrarias Catarinense, Saraiva; **Fortaleza:** Cultura, Leselivros, Saraiva; **Foz do Iguaçu:** Leselivros; **Goiânia:** Fnac, Leitura, Saraiva; **Governador Valadares:** Leitura; **Ilhéus:** Fnac; **Ipatinga:** Leitura; **João Pessoa:** Leitura, Saraiva; **Joinville:** Livrarias Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura; **Londrina:** Leitura; **Lavras:** Livrarias Curitiba; **Macaé:** Leselivros; **Magé das Cruzes:** Saraiva; **Maringá:** Leselivros; **Petrópolis:** Nobel; **Piracicaba:** Nobel; **Porto Alegre:** Cultura, Fnac, Saraiva; **Recife:** Cultura, Leselivros, Saraiva; **Ribeirão Preto:** Fnac, Livraria, Saraiva; **Rio de Janeiro:** Argumento, Fnac, Leselivros, Saraiva; **Tiradentes:** **Salvador:** Saraiva; **Santa Bárbara d'Oeste:** Nobel; **Santo André:** Saraiva; **Santos:** Saraiva; **São Paulo:** Cultura, Fnac, Leselivros, Livraria da Vila, Livrarias Curitiba, Martins Fontes, Nobel, Saraiva; **Sorocaba:** Saraiva; **Vila Velha:** Saraiva; **Vitória:** Leselivros, Leitura; **Internet:** Cultura, Fnac, Leselivros, Leitura, Nobel, Saraiva, Submarino

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior; B] há quantas semanas o livro aparece na lista; #] semanas não consecutivas

J.R. GUZZO

DIANTE DOS FATOS

UMA DAS COISAS menos necessárias que o público tem hoje à sua disposição é mais um artigo na imprensa falando mal de Donald Trump. O imperador Calígula, se fosse vivo, teria uma imagem melhor que a dele na mídia mundial — e olhem que ainda faltam quatro anos para o homem ir embora, a menos que consiga repetir o feito de Dilma Rousseff e ser despejado da Casa Branca antes do prazo. Nas poucas semanas desde a sua posse como presidente dos Estados Unidos, ou desde que foi eleito, ou desde que saiu candidato, Trump tem sido provavelmente o maior saco de pancadas que jamais apareceu na vida pública americana. Um jornal de prestígio internacional chegou a fazer uma pesquisa, extensa e erudita, sobre as origens da palavra "mentira" na língua inglesa, para informar aos leitores que ela podia, sim, ser aplicada em sã consciência a praticamente tudo o que Trump diz. Outro veículo de igual renome fez uma denúncia, com toda a seriedade, para "desconstruir" o que Trump come — hambúrguer, bacon, salgadinhos. Naturalmente, os especialistas ouvidos ficaram indignados; uma dieta dessas, garantiram, faz tão mal que pode afetar suas decisões. Criticaram seu filho de 10 anos de idade — e por aí afora. O que ficou faltando?

Muita coisa, ainda, levando-se em conta o talento demonstrado até agora pelo presidente para ter sempre na ponta da língua alguma frase que vai ofender alguém — e, desde que assumiu o cargo, as decisões que tem tomado. Seja como for, apesar de tudo o que já se falou e ainda vai se falar sobre Donald Trump, talvez fosse o caso de lembrar que pouco se mencionou aquele que, no fundo, pode ser o seu pior traço — a tentativa e as promessas de recriar um mundo extinto. Foi com essa conversa que ele conquistou a imaginação de mais de 60 milhões de eleitores, número que, embora inferior ao de sua adversária, foi suficiente para torná-lo presidente pelas regras eleitorais americanas. Só que agora Trump está com o problema de entregar o que essa gente toda está esperando — e isso não dá para fazer, nem agora nem mais tarde. A dificuldade começa por uma de suas frases de maior sucesso durante a campanha: "Comprem produtos americanos, empreguem cidadãos americanos". Fica bonito no palanque, mas na vida real não pode ser transformado em nada de concreto. É demagogia, ou marketing eleitoral feito unicamente para caçar voto, e isso só serve em campanha; para governar é inútil.

Calígula, se fosse vivo, teria uma imagem melhor que a de Trump na mídia

Comprar produto americano? De que jeito? Milhões de cidadãos americanos compram produtos importados todos os dias, na sua vida cotidiana, porque simplesmente não há produtos americanos para comprar. Onde alguém vai encontrar um par de tênis americano, por exemplo, ou um aparelho de som? São indústrias que não existem mais nos Estados Unidos, como milhares de outras; fazem parte de um mundo que acabou. "Empregar americanos", como quer Trump, é mais difícil ainda. A maioria das pessoas não emprega ninguém, porque não tem emprego nenhum a dar; elas estão preocupadas, isto sim, em arrumar um emprego para si próprias. As empresas, que poderiam contratar, frequentemente não têm opção: dão emprego a estrangeiros, que em geral não são sindicalizados ou organizados, porque fica mais barato. Muitas, na verdade, transferem para o exterior suas linhas de montagem, em busca de custos trabalhistas menores — sem o que não conseguem competir com ninguém. Pior ainda é a história de "devolver aos americanos" os empregos que lhes foram "roubados". Nada foi roubado, e, portanto, nada pode ser devolvido: os empregos de que Trump fala desapareceram com o progresso e não podem ser criados de novo.

Como devolver aos americanos os bons empregos em indústrias "tradicionais" se elas morreram, ou produzem hoje outras coisas? Não é possível criar de novo postos de trabalho para a fabricação de rádios a válvula, réguas de cálculo ou filmes para máquina fotográfica; são produtos que não existem mais, e não podem gerar emprego algum. Na mesma linha, pergunta-se para que servirá o famoso "muro" de 3 000 quilômetros que Trump quer construir na fronteira com o México, para impedir a entrada de mexicanos em território americano. É duvidoso que consiga — ou que sirva para resolver o problema. E o que ele pretende fazer com os dois oceanos que separam os Estados Unidos da Ásia, de um lado, e da Europa e da África, do outro? Imigrantes clandestinos não vêm só do México. Cada vez mais, de agora em diante, Trump terá de lidar com fatos. ■

O ENERGÉTICO ACABOU DE EVOLUIR. VÁ COM ELE!

- Mude para o primeiro e único energético 100% natural e orgânico
- Sem conservantes, sódio, corantes, taurina e outras substâncias químicas
- Ação energética prolongada e sem efeitos colaterais
- Sucesso no Japão, Estados Unidos, Chile e outros países
- Reconhecimento de qualidade orgânica

PRATIQUE ORGANIQUE
Porque seres vivos são orgânicos

100% NATURAL BRAZILIAN ENERGY
ORGANIQUE
AÇAÍ, MATÉ, GUARANÁ

Acesse assinegobox.com.br e receba seu energético, com desconto, em casa.

GO BOX

EM QUE CIDADE QUEREMOS VIVER?

Itaú APRESENTA

CICLOS

UM DOCUMENTÁRIO SOBRE MOBILIDADE URBANA,
ASSISTA EM **PROJETOCICLOS.COM.BR**

CRIAÇÃO E PRODUÇÃO VICE

UM FILME DIRIGIDO POR ALEXANDRE CHARRO | COM A PARTICIPAÇÃO DE EDUARDO MAGRÃO, CAROLINA SAYURI IKEDA E LORENA GARRIDO | DIREÇÃO EXECUTIVA DE CRIAÇÃO GABRIEL KLEIN | PLANEJAMENTO CRIATIVO GUSTAVO BASTIAN | DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA FELIPE MENEGHEL | DIREÇÃO EXECUTIVA DE PRODUÇÃO ROBERTA CUNHA | PRODUÇÃO LETICIA COSTA PINTO | DIREÇÃO DE ARTE FILPI FILIPPO | SUPERVISÃO EDITORIAL ANDRÉ MALERONKA | CONSULTORIA TEMÁTICA DANIEL GUTH | FINALIZAÇÃO FELIPE BRANCAGLION E VICTOR CIAPPINA | MONTAGEM VICTOR CIAPPINA, MARI NORAGA E MICHELE LEMES | COMPUTAÇÃO GRÁFICA MARCO TEIXEIRA | TRILHA SONORA MARCOS GEREZ, FERNANDO CAPPI E JINGLE PUNKS